

REVISTA

EDIÇÃO Nº 123 | SETEMBRO DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS



ENTREVISTA COM

FAUNO MENDONÇA

AUTOR DO LIVRO "D. E O PROCURADOR"

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Fauno Mendonça - Foto divulgação



6

FAUNO MENDONÇA

Escritor goiano que desde seu primeiro livro, *A Busca dos Loucos*, já mostrava uma sensibilidade ímpar para abordar dramas humanos [...] Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: @conexaoliteratura
Facebook 2: @conexaogramatica
Instagram: @revistaconexaoliteratura
Youtube: @conexaonerd



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



ÍNDICE

Expediente,	pág. 02
Editorial,	pág. 04
Patrocinadores da Revista Conexão Literatura,	pág. 05
Especial: Escritor Fauno Mendonça,	pág. 06
O incrível exército de Brancaneone, por Gilmar Duarte Rocha,	pág. 16
Poema: Não equivalentes, por Sellma Luanny,	pág. 21
Poema: Sem sentidos, por Jaff Silva,	pág. 22
Soneto: Sem sentidos, por Jaff Silva,	pág. 24
Arquétipos literários de amor, por Clarissa Machado,	pág. 25
Poema: Coisas de quem está vido, por Mirian Menezes de Oliveira,	pág. 30
Poema: As Ruínas da Cidade Imperial do Reino Minyue, por Pan Liming,	pág. 32
Poema: Compartimentos Estanques, por Pan Liming,	pág. 34
Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny,	pág. 36
Dicas para leitura,	pág. 40
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa,	pág. 42
Obra do escritor e editor Ademir Pascale chega até a China,	pág. 48
Poema: A mentira poética do envelhecer, por Sandra de Castro Profeta,	pág. 50
Poema: O outro, por Marcela Vieira,	pág. 52
Livro O Pecador, de Zarak Krumfort,	pág. 54
Do concreto e do abstrato - O Vampiro Energético, por Flavio Joppert,	pág. 57
Poema: Fagulha, por Ivana T. Souza,	pág. 62
Entrevista com Andrea dos Santos,	pág. 64
Entrevista com Flávia Fernandes,	pág. 70
Entrevista com Roberto Schima,	pág. 75
Citações de grandes autores,	pág. 83
Conto: O último guardião do tempo, por João Gomes,	pág. 87
Conto: Fora da lei, por Idicampos,	pág. 91
Conto: Arapuca e Machadinha, por Ivana T. Souza,	pág. 96
Conto: A rosa amarela, por Luciana Simon de Paula Leite,	pág. 108
Conto: Sniff - Uma história, por João Maurício Ricci,	pág. 114
Conto: Praia dos anjos, por Mí Santiago,	pág. 130
Conto: O sorriso da Zibelina Escarlata, por Ney Alencar,	pág. 135
Conto: Linha reta, por Roberto Schima,	pág. 141
Para colecionar,	pág. 151
Mídia Kit,	pág. 154
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura,	pág. 155

EDITORIAL

Caros leitores,

Setembro chegou, e com ele mais uma edição especial da Revista Conexão Literatura. Nossa missão continua sendo a mesma: incentivar a leitura, valorizar autores e aproximar leitores de obras que merecem ser descobertas. Nesta edição, trago para você uma entrevista imperdível com Fauno Mendonça, onde conversamos sobre sua trajetória, influências, processo criativo e, claro, as múltiplas camadas e segredos de D. e o Procurador.

Também anunciamos a nova obra do talentoso escritor Roberto Schima, intitulada *A Voz do Oceano*, uma história sensível e envolvente, que promete tocar os leitores com sua narrativa. Você confere mais detalhes nas próximas páginas.

Na Conexão Literatura, acreditamos que a leitura é capaz de transformar vidas, ampliar horizontes e inspirar novas histórias. Por isso, seguimos firmes em nosso propósito de dar voz aos escritores, abrir espaço para novas narrativas e incentivar o hábito da leitura entre pessoas de todas as idades. Boa leitura!

Para saber como participar da nossa edição de outubro/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpn



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterochoa.com.br
Instagram: @gilmarduarterochoa



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

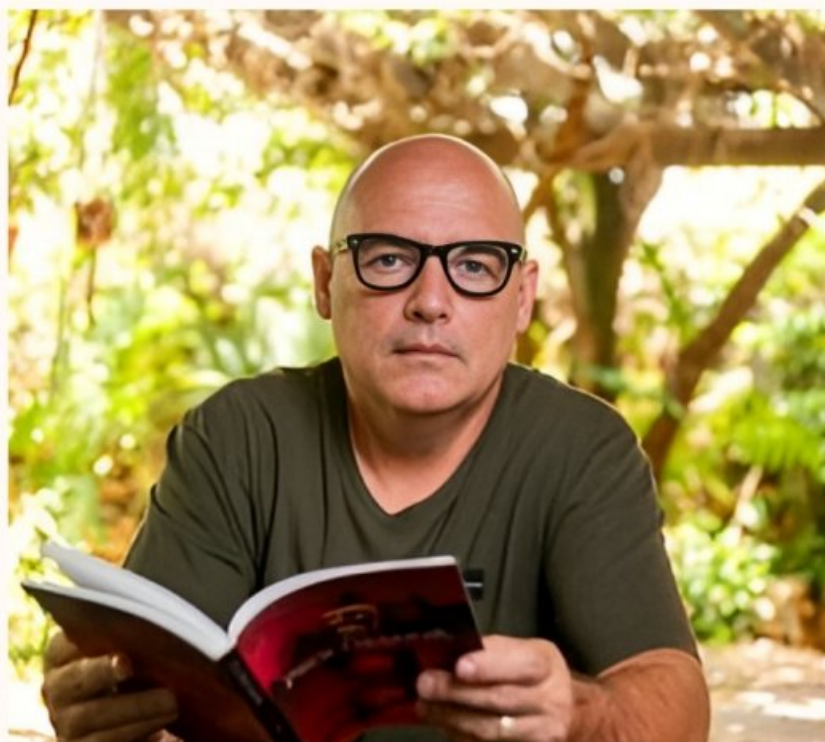
clique aqui



Entrevista exclusiva com Fauno Mendonça

POR ADEMIR PASCALE

A literatura brasileira contemporânea ganha força quando autores ousam revisitar clássicos universais com novas perspectivas, sem perder a identidade própria. É o caso de Fauno Mendonça, escritor goiano que desde seu primeiro livro, *A Busca dos Loucos*, já mostrava uma sensibilidade ímpar para abordar dramas humanos. Seu romance *D. e o Procurador* propõe um mergulho psicológico e filosófico no universo de Bram Stoker, trazendo à tona uma leitura intensa e intimista sobre o Conde Drácula e sobre Connor Burke, um procurador que enfrenta dilemas tão obscuros quanto a própria noite.



Fauno Mendonça - Crédito: Fernando Pires



Nesta entrevista para a Revista Conexão Literatura, conversamos com Fauno Mendonça sobre sua trajetória, influências, processo criativo e, é claro, sobre as camadas e segredos de *D. e o Procurador*.



Livro "D. e o Procurador, de Fauno Mendonça
Revista Conexão Literatura: Fauno, para começarmos, como foi crescer no Planalto Central durante um período tão turbulento como o final dos anos 60 e 70? Você acredita que esse cenário histórico influenciou sua escrita?

Fauno Mendonça: Nasci em 1968, ano do AI 5. Naquele período, até por volta dos anos 80, por óbvio, não tinha compreensão clara dos aspectos políticos, econômicos e sociais do nosso país, todavia, na minha casa em Goiânia, já ouvia de meus pais e de seus amigos que não era conveniente falar mal do Governo. Esse peso me influenciou ao longo de minha vida, porquanto os medos alheios sempre deixam marcas que, por vezes, nem percebemos. Tais circunstâncias históricas revelam que a ditadura militar mostrou sua sombra. Não obstante, é fundamental que se compreenda a história de forma nítida para entender as razões da existência do "período de ferro". Não defendo quaisquer tipos de tirania. Sou pleno defensor da liberdade e da democracia, mas verdade seja dita, muitos daqueles que falsamente defendiam a liberdade, somente queriam impor ao Brasil uma ditadura muito pior à existente naquele período.

Esse fato é inexorável, trata-se de uma premissa, para tanto, basta observar que vários dos “defensores da liberdade” não passavam de nefastos terroristas, defensores de ideologias genocidas. E muitos deles ainda lutam ferozmente até hoje para nos calar e instituir um autoritarismo severo camuflado de democracia. De toda sorte, não evoluímos com os erros do passado, somos ainda um país com muitas deficiências e com uma democracia precária. Além disso, nos dias atuais, estamos perdendo celeremente nossa liberdade a olhos vistos. Não vamos ser ingênuos, vivemos atualmente traços fortíssimos de ditadura. Para além disso, as instituições não correspondem aos anseios do povo e o Estado de Direito evidencia fissuras gravíssimas, sobretudo, na cúpula do poder. Nosso futuro como sociedade e país está comprometido. Nesse cenário, tais circunstâncias, certamente, me influenciaram e continuam infundir seu fardo ao escrever, notadamente quando adentro nos medos, nas dores e nos propósitos do ser humano.

Revista Conexão Literatura: Seu primeiro livro, A Busca dos Loucos, foi publicado aos 35 anos. O que o motivou a escrever essa obra e como foi o processo de se tornar autor?

Fauno Mendonça: A obra “A Busca dos Loucos”, na verdade, foi escrita bem antes dessa idade, pois já estava

praticamente pronta ao decidir publicá-la. Houve apenas algumas correções e finalizações. A obra invade uma profunda jornada pelo interior humano sobre o real sentido da vida. Tentei demonstrar que a vida deve seguir seu curso na simplicidade para que as equações complexas impostas pelo mundo não atrapalhem o caminho natural da harmonia e da redenção das pessoas. O livro tem um peso emocional carregado, sobretudo, ao tratar do aspecto morte, mas sinaliza para a valorização da clareza em detrimento do sofrimento. Só os “loucos” tem coragem para lutar por suas verdadeiras buscas, mesmo que isso custe muito caro. Siga a luz de vela na escuridão, talvez isso resuma um pouco a essência do livro.

O processo de ser escritor não advém de um plano retilíneo, mas da decorrência das coisas aleatórias da existência. A partir do momento que se inicia a leitura do mundo, não simplesmente pela leitura formal, mas principalmente por tudo que está ao redor, algumas pessoas têm necessidade de descrevê-lo e compreendê-lo melhor. Esse processo, comumente, ao iniciar, não se restringe àquele que escreve, porquanto a escrita precisa ser compartilhada com outras pessoas. Não basta escrever, é preciso que as outras pessoas leiam aquilo que foi escrito e façam parte desse sentimento de busca pela

compreensão. Como dizem: “não basta falar é preciso ser ouvido”. Acho que literatura também funciona nesse sentido.

Revista Conexão Literatura: Após esse lançamento, houve um intervalo de quase 10 anos até o próximo livro. O que aconteceu nesse período que o afastou e depois o reconectou à literatura?

Fauno Mendonça: Definitivamente, viver é algo divino, trata-se de uma dádiva, mas não é tarefa fácil. Não sou escritor em tempo integral, tenho somente cinco livros escritos. Atividades profissionais e pessoais me afastaram temporariamente da escrita por questões alheias a minha vontade, no entanto, a literatura manteve-se ao meu lado naquele período. Nunca deixei de pensar sobre a escrita nem deixei de ler e colher reflexões sobre as coisas que transitavam ao meu redor.

Revista Conexão Literatura: Vamos falar de D. e o Procurador. A obra revisita o universo criado por Bram Stoker. Em que momento surgiu a ideia de visitar o mito de Drácula, mas sob uma ótica mais dramática e introspectiva?

Fauno Mendonça: Drácula, livro com fortes toques de suspense gótico, escrito no final do século XIX por Bram Stoker, sem dúvida, trata-se de um

dos maiores sucessos da literatura mundial. Influenciou diversos outros autores, peças de teatro, filmes etc. É um clássico do suspense, do terror e do drama. Sim, drama, pois se olharmos com mais precisão, veremos um vilão a procura de sua afirmação no plano do amor. De forma que, diante de tantas circunstâncias artísticas, “Drácula” se transformou em um ícone sem precedentes, portanto, esse personagem ainda permanece muito vivo, além de não ter hora para findar. Nesse contexto, ao ler essa obra genial, verifiquei, entretanto, alguns pontos vagos, então, decidi escrever uma história anterior para que pudesse se encaixar na grande obra de Bram Stoker.

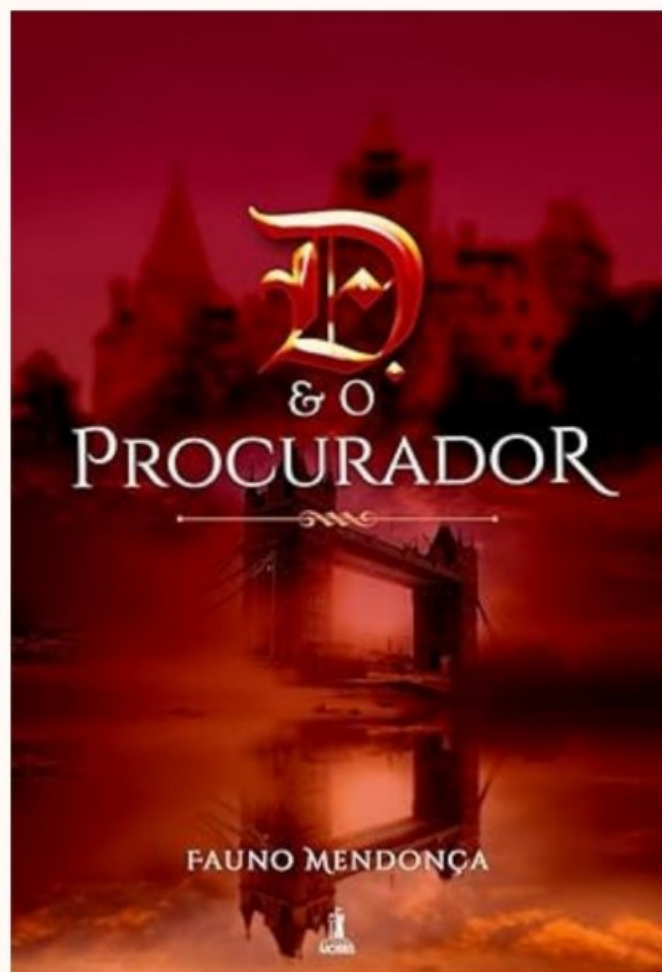


Fauno Mendonça - Crédito: Fernando Pires

“

GOSTO DE SEGUIR O LADO POÉTICO E MAIS INTROSPECTIVO. TENHO PREDILEÇÃO PELA FILOSOFIA, PELA BUSCA INTENSA DE COMPREENDER AS RAZÕES DE NOSSOS SENTIMENTOS E ATITUDES. TRATA-SE DE UMA TAREFA ÁRDUA E INFINITA. NÃO CONSIGO IMAGINAR A MINHA ESCRITA DE OUTRA FORMA.

FAUNO MENDONÇA



Sei que a tarefa não seria simples, além de muito desafiadora. Desse modo, mantive a literalidade de suas perspectivas em meu livro e explorei um pouco mais alguns de seus personagens. Mas é importante ressaltar que avancei, principalmente, no pensamento e sentimentos de Drácula, busquei demonstrar seu lado não contado, sua dor e solidão, especialmente sua loucura para amar. O livro ocupa a seara do psicológico do Vampiro dos Cárpatos e demonstra um intimismo pouco explorado. Quem leu a obra “Drácula” terá outra visão desse personagem, pois procurei colocá-lo mais próximo dos sentimentos humanos e um pouco

mais distante do terror raso. Nesse contexto, criei o personagem Connor Burke, procurador, que também tinha grandes dilemas a serem resolvidos. Para tanto, ele precisava de respostas, as quais poderiam ser encontradas, caso tivesse um encontro com Drácula no lado mais oriental e misterioso da Europa.

Revista Conexão Literatura: O Conde Drácula, em seu livro, não é apenas o vilão clássico, mas um ser em busca de redenção. Por que escolheu essa abordagem mais humana para o personagem?

Fauno Mendonça: Penso que o cerne do sucesso da obra “Drácula” se mantém na identificação que o ser humano tem com seu próprio lado vilão, pois a criatura humana, em que pese ser altruísta, possui egoísmo e, por vezes, perversidade, porém, há um freio oriundo da moral que impede o avanço desse lado sombrio. Drácula também está nesse âmbito do imaculado ao maculado. Por isso, penso que esse personagem precisa ser visto não simplesmente em face de um terror tosco. Nesse cenário, explorei em minha obra essas gradações para que o leitor possa conhecer um pouco mais sobre esse vampiro de traços intensos, assim, tive que invadir sua história, seus desejos e frustrações para indicar os motivos que o levaram a sair de seu castelo, sua zona de conforto, para a Inglaterra. Os motivos de seu egoísmo

e de sua “perversidade” e as razões que o levaram a buscar um amor imortal.

Revista Conexão Literatura: O Procurador Connor Burke é uma figura central e complexa. Ele tem algo de autobiográfico ou inspirado em pessoas reais que conheceu?

Fauno Mendonça: O Procurador trata-se de um personagem muito complexo, pois era irlandês e obteve sucesso profissional na Inglaterra Vitoriana. Naquele período esses países passavam por severas turbulências políticas e isso o incomodava bastante. Nesse contexto, ele ainda buscava entender melhor seu propósito de vida. Acho, no entanto, que os conflitos vivenciados por Connor Burke não é algo raro, independentemente daquelas circunstâncias. Esse personagem pode ser encontrado comumente nos planos ordinários das dificuldades humanas. Não se deve olvidar que, ao tentar compreender o sentido de nossa existência, passamos também a não aceitar a subjugação. O Procurador se enquadra justamente nesse aspecto de busca por lucidez e não se dominado por forças alheias.

Revista Conexão Literatura: Na sinopse, vemos a referência à solidão do “anti-herói das sombras”. Qual foi o maior desafio de transmitir esse sentimento de isolamento ao leitor?

Fauno Mendonça: Essa referência tem grande relevância para o personagem Drácula em minha obra, pois aponto que ele permaneceu na solidão por mais de 400 (quatrocentos) anos para poder seguir para a Inglaterra em busca de sua paz interior. Nesse ínterim, por óbvio, por precisar de sangue, fez coisas horríveis sob o manto das noites carregadas de mistério, entretanto, essas atitudes não foram praticadas por acaso, existiram razões plausíveis para isso e o leitor poderá compreendê-las ao ler “D. e o Procurador”. Entendo que esse paradoxo foi o grande desafio ao escrever a obra, indicar o vilão com características de herói.

Revista Conexão Literatura: Seu texto possui uma forte carga poética e filosófica. Você já começa escrevendo dessa forma ou essa profundidade surge no processo de revisão?

Fauno Mendonça: Acho que são características de minha escrita, gosto de seguir o lado poético e mais introspectivo. Tenho predileção pela filosofia, pela busca intensa de compreender as razões de nossos sentimentos e atitudes. Trata-se de uma tarefa árdua e infinita. Não consigo imaginar a minha escrita de outra forma. Assim que me sinto livre para dizer aquilo que gostaria de expor ao mundo exterior e a mim mesmo, mas sempre há revisões,

cortes e acréscimos que alteram o texto. Tudo isso faz parte do processo ao escrever uma obra de ficção.

Revista Conexão Literatura: Quais foram as principais pesquisas ou referências históricas e literárias para compor o cenário e a atmosfera de D. e o Procurador?

Fauno Mendonça: Busquei, primeiramente, compreender o histórico da obra de Bram Stoker para entender como ele criou um personagem tal marcante, visto que o personagem Drácula não foi criado do nada, houve um processo literário anterior que amparou sua criação. Importante destacar que o período Vitoriano, final do século XIX, o mundo era regido pelo positivismo, mas ainda havia fortes traços de superstições e crendices. O tema “vampirismo” estava em voga na literatura daquela época. O grande poeta Lord Byron em “Fragmentos de um Romance”, por exemplo, esteve envolvido nesse tema. Além disso não podemos esquecer de alguns clássicos vampirescos anteriores à obra de Bram Stoker, tais como: “O Vampiro”, de John William Polidori, “Carmilla”, do autor irlandês Sheridan Le Fanu, “O retrato Oval” de Allan Poe, “A família do Vurdalak”, de Aleksei Tolstoi. Todas essas obras dentre tantas outras são exemplos de que o vampirismo já era explorado no mundo da literatura. Penso, todavia, que o fato de um ser



Fauno Mendonça - Crédito: Fernando Pires

que morre e volta para atormentar vidas alheias, por si só, tem bastante condições de suscitar o imaginário humano. Aliado a isso, no livro adentrei em aspectos políticos e sociais do final do século XV, conflito entre o mundo cristão e o Islã, bem como, a rixa do Império Inglês e a Irlanda, além da obscura rivalidade cultural do leste Europeu com o lado mais desenvolvido da Europa. Não posso deixar de dizer ainda que pesquisei, de forma superficial, fatos inerentes à formação da Europa Oriental, notadamente da Transilvânia.

Revista Conexão Literatura: Em um mundo literário repleto de releituras, qual você acredita ser o diferencial da sua obra para os leitores que já conhecem Drácula?

Fauno Mendonça: O diferencial encontra-se no intimismo do personagem Drácula. Em Bram Stoker esse lado mais reflexivo,

introspectivo, não foi explorado. Outros personagens como Van Helsing e Renfield também sofreram alguns acréscimos para melhor compreensão do leitor em relação à obra Drácula. Tais nuances são importantes, mas a diferença maior reside nas histórias das obras. Narro uma história antes dos fatos ocorridos na obra clássica, assim, o leitor poderá dar continuidade de “D. e o Procurador” na própria obra de Bram Stoker, enquanto que aqueles que já leram Drácula descobrirão fatos anteriores a ida de Jonathan Harker ao Castelo do Conde da Transilvânia.

Revista Conexão Literatura: Você também publicou Bragof e Ao Norte do Silêncio. O que une e o que diferencia esses livros de D. e o Procurador em termos de temática e estilo?

Fauno Mendonça: Todos esses livros têm as reflexões como norte, como temática. Sempre procurei fazer ponderações sobre o passado, o presente e o futuro, principalmente em momentos de crise. Em todas essas obras há possibilidades para repensar sobre a vida e ter mais lucidez para seguir o verdadeiro propósito de nossa existência. Na obra “Bragof”, o leitor irá ver um protagonista que procura entender seu passado para caminhar mais seguro para seu futuro. A remissão tem forte presença na narrativa, já a obra “Ao Norte do Silêncio”, são

apenas textos curtos com temas variados para provocar reflexões. De forma que em “D. e o Procurador”, entendo que possuem temas e estilos assemelhados a essas obras, visto que o intimismo aliado às reflexões são as características principais desse livros, porém, observadas as características próprias de cada obra.

Revista Conexão Literatura: Por fim, quais são seus próximos projetos literários e o que os leitores podem esperar de Fauno Mendonça nos próximos anos?

Fauno Mendonça: Tenho vários projetos, mas ainda não decidi qual deles será implementado. De qualquer forma, o novo livro seguirá o caminho dos demais, o intimismo era prevalecer. No mais, espero que os leitores possam, ao eventualmente ler uma de minhas obras, descobrir com maior nitidez o seu propósito de vida. Essa é a minha verdadeira intenção quando escrevo.

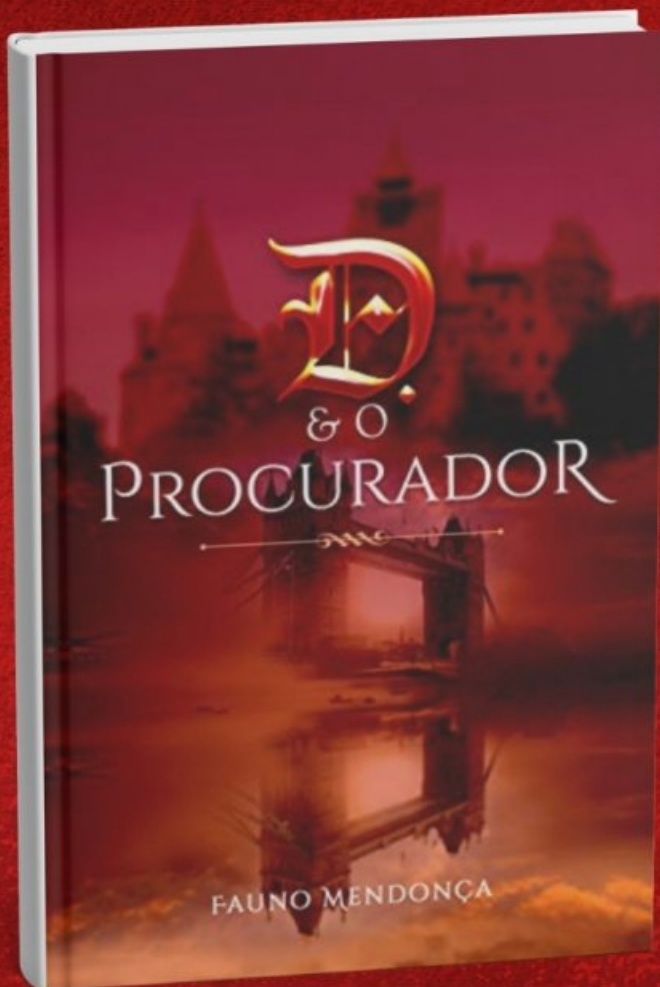
SAIBA MAIS SOBRE O AUTOR E SEUS LIVROS:





D. E O PROCURADOR

POR FAUNO MENDONÇA



Nos passos flutuantes do Conde Drácula, esta obra escoa nos seus preparativos para seguir rumo à Inglaterra Vitoriana do final do século XIX em busca de sua redenção, bem como, adentra nos profundos questionamentos do Procurador Connor Burke. Não se trata de uma ficção de terror, aproxima-se de um intenso drama com tons de suspense, no qual o leitor terá a oportunidade de desvendar segredos e mistérios encravados no lado mais oriental da Europa e enxergar os vícios e as vicissitudes de suas personagens que buscam algo maior para suas vidas. Baseado na magnífica obra “Drácula”, de Bran Stoker, este livro imerge na mente sombria do Conde da Transilvânia, desnudando sua dor atemporal na sede de paz eterna, bem como na batalha introspectiva do Procurador irlandês, a fim de encontrar seu verdadeiro caminho diante de um mundo vil e complexo. Quem teve o privilégio de ler a referida obra de Bran Stoker irá reencontrar alguns de suas exóticas personagens e sentirá ainda a solidão do anti-herói das sombras e do sangue que sobrevive na penumbra da morte; conhecerá também outras criaturas que vigiam os nossos medos e sonhos. Encontre-se juntamente com D. e o Procurador no lado oculto da terra além das florestas, local onde há uma luz de vela bruxuleante iluminando as trevas da existência.



PARA SABER MAIS OU
ADQUIRIR O LIVRO:
CLIQUE AQUI



6º Prémio Internacional

PENA DE OURO

CONTO • POEMA • CRÔNICA

R\$ 108.000,00

EM PRÊMIOS!



PENA DE OURO

6ª edição (2025)

Inscrições abertas!

Saiba mais em:

www.casabrasileiradelivros.com/pena-de-ouro-6



POR GILMAR DUARTE ROCHA

O INCRÍVEL EXÉRCITO DE BRANCALEONE



No fim da década de 70, no período em que alternava os meus estudos para ingresso na faculdade com visitas frequentes às salas de cinema, abundantes, por sinal, em Salvador naquela época, onde em cada rua do centro velho da cidade, havia cinemas como o Cine Guarani, depois renomeado para Glauber Rocha, sito na Praça Castro Alves, defronte à estátua do poeta; o cine Tupi, uma imensa sala localizada no Terreiro de Jesus, num prédio alugado junto à comunidade eclesiástica católica; o cine Tamoio, um cinema menor e mais tímido, sito à Rua da Ajuda; o cine Bahia, o mais suntuoso da época, localizado no fim da Rua Carlos Gomes, a alguns metros da praça do poeta, cinema esse que era o reduto de lazer preferido da classe mais abastada dado o luxo de suas instalações, que contemplava três andares; três plataformas para a assistência, tela panorâmica, felpudos tapetes vermelhos, paredes aveludadas, sofás largos e aconchegantes nas salas de espera, sem contar a majestosa lanchonete que vendia de pipoca ao uísque escocês. Tive sorte em ainda poder frequentar essas maravilhosas salas, que exibiam filmes escolhidos a dedo e alguns deles clássicos do cinema de boa qualidade.

Lembro-me, certa feita, que um colega de cursinho pré-vestibular havia me indicado um filme esquisito que estava sendo exibido no cine Tamoio (ou seria cine Astor, se não me falha a memória) e o nome desse filme em português era “O incrível exército de Brancaleone”, no original italiano “L’armata Brancaleone”. O meu colega de banca de estudo havia me dito que não entendera muita coisa da película, apesar de achá-lo bastante divertido.

No fim de semana seguinte, quando reservava o domingo para conferir um bom filme, e também fugir do ambiente sátiro, hedônico e barulhento da ampla república de estudantes onde morava então, resolvi conferir o tal filme italiano que o colega havia me indicado.

Em princípio, achei o filme divertido. Uma comédia. A rigor, era mesmo uma comédia italiana que seguia o estilo de outras comédias ítalas da década de sessenta e setenta — despojadas, debochadas e sensuais —, como “Belo Antônio” e “Matrimônio à italiana”, ambas com Marcelo Mastroianni; “Mimi, o metalúrgico”, com Giancarlo Giannini; e um “Burguês muito pequeno” e a “A senhora com pistolas”, estas duas últimas produções dirigidas pelo cineasta Mario Monicelli, o mesmo que capitaneou “O incrível exército”.

“L’armata Brancaleone” é uma produção de 1966, tendo a batuta de Mário Monicelli e no papel do excêntrico Brancaleone, um dos maiores atores italianos de todos os tempos: o multifacetado Vittorio Gassman (1922-2000).

A história central do filme abarca a trajetória amalucada do pretenso nobre Brancaleone de Nórcia, que descobre ser herdeiro de um rico pedaço de terra na época da Itália medieval, onde o país ainda não era a nação que conhecemos hoje, e sim, um amontoado de principados, cidades-estado e estado papal e dentro dele, Roma, logicamente. O que chama à atenção do expectador, é o recrutamento e a formação do exército que Brancaleone arregimenta para cumprir o seu ideal: em princípio, ele escolhe

apenas quatro “soldados” — um gigante desarmado e abilolado, de nome Pécoro; um adolescente aventureiro e um velhote judeu, pequeno, frágil e covarde, que se esconde ao menor sinal de perigo dentro um baú com rodas onde é transportado com a ajuda dos companheiros. O quarto, o próprio desmiolado e sonhador Brancaleone.

Na sequência da sua jornada outros personagens, não menos caricatos, se juntam ao famoso “exército” que enfrenta inimigos ridículos e passa por situações consternadoras durante a caminhada, como o pressuposto domínio de um castelo medieval inabitado, que viria a se saber ser um lugar cujos habitantes foram dizimados pela peste que assolava a Idade Média. Vencidos os hipotéticos obstáculos, a trupe do candidato a nobre, Brancaleone, chega finalmente ao feudo reivindicado, um castelo às margens do Mediterrâneo, onde o abilolado cavaleiro viria a saber tratar-se de uma propriedade dos sarracenos, o povo árabe que dominava aquela região. Dá para se imaginar o final nada utópico do nosso herói.

Depois de assistir ao filme, que, por sinal, era bastante diferente de tudo que havia assistido do gênero até então, veio-me uma reflexão de que aquilo tinha muita similaridade com uma sinopse de um livro que eu havia lido no ginásio: “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”. De fato, quando eu li o livro de Miguel de Cervantes na íntegra, alguns anos mais tarde, pude constatar que o diretor italiano Mário Monicelli fizera uma paródia da paródia, pois o cerne do livro das desventuras de Dom Quixote, o cavaleiro da triste figura, é nada mais uma paródia às tão propaladas histórias de cavaleiros da Idade Média, construídas a pedido de reis e poderosos a escritores e poetas anônimos, no intuito de enaltecer, principalmente, os grandes feitos dos cavaleiros cristãos.

Mas a história de Cervantes, bem como o herói replicado da paródia de Monicelli, parece aquele enredo inerente ao ser humano no seu eterno dilema de distinguir a ficção da realidade ou usar a utopia para criar falsos inimigos, inimigos imaginários, inimigos oportunos para distrair o circo, e passar incólumes sobre os seus atos inconsequentes; sobre a sua falta de visão de futuro para si e para o coletivo; sobre o questionamento do seu caráter, se apegando a personagens caricatos para desenhar um retrato terreno sobre o conceito de céu e inferno.

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

GILMAR, UMA VIDA EM LETRAS



Gilmar Duarte Rocha

Gilmar Duarte Rocha, baiano de Jitaúna, é escritor, engenheiro de sistemas e economista. Desde cedo dedica-se à arte e à literatura, tendo publicado contos, artigos e ensaios em periódicos estudantis durante a juventude. No período de vida corporativa, onde trabalhou em bancos e órgãos públicos, apesar de não se envolver diretamente no meio literário, leu muito e escreveu farto material, grande parte ainda inédito. Retornou efetivamente ao mundo das letras em 2005, com a publicação do romance "Um morto na minha cama". Desde então o autor não parou mais de publicar, sejam contos, artigos e crônicas para jornais e revistas e livros de ficção e obra de impressões de viagem.

Gilmar é membro da Academia Brasiliense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico-DF e diretor da ANE-Associação Nacional de Escritores.

LIVROS PUBLICADOS:

- 1987 - O papel dos judeus na formação da economia brasileira - Ensaio
- 2005 - Um morto na minha cama - Romance
- 2009 - Caminhos sombrios; tochas ardentes - Novelas
- 2011 - O retrato de Píer Alcoforado - Romance
- 2013 - Um morto na minha cama - versão estendida - Romance
- 2015 - A mais branca sombra do pálido - Romance
- 2016 - Dead man on my bed - Romance - Inglês
- 2017 - Up & in New York - Apontamentos de Viagem - Diário de viagem
- 2018 - Dúplice - Romance
- 2019 - O berço de Judas - Romance
- 2020 - Cabeças cortadas - Romance
- 2021 - O mistério da afogada da lagoa Rodrigo de Freitas - Romance
- 2022 - O abençoado - Romance
- 2023 - Viajantes do poliverso - Ficção fantástica
- 2024 - Correspondências do fim do mundo - Romance

SAIBA MAIS SOBRE O AUTOR:

Instagram: www.instagram.com/gilmarduarterochoa

Site: www.gilmarduarterochoa.com.br



**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

NÃO EQUIVALENTES

Por Sellma Luanny

**Eu sinto, tu sentes, ele/ela sente...
desigualmente...
somos humanos diversos...
no sentir, no fazer, no dizer...
no entender.**

**Decifrar-te não consigo...
nem insisto...
num grau dentro da escala,
é pantanosa a superfície...
em cada um de nós.**

**Às tuas/suas expectativas,
não chego...
nem correspondo...
são díspares mundos
o âmago que nos irriga.**

**Mesmo os gostos...
para o outro, desgostos!
As famílias, os teatros,
os afazeres no dia a dia,
diversos.**

**A confundir, a padronização...
Mas as teclas em uníssono,
não batem.
E o mundo indiferente, gira...
E eu tu ele/ela... dissonantes.**

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.





SEM SENTIDOS

POEMA

POR JAFF SILVA

Através de meus sentidos sensoriais,
Vejo a cachoeira que se derrama do alto até o fundo
E escuto os sons da mata, desde os triviais
Até o murmúrio quieto da minha alma.
O perfume da relva molhada me acalma
E sinto o acariciar da brisa no rosto.
Na boca, o mel de abelhas é do mês de agosto.

Mas eu não sou
nem um pouco desse jeito,
Pois não tenho nenhum
dos cinco sentidos.

Meu mundo é solitário e isolado.
Não há ninguém,
E não há mais nada.
Há somente um vazio bem acabado,
Como se eu estivesse em um sono eterno.
Muitos diriam que vivo em um pleno inferno.

Nunca senti um afago no rosto,
Nem o roçar de um aperto de mão,
Nem provei um beijo,
Ou qualquer modo de sexo.

Neste universo fantasmagórico e sem nexos
Nunca flertei com o olhar ou escutei um sussurro...
É como se eu fosse o inexistente.

É assim que eu sou? Não.
Mil vezes, não!
Não sou isto,
Pois tenho minha imaginação.

Imagino que em algum recanto
Deste universo, exista uma canção
Composto unicamente por um belo verso —
Te amo e ofereço-te todo o meu coração.
E que por trás do canto, exista o(a) compositor(a).

E que este ser com imaginação,
Este compositor pouco diverso,
Imagine aquilo que eu imagino:
Um batuque de um coração
Com outro e um entrelaçamento
De bocas, mentes e mãos.
Nasce, assim, uma união de sentimentos.

Acho que quando alguém perde o outro
Por algum desses malfeitos da vida,
A conversação íntima entre os dois
Se passe bem desse jeito.

Se o existir vem do pensar
Por que o amar não pode
Vir do imaginar?
Aposto que você está pensando:
Como um ser sem sentidos
Pode escrever este poema,
Tendo o nada e o tudo como tema?

Eu, silenciosamente, te sussurro
Não é ciência, nem feitiçaria
É apenas... poesia.

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS e vídeos curtos de poemas estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>) e no Instagram (@jaffkamphorst).



SONETO

SEM SENTIDOS

POR JAFF SILVA

Não tenho visão, audição, paladar, olfato e nem tato.
Meu mundo é bem fechado; é um vazio de fato.
É como se eu estivesse em coma cárus, num sono eterno
E muitos diriam que durmo vivo num pleno inferno.

Mas, felizmente, ainda subsiste a minha imaginação
E eu tenho fé de que alhures exista um você como eu,
Que faremos um entrelaçamento de olhos e mãos
E um batuque gostoso do seu coração com o meu.

Nasce, assim, uma união mental de nossos sentimentos.
E eu me pergunto: se o nosso existir nasce do pensar
Por que o nosso amar não pode florescer do imaginar?

Como pode, um ser sem sentidos, fazer este poema,
Tendo o nada absoluto e o tudo completo como tema?
Não é ciência ou feitiçaria, é só... poesia.

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS e vídeos curtos de poemas estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>) e no Instagram (@jaffkamphorst).



Arquétipos Literários de Amor

Por Clarissa Machado

...on wakil gu
latim Puti Guntur Soekarno
(CFD) Taman Bungkul kemarin
Risma lalu mengajak Puti naik ke pa
gung yang dipakai instruktur aerobik.
Puti pun berkesempatan memperkenalkan
dirinya. "Mohon doa restunya. Saya dan
Gus Ipul bakal maju untuk mem

SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Pós-graduanda em Neurociências. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da AFESMIL.

CANTO ÚNICO

I

eu vou cantar a nossa história
como se canta um poema épico
ou afim.

entoarei cantares de amores
antigos, milenares, lendários
amores platônicos heróicos,
ora trágicos, ora mágicos.

o mar
o navio
o marinheiro
e a sereia.

- - - imaginário popular - - -

II

ó, que somos nós
além de chamas, além de almas
além de pessoas que estão atadas
por um fio que ninguém vê.

ó, que somos nós
além de luz, além de centelhas
além de dois que se encontram
em serendipidade em meio a

novas canções de gesta
em fugas e improvisos
noturnos,
fantasias...

- - - imaginário mítico - - -

III

cuidador e mago

chaser e runner

você e eu -

ó, vida eterna

escrita nas estrelas:

quando nos perdermos

nos una

quando nos afastarmos

nos aproxime

e quando tudo acabar...

nos entrelace

em arquétipos

literários

ativados

em sol maior.

- - - imaginário construtivo - - -

IV

contarei

mui grandemente

em dó menor

a ti, o melhor

dos amigos!

cantarei

mui alegremente

em mi maior

a ti, o melhor

dos enamorados!

canções de amor cortês

com mil encantarias

vastos encantamentos

toda sorte de espadas

e magias.

- - - imaginário individual - - -

V

entoarei cantigas trovadorescas
sem escárnios ou maldizeres
de amores meletínskianos infinitos
ora maravilhosos, ora assombrosos.

o mar
o navio
o marinheiro
e a sereia.

assim hei de cantar a nossa história
como se canta um poema épico
até o fim.

- - - imaginário coletivo - - -

{o marinheiro e a sereia}

e mesmo depois do fim
nossa história encantada
ainda será cantada.

pois, eu vou cantar a nossa história
como se canta um poema épico
ou afim.

pois, eu hei de cantar a nossa história
como se canta um poema épico
até o fim.

- - - arquétipo literário de amor - - -

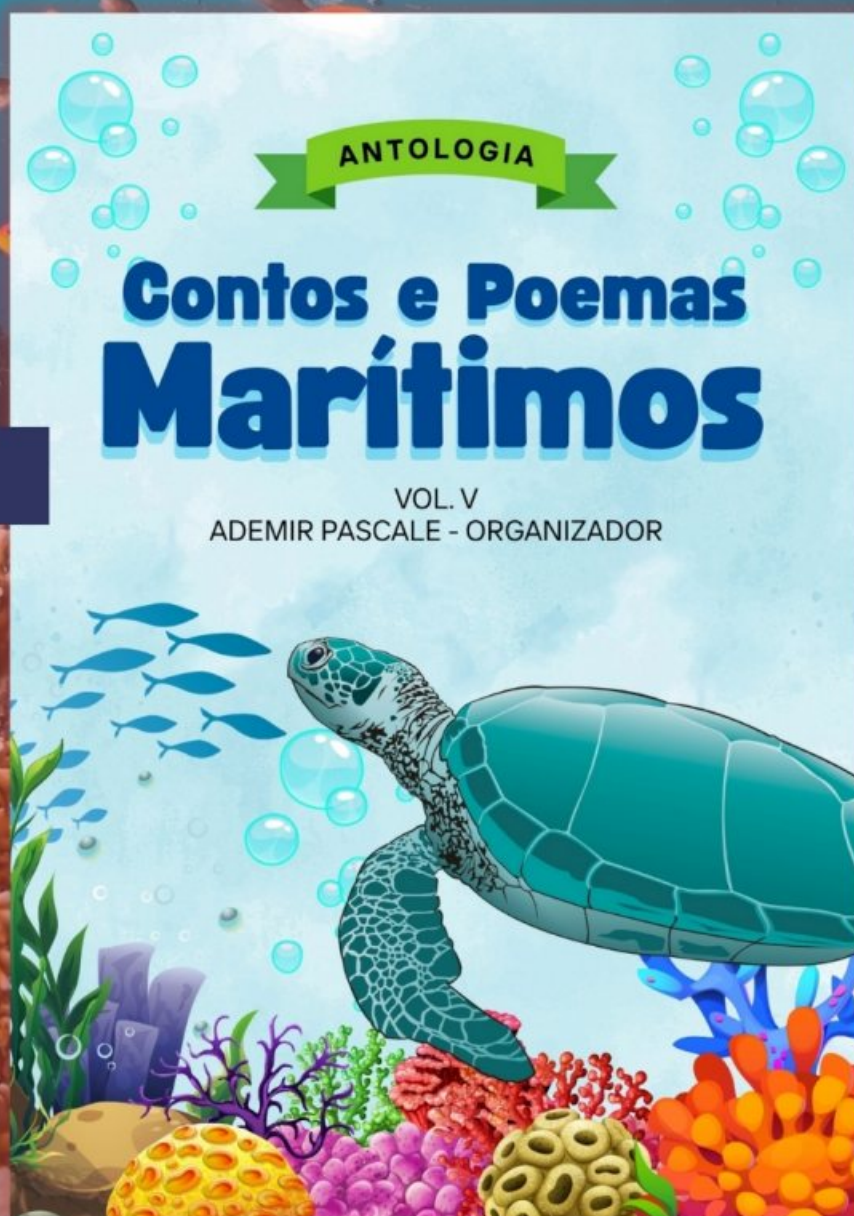


PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS MARÍTIMOS

VOL. V

E-BOOK



saiba mais: clique aqui



Coisas de quem está vivo

Por Mirian Menezes de Oliveira

Tenho medo do futuro,
das guerras que não tem fim...
de nossa espécie falida
e da miséria, enfim!

Tenho medo dos desertos,
dos concretos, sem jardins...
da ética corrompida...
da canalhice e afins...

Tenho medo de fumaça,
de um mundo sem passarinhos,
de amor jogado pras traças,
de sentimentos mesquinhos...

Coisas de quem está vivo!
Há ser humano sem medos!?
Desconheço esta espécie
de gente que é só rochedo!

Entretanto, além dos medos,
há também muita coragem...
Coragem conserva a vida,
nesta ríspida engrenagem.
Um sentimento valente,
que é furacão e aragem...
Vem, lá do fundo do peito,
este motor que é a coragem!



Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira

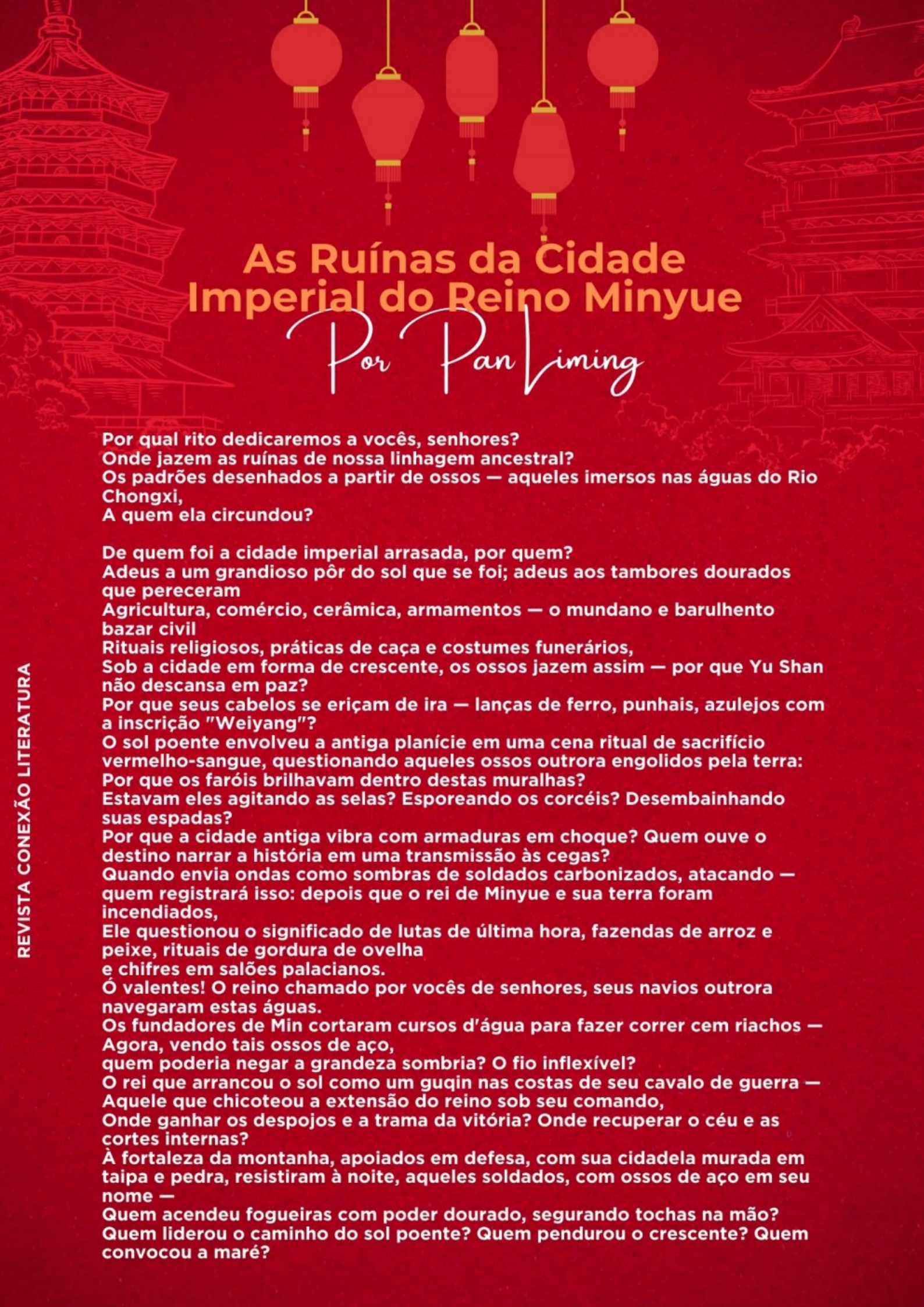


Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →



As Ruínas da Cidade Imperial do Reino Minyue

Por Pan Liming

Por qual rito dedicaremos a vocês, senhores?
Onde jazem as ruínas de nossa linhagem ancestral?
Os padrões desenhados a partir de ossos — aqueles imersos nas águas do Rio Chongxi,
A quem ela circundou?

De quem foi a cidade imperial arrasada, por quem?
Adeus a um grandioso pôr do sol que se foi; adeus aos tambores dourados que pereceram
Agricultura, comércio, cerâmica, armamentos — o mundano e barulhento bazar civil
Rituais religiosos, práticas de caça e costumes funerários,
Sob a cidade em forma de crescente, os ossos jazem assim — por que Yu Shan não descansa em paz?
Por que seus cabelos se eriçam de ira — lanças de ferro, punhais, azulejos com a inscrição "Weiyang"?
O sol poente envolveu a antiga planície em uma cena ritual de sacrifício vermelho-sangue, questionando aqueles ossos outrora engolidos pela terra:
Por que os faróis brilhavam dentro destas muralhas?
Estavam eles agitando as selas? Esporeando os corcéis? Desembainhando suas espadas?
Por que a cidade antiga vibra com armaduras em choque? Quem ouve o destino narrar a história em uma transmissão às cegas?
Quando envia ondas como sombras de soldados carbonizados, atacando — quem registrará isso: depois que o rei de Minyue e sua terra foram incendiados,
Ele questionou o significado de lutas de última hora, fazendas de arroz e peixe, rituais de gordura de ovelha e chifres em salões palacianos.
Ó valentes! O reino chamado por vocês de senhores, seus navios outrora navegaram estas águas.
Os fundadores de Min cortaram cursos d'água para fazer correr cem riachos — Agora, vendo tais ossos de aço, quem poderia negar a grandeza sombria? O fio inflexível?
O rei que arrancou o sol como um guqin nas costas de seu cavalo de guerra — Aquele que chicoteou a extensão do reino sob seu comando,
Onde ganhar os despojos e a trama da vitória? Onde recuperar o céu e as cortes internas?
À fortaleza da montanha, apoiados em defesa, com sua cidadela murada em taipa e pedra, resistiram à noite, aqueles soldados, com ossos de aço em seu nome —
Quem acendeu fogueiras com poder dourado, segurando tochas na mão?
Quem liderou o caminho do sol poente? Quem pendurou o crescente? Quem convocou a maré?

Onde jaz o descanso final do rei? A cidade antiga é como um leito —
O mar da eternidade se transformou em cinzas em um instante.
Aqueles que ceifaram cabeças, implacáveis na matança, tocavam lira e tambor
sem parar;
Enquanto aqueles que queimavam incenso à meia-noite com fé piedosa,
cantavam e prestavam homenagem aos deuses para sempre.
O destino serpenteia como um desbravador perdido em trilhas, enquanto a
vida paira como bugigangas — você ouve as águas de Chongxi fluírem?
Você penteou os cabelos sedosos de sua mãe?
Sob colarinhos brancos como pó, a água da fonte amoleceu as flechas de
bronze do rei?
Serão todos os bêbados homens valentes? Será que esses valentes
lamentariam as ruínas?
Arqueólogos desvelaram lágrimas antigas?
O reino perdido do rei permanece abrigado no abraço de montanhas e rios,
A cidade se ergue como uma casca oca, onde xamãs ainda cantam junto às
lareiras;
A cidadela revive seu passado, abrigando ossos polarizados em direção à
chama e ao vazio,
Nossas janelas ainda se erguem como tendas sobre o local
A escrivaninha do rei foi reconstruída? As almofadas de seu sofá foram
restauradas?
Montanhas e rios abraçam a cidade como um centro cósmico, com suas ruas
simetricamente alinhadas e portões esculpidos em tijolos.
Padrões de tribos distantes vêm de longe, em moedas de concha
desenterradas —
Quem agora marca sua porta? Quem corre descontroladamente pela lareira,
agarrando fragmentos de escrituras antigas?
Muralhas da cidade, telhados de palha, portões de terra —
Aqueles que armam armadilhas por si mesmos aguardam eternamente a
libertação;
Os discos de jade das tribos distantes são de um branco puro, assim como a
coragem —
Fugir ou lutar, tudo era um jogo para aqueles com tenacidade.
Por esses ossos de oráculo divinatório, por essas montanhas ondulantes —
devemos nossa gratidão;
Por tais conchas de búzios, as crônicas do rei prosseguem, alheias às
convulsões do tempo —
Seus contos se desenrolam, cegos aos cataclismos que se seguem.
O frio se aproxima. Ao sul fica Dagangtou, ao norte Madaogang,
Xiasi Gang Central, Xiasi Ping, Gaohu Ping —
Campos férteis e terras agrícolas ricas:
Ó senhores sob a terra, vocês viram aquele poço antigo?
Vocês viram os fios de fumaça
que se ergueram com o auge da sua cidade real?

Os padrões rituais dos ossos sondam a terra: no frio do outono
Trabalho após trabalho, a busca prossegue; estruturas sobre palafitas
ressurgem
Na antiga cidade de Yue, crianças brincavam, velhos costuravam sapatos —
Nosso general ainda marcha na trilha da campanha
Que seus espíritos encontrem paz —
Pois seus ossos, bravos através das eras, atendem ao chamado do vento do
outono.
Senhores, descansem em paz

(Tradução em português por Ademir Pascale)

Pan Liming:

Poeta, fundador do "MyArt Restaurant & Hotel" na Ilha de Meizhou, editor da
revista "Turbulence". Indicado ao 3º Prêmio Internacional de Poesia da
ARTBJ. "Poeta Associado do Ano 2018" pela Escola de Poesia Enciclopédica.
Publicou a coletânea de poesias "Tatuagem no Espelho".

Compartimentos Estanques

Por Pan Liming

Estaleiro. Cantos de trabalho eram ouvidos ao longe, assim como o tilintar de martelos ao redor.

Construtores navais empunhavam uma variedade de ferramentas, curvando-se sobre a madeira, esculpindo sulcos ao longo de linhas e marcas pré-traçadas.

Um estaleiro, escondido nas profundezas do tempo, carregava o peso dos anos transcorridos em suas quilhas.

Seus gestos, com os maços de madeira nas mãos, eram lentos, mas tenazes, encaixando cada tábuia perfeitamente, unindo encaixes e espigas em conjuntos perfeitos, com suspiros silenciosos se infiltrando.

Pranchas emendadas, o ar fluindo através do tempo, tudo encaixado em suas contrapartes: construtores navais preenchiam as costuras, tão minúsculas quanto o buraco de uma agulha,

com estopa. Um pincel de folha de palmeira aplicava óleo de tungue na madeira, que fluía ao longo dos veios da madeira, como sangue infiltrando-se em cada fissura capilar possível.

Invisíveis a olho nu, existem padrões na vida e na morte, ascensão e queda.

Placas de aço e reforços dividiam o espaço, separando a esperança de sobrevivência de ondas perigosas

que eram escuras e abismais — juntas conectadas como osso e medula contra elas

soprando vida na embarcação em momentos críticos como aquele de todos aqueles que surgiam, tremiam e quebravam — entre a submersão e a ressurgência.



O navio, arremessado para o alto pelas tempestades no mar insondável, aterrou na superfície da água. A vida era como bolhas, tremendo com um dos compartimentos inundado pela água do mar. Um lado do destino, separado do outro tornou-se a face mais brilhante que sorriu.

Aquela divisória de madeira, com suas fissuras finas manteve o navio flutuando durante seus mil mergulhos. As juntas delicadamente cinzeladas arqueavam-se em torno de um caminho para a vida. Anteparas erguiam-se entre o abismo e o céu azul, durante todas aquelas viagens misteriosas da história —

Quando a água do mar invadia um compartimento, os outros ganhavam um alívio. Em última análise, a firmeza da madeira definia a fronteira entre perecer e sobreviver. Uma calamidade poderia quebrar uma parte do mamute mas nunca o todo.

Obrigado por ser um refúgio para almas em pânico, entre aquelas tábuas de cânfora seladas com óleo de tungue. Quando uma tempestade se aproximava, os sulcos cinzelados e as costuras preenchidas com estopa salvaram o navio de ondas colossais que engolfaram tudo. Obrigado, quando o casco parecia enferrujar, como se coberto por uma pátina verde, os compartimentos permaneceram com sua resiliência eterna, tão inafundável quanto a sabedoria que incorporava.

"O que ressurgirá, daqui em diante, será um farol para o coração."

(Tradução em português por Ademir Pascale)

Pan Liming:

Poeta, fundador do "MyArt Restaurant & Hotel" na Ilha de Meizhou, editor da revista "Turbulence". Pré-selecionado para o 3º Prêmio Internacional de Poesia da ARTBJ. "Poeta Associado do Ano 2018" pela Escola Enciclopédica de Poesia. Publicou a coletânea de poesias "Tatuagem no Espelho".



A Cada Dia Parece Menos

Por Sellma Luanny

Neste início de manhã,
com o mesmo ranhento
padrão climático dos dias
anteriores, só consegui
ver de início, duas.

Duas em separadas tarefas
distantes no tempo e no espaço.
Momentos depois,
já vejo mais três.

São poucas por agora.
Talvez mais tarde,
em maior quantidade.
Vamos esperar...

E pensando bem,
num turbulento mundo,
pelo menos por aqui
vamos, elas e nós, tendo paz.



Série GARÇAS BRANCAS E EU



Ainda Esperando

Por Sellma Luanny

Mesmo horário...
mesmas condições atmosféricas...
nem primeira nem segunda...
estranhamente atrasadas.
E eu à espera...

Então vejo a primeira...
fico aliviada.
Espero mais...
não deve ser só uma...

Mais tarde, à janela, retorno.
Pelo desejo e espera... não vejo mais.
Sinal da sua estação por estas
bandas, talvez chegando ao fim?





Série GARÇAS BRANCAS E EU

Que Continuem!

Por Sellma Luanny



À espera das primeiras espreito
pela janela. Ontem foram poucas e
na maioria, tardiamente chegaram.
Num baço dia com somada
neblina, o que me aguarda?

E chegam... um trio de frágil brancura
alada... e a seguir, mais uma... ainda
na vizinhança... E para me acalantar,
o bastante... Enquanto puder vê-las,
em meu coração, há esperança.

Mas o tempo trabalha contra...
a luz dos postes, depois de apagadas,
novamente acendidas... com um céu
denso e escuro, em sintonia...
Dessintonizadas, nós, à espera da luz.





Terceira Fase?

Por Sellma Luanny

Hoje, mesma hora, apesar
de nublado, um pouco
mais claro, o céu... a preannunciar
do inverno, a terceira fase?...
Para a primavera, caminhando?

E consigo vê-las... um pouco
mais que na véspera... sobre
a faixa d'água, a sobrevoarem
em semicírculos, à espreita
dos movimentos convidativos...
do seu sustento.

E é assim a vida natural
que nos rodeia... impactada
por nós e nossas intervenções,
na luta pela sua sobrevivência
prossegue como pode.

E as brancas garcinhas,
se respeitarmos os seus
direitos à vida... na sua
determinação, a fazerem
o que herdaram, continuarão.

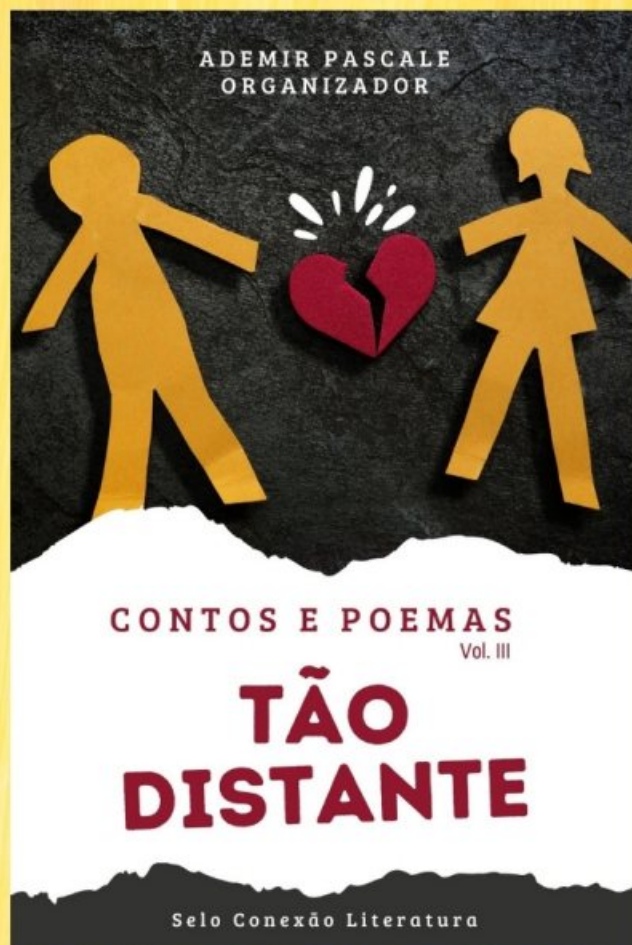
SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias — em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nota de Rodapé: quarta parte da série Garças Brancas E Eu — partes a serem publicadas mensalmente, nesta revista.

DICAS PARA LEITURA

Edição de Setembro



“
POESIAS AO VENTO - VOL. XII, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG”

“
TÃO DISTANTE - CONTOS E POEMAS - VOL. III, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG”

@revistaconexaoliteratura

An illustration of a diverse group of people, including men and women of various ethnicities, gathered around a large wooden table in a library or bookstore. They are all smiling and engaged in conversation, with several open books on the table. In the background, there are tall bookshelves filled with books. A white banner hangs from the ceiling, displaying the magazine's title and a promotional message. In the foreground, there are several large stacks of books. The overall atmosphere is warm and intellectual.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO



SÁBIOS CONSELHOS

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Voa passarinho voa
Parece, no ar, alguma tempestade
Mas apenas, do Inverno, suave garoa
A ser enfrentada com naturalidade

Voa, então passarinho
No voar... vai seguindo
Que tais obstáculos sirvam de pontes
Esqueça as montanhas compare-as com suaves “montes”

Neles... valiosas e lindas plantações
Árvores sombreando aos espaços para reuniões
E, no passo a passo, resultados esperados

Assim, no horizonte tão imaginado
Que o sucesso surja com alegria
E “assobie” copiando este poema tão bem abraçado pela poesia



Sem Saudade!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA



**AMANHECE
EM MIM A GOTA DE LÁGRIMA -COITADA- PADECE
PELO AMOR, NÃO AMADA, DESEJOS EM ESCORRER A ALGUM LUGAR
NO CORAÇÃO A FORÇA PARA LÁ CONTINUAR**

**ABRAÇADA PELA FANTASIA
SENTE A ALEGRIA REPOUSAR SERENA NA POESIA
DA CANSADA TRISTEZA NOVO PENSAMENTO
QUE ALTIVO SE ABRIGA -EM ALGUM LUGAR- NESSE MOMENTO**

**O FRIO DO CORPO SE VÊ TRANSFORMAR
DA FRIEZA DA ALMA, AGORA, AQUELE MORNAR
DAÍ, EM RESPOSTA, O SURGIR DA NOVA ESPERANÇA**

**SÚBITO! NOVA ANDANÇA... OLHAR PARA FRENTE
ASSIM, DO IMAGINADO FRUTO, NOVA SEMENTE
DO VIVER, GRAÇAS! DO QUE SE PASSOU APENAS RARAS LEMBRANÇAS**

A background image of pink cherry blossoms on dark brown branches, filling the top and bottom of the page. The blossoms are in various stages of opening, with some showing yellow centers.

QUÃO BELA PRIMAVERA!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Das imaginações, desejos, concretiza-se a verdade esperada
Quanta delícia e admiração por assim chegar
Esbanjando coloridas pétalas como uma “jovenzinha” amada
Que da alegria e emoção, em cada um, repousa o sentimento de chorar

Graças! Dos dias matizados, outra luminosidade e, nos “Céus”, belas cores
No instante, felicidade imposta pelo Jardineiro em rara alegria
Da vida, o surgir da “realeza” antes em sonhada fantasia
Ah! Novo tempo urge! Bem envaidecido ao mostrar suas “flores”

Sim! Quanta pena por chegar a derradeira hora
Cumprida a Missão, momentos de ir embora
Em socorro, de mim não se esqueça, por favor!

Carinhosamente, deixe “deitar-se” nas minhas mãos
Aquele -conhecida- pétala colorida consignada como o novo amor
Para, então, que possa guardá-la, eternamente, em meu coração

QUE SEJA ASSIM

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

NO PASSO A PASSO
QUÃO BELA DA IMAGINAÇÃO O "ESPAÇO"
FLORIDO... COLORIDO... UM RARO SONHAR
EM TE ENCONTRAR E AMAR

DO ANTES VIVIDO MOMENTO BANHADO DE ALEGRIA
PENSAMENTO EM "VOLTAR" SERIA COVARDIA
LÁ, SEMPRE ESTAR, MESMO ÀS VOLTAS COM O CORAÇÃO
DE MANEIRA INFINDA ABRAÇANDO CADA EMOÇÃO

QUE SEJA O FICAR... NUNCA VOLTAR!
POR SABEDORIA A ESTRADA ESQUECER
OLVIDANDO DA PORTA O SEGREDO EM BATER

DA VIDA, GRITOS DE ALEGRIA, ASSIM ACREDITAR
NOS ABRAÇOS E BEIJOS VIVER COM CERTEZA
QUANTA DELÍCIA ESCUTAR: VENHA CORRENDO POIS O "CAFÉ" JÁ ESTÁ
NA MESA!

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo, mensalmente, com Poemas, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor, juntamente com trinta escritores portugueses nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE e ESCREVER FLORBELA ESPANCA.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e o outro com o Título ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE.

Seguiram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_ e-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o **pacote** **divulgação** **para** **escritores**

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

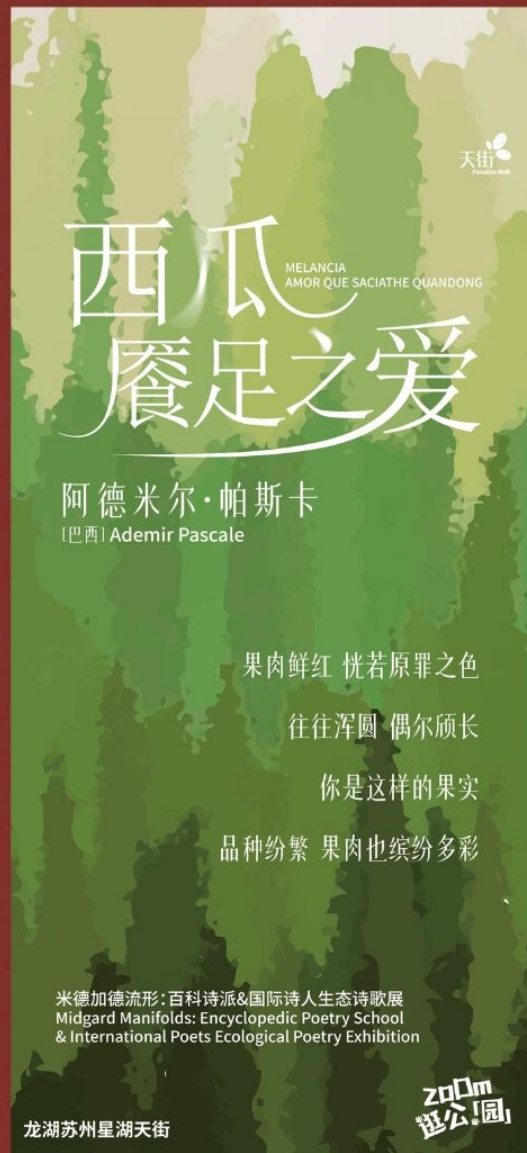
www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR





TRABALHO LITERÁRIO DE ADEMIR PASCALE CRUZA FRONTEIRAS E CHEGA ATÉ A CHINA

O escritor e editor brasileiro **Ademir Pascale**, criador da **Revista Conexão Literatura**, foi convidado para integrar a exposição **“Midgard Manifolds: Encyclopedic Poetry School & International Poets Ecological Poetry Exhibition”**, realizada no mês de abril de 2025, na cidade de Suzhou, China. Organizada pela renomada escritora chinesa Yin Xiaoyuan, a mostra reuniu obras de autores de diversos países, reforçando o caráter multicultural e a valorização da poesia contemporânea mundial. Esta é a segunda vez que Pascale tem um texto exposto em território chinês. A primeira participação aconteceu no Jardim Botânico de Xangai, durante o evento Happy Mid-Autumn Festival! (Festival da Lua - China), reafirmando o reconhecimento internacional de sua produção literária. Segundo os organizadores, o autor brasileiro deverá participar de outras publicações e eventos no país asiático, devido ao apreço que seu trabalho tem despertado entre leitores e curadores de arte internacionais.

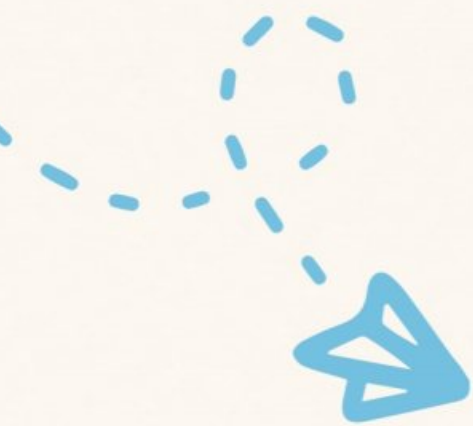


Local da exposição em Shopping de Suzhou, na China

Cartaz com fotos dos autores participantes, incluindo Ademir Pascale, exposto em Shopping na China

(fotos oficiais do shopping center)

Revista Conexão Literatura



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



A Mentira Poética do
ENVELHECER

POR SANDRA DE CASTRO PROFETA

Revista Conexão Literatura

Desde cedo nos dizem que envelhecer é voltar a ser criança.
Ah, que ideia linda! Um ciclo mágico, redondinho, feito desenho animado.

Na infância, a gente mal termina de brincar e já quer crescer.
A adolescência chega, bagunça tudo, e seguimos meio tontos até virar adultos.
Aí sim! Independência, liberdade, grandes planos!
Vamos escrever capítulos brilhantes no livro da vida, com tempo de sobra pra tudo: filhos, amigos, carreira, amor, autocuidado, yoga, meditação, zumba e até terapia.

Claro. Somos jovens, saudáveis, incansáveis.
Celebramos cada conquista dos filhos:
o primeiro dente (mesmo sem dormir há dias),
a primeira palavra (que ninguém entendeu),
a primeira noite inteira de sono (milagre!),
os primeiros passos, as gracinhas, a entrada na escola (e o nó na garganta).

E a vida vai seguindo, corrida, mas bonita, até que...
Eles crescem. A gente não dorme mais (mas agora é por outros motivos).
Os cabelos brancos aparecem de fininho, como quem não quer atrapalhar.
O corpo dá sinais: o joelho estala, a lombar reclama, a vista pede descanso.

O despertador toca às seis e sair da cama exige negociação.
O dia parece mais curto. O espelho mais sincero.
E o tempo? Ah, ele virou uma criança sapeca: corre, some, faz o que quer.

Cadê aquela história bonita de que envelhecer é voltar a ser criança?
Com todo respeito... mentira poética!
Criança? Onde? Se for por precisar de ajuda pra subir escada, ok.
Se for pelo amor ao cochilo depois do almoço, tudo bem.
Mas cadê o pique? Cadê o tempo livre? Cadê o recreio?

Era bom demais pra ser verdade.
Mas quer saber? Mesmo assim, tem beleza.
Porque agora a gente entende a graça das pequenas coisas —
e aprende, enfim, que rir de si mesmo é o melhor colágeno da alma.



Sandra de Castro Profeta é médica pediatra, alergista e pneumologista, com mais de 40 anos de atuação no cuidado e ensino. Encontra na escrita uma forma de traduzir afetos, silêncios e experiências em palavras. Corredora, praticante de yoga, apaixonada por línguas e viagens observa a vida em movimento e transforma o cotidiano em poesia. Celebra a maturidade como um tempo de criação, partilha e verdade.

O OUTRO

POR MARCELA VIEIRA

Tudo o que me matou está em mim
Ao lado de tudo o que vivi
Acima das coisas, há emoções
Dentro delas, corações
Que imploram por virtude
Não importa de qual latitude
Elas estão por vir

Não deixe que as flores secas
Sequem tuas lágrimas
Chora, com vontade
Chora como um ser
Como gente
Grande
Choro gigante
Para assim teu coração transbordar
Pois só assim poderás saber
O que amar



Sou Marcela Vieira, tenho 43 anos e sou formada em Gestão Ambiental. Sou amante da escrita desde muito criança. E sinto que agora é a vez de apresentar esse amor pela escrita

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS

VOL. II

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA

VOL. II

DE POEMAS E CONTOS

E-BOOK



SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: clique aqui

O PECADOR



ZARAK
KRUMFORT

O TEXTO É PARTE INTEGRANTE DO
LIVRO "O PECADOR", DE ZARAK
KRUMFORT

INTRODUÇÃO DO LIVRO: NOSSA CÚLPA, NOSSA MÁXIMA CÚLPA

Chamam de pecador quem foge das regras, quem transgride mandamentos que ninguém entende direito ou que mudam conforme a época e o interesse da sociedade. Mas, pra mim, pecado é outra coisa. Pecado é se sabotar. É viver aquém do que poderia. É errar o alvo da própria vida — esse alvo que não é ser santo ou irrepreensível, mas ser feliz, crescer, aprender, ensinar, celebrar a vida, dar e ser inteiro naquilo que se é. Esse é o alvo, e errar esse alvo é pecar contra a autoestima, contra o amor-próprio, contra a coisa mais importante que existe: simplesmente viver bem.

É pecador quem se esquece de buscar o que o faz crescer como gente, quem se perde de si, quem vira escravo do medo, da culpa, do orgulho ou do vício em sofrer. Esse é o verdadeiro ato de pecar.

O mais curioso é que ninguém escolhe pecar — a maioria de nós nem percebe que decidiu ser um perdedor por escolha própria, e seguimos assim sem questionar. Seguimos errando o alvo dia após dia, sem consciência de que poderíamos dobrar a esquina e mudar a direção de nossas vidas, ou simplesmente voltar. Podemos recomeçar do zero, se quisermos. Mas a maioria ainda acredita que voltar seria um sinal de fracasso. Eu, porém, digo que falhar não é vergonhoso; falhar é um aviso que a vida nos dá, mostrando que não estamos na trilha certa — que é hora de parar, consultar o GPS da vida e recomeçar por um novo caminho.

Este livro é sobre gente — sobre nós. Porque, no fundo, todo mundo já errou o alvo e atirou na direção errada alguma vez. Erramos num alvo que deveria ser simples de acertar. Ser feliz, crescer, aprender, dar, receber, sentir a vida sem amarras: esse deveria ser o nosso alvo. Quando viramos escravos do medo, da culpa, do vício em sofrer ou do orgulho — esse é o nosso verdadeiro pecado. Ninguém acerta no alvo o tempo todo, mas podemos continuar tentando — sempre, novamente, mais uma vez, e de novo — até acertarmos o alvo e pararmos de pecar contra essa coisa linda que é a vida e o direito que temos de vivê-la bem, sem sentir culpa por finalmente conseguirmos ser felizes.

Cuidar-se não é pecado. Ter apreço por si, vestir-se bem, sentir-se bonito, não é pecado. Possuir uma casa confortável, ter saúde, um carro moderno, viajar despreocupadamente também não é pecado; tudo isso pode ser virtude, não vaidade vã — desde que o faça sentir mais vivo e menos escravo.

"Faz para si cobertas; veste-se de linho fino e de púrpura." (Provérbios 31:22)

CAPÍTULO 1 – LAURINDO

Laurindo Ferreira acorda todos os dias antes do sol, toma café em silêncio e sai da casa em que mora — na mesma rua da Prefeitura — sem olhar pra trás.

Carrega nos ombros o peso de quem acredita que a única forma de amar a família é enchendo a conta bancária. Trabalha doze, às vezes quatorze horas por dia, e volta quando os filhos já estão dormindo e a mulher espera sozinha na cama, fingindo que não se importa.

No começo, dizia que era só por um tempo — só até o carro ser quitado, só até a casa estar reformada, só até garantir um futuro melhor pras crianças.

Mas o “só” virou anos.

E o futuro, esse que ele tanto jurava proteger, foi acontecendo sem ele: o filho mais novo deu os primeiros passos na sala enquanto ele respondia e-mails no trabalho; a filha mais velha chorou por um amor perdido e ele não viu; a mulher aprendeu a dormir sem o braço dele em volta.

Ele se orgulha quando fala do salário, dos contratos fechados, das metas batidas antes do prazo.

Quando Silvia, sua mulher, lhe mostra um vídeo bobo no celular — de pai e filho jogando bola, de uma família rindo ao redor da mesa, de uma criança chamando pelo pai — ele simplesmente desvia o olhar, respira fundo e volta pro e-mail.

Porque é mais fácil seguir ocupado do que questionar as escolhas que fez. Sentimentalismo não paga as contas.

E um pecador.

Não por trair, roubar ou beber demais, mas por ter deixado o trabalho, que deveria ser apenas um meio, virar o próprio fim.

Por ter transformado o que era pra ser alvo — o sustento, o propósito, o orgulho saudável — num vício, e acabado ele mesmo se tornando o alvo do trabalho.

Pecador porque trocou o essencial por algo que, no fundo, nem sabe mais se vale tanto.

Por viver aquém do que poderia.

Por ter esquecido que o companheirismo, ao contrário do dinheiro, não aceita depósitos futuros.

E assim Laurindo seguiu a vida que escolheu, sem perceber que é só mais um perdedor na cidade dos pecadores — embora ainda pudesse, se quisesse, virar o arco, apontar a flecha pra direção certa e finalmente acertar no que sempre esteve ali:

o equilíbrio consciente entre ser provedor e ser protetor da família que escolheu.

“Pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam bem ordenados.

Não declines nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal.”

(Provérbios 4:26–27)

Nota do Autor

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Menções a figuras públicas são usadas apenas como referência cultural e não refletem qualquer julgamento pessoal.

Minibiografia do autor:

Zarak Krumfort é escritor baiano, atualmente residente no Reino Unido. Publica crônicas e textos reflexivos em português, inglês e espanhol. Suas obras exploram o silêncio, a culpa, a fé e os pequenos desvios da vida cotidiana. É autor de diversos eBooks publicados e mantém seu site pessoal com atualizações e textos inéditos em: www.zarakkrumfort.com

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE
DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

DIVULGUE

O SEU LIVRO,
LIVRARIA, EDITORA,
SITE, LOJA...



CLIQUE AQUI E
CONFIRA

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULG



DO CONCRETO E
DO ABSTRATO

O VAMPIRO ENERGÉTICO

POR FLAVIO JOPPERT

O discípulo procurou o Mestre Zen que meditava há décadas. Perguntou-lhe se de acordo com o Taoísmo, e Confúcio tinha visto a verdadeira divindade, e se com tanta sabedoria adquirida desejava ver mais alguma coisa. O Mestre Zen, respondeu, eu vejo o Sol, a Lua, os pássaros, os lagartos, o porco espinho, as ervas, as árvores, as estrelas, e a água dos rios que vão para o mar. Isso me basta.

Texto de Flavio Joppert baseado em fatos reais

1996 – se inicia um processo de aspectos sombrios. O banheiro de uma residência é encontrado todo esfregado de fezes.

1997 – o filho de um coronel da aeronáutica é assassinado na noite de páscoa

2002 – os textos escritos no computador apresentam uma forma não acadêmica da língua vernácula, a conta bancária é zerada

2003 – por diversas consequências se inicia um caso de violência repetida

- Mensalmente o saldo bancário é zerado sem justificativa legal aparente
- roupas aparecem rasgadas
- torneiras aparecem quebradas
- ralos apresentam vazamento
- relógios aparecem quebrados
- coisas aparecem mexidas
- objetos são trocados por semelhantes

Do ponto de vista psicológico, devemos entender a psicologia como um processo de saúde pública e não punitivo, o objeto é a vítima ou seja o esquizofrênico. Não o neurótico, sua real razão de existir.

A parapsicologia tem no poltergeist a explicação possível para o caso. Um poder para normal desempenhado por uma criança. O sistema de ondas eletromagnéticas cerebrais desenvolvidas nessa fase da vida seriam a causa de distúrbios ambientais.

Analisando do ponto de vista objetivo e científico, algumas características são classificáveis. O assassinato, entre outros aspectos, no caso que identificaria a rua “X” como um ponto furacão, semelhante a Amityville nos UEA. Amityville foi identificada como um local de problemática sobrenatural. As explicações de forças do além, concluíram o caso. Todas essas explicações sobrenaturais são aceitas em discussão pela parapsicologia. Pouco se estudava academicamente de vampirismo em parapsicologia.

Um clássico da Revista Planeta é o artigo: O Vampiro Galáctico. Nesse texto uma questão energética e ambiental é abordada, e na baila analítica se compreende forças invisíveis, atuando em áreas ambientais.

No caso da Rua “X”, desde quando crianças, os mistérios Scooby-doo, até adultos quando caso a caso os fenômenos deixam de ser resolvidos pelo exemplo e disciplina educacionais; e começam a assustar, quando não aborrecer.

Poderia haver uma força oculta no local, atuando sobre a mente de algumas pessoas mais frágeis que sob essa força encadeariam um processo de atos reprováveis pelo que foi demonstrado.

Sabe-se que um vampiro não existe sem o outro. A literatura espírita define o processo como obsessão. O que poderia passar despercebido no caso. A obsessão se quando o vampiro avaria o senso crítico do vampirizado, e ele fugindo da realidade, inicia um processo que vampiriza os habitantes do local.

Do ponto de vista concreto, a bateria do relógio acabar uma semana antes do dia do pagamento, é uma coincidência da mesma forma que o ralo vazando, vazamentos pela casa, podem em quando muito ser um tiro de espingarda de chumbinho no ralo.

Muitos acidentes desta esfera se repente. Onde nunca se encontra o culpado independente de dolo ou culpa. Muito do vampiro galáctico tem como explicar o caso sob o ponto de vista lógico de uma interferência no sistema nervoso, causada por alguma força exterior causa um padrão comportamental monstruoso.

A psicologia trabalha com neurose, principalmente, e como ciência de estudo da mente compreende a paranoia, e a esquizofrenia. No caso em que décadas de aborrecimentos assombram um local. A ferramenta de uma ciência da saúde, se torna incapaz para agir no problema: ora porque o problema não é se sua concepção, ora porque não atua como instrumento de coerção.

O uso de drogas poderia ser enumerado como uma causa possível, como se deu em Amityville, mas não cria o padrão. O processo semiótico da distorção da realidade paranoica em Dali, e esquizofrênica em Picasso, mostram lados saudáveis das divergências mentais. A neurose, fora das interpretações não acadêmicas, pode produzir arte.

Trabalhar com o concreto, ou seja a ponta do ice Berg, baseado no antagonismo à filosofia do panteísmo, em que as coisas compreendem em si uma natureza “sobrenatural”. A necessidade de interpretar as mensagens que esses atos transmitem pela violência sobre as “coisas” como um todo, quando não diretamente sobre pessoas e animais pode ajudar a compreender o que este certo inconsciente coletivo, pode atuar como um parasita mental, o vampiro, compreendido pelos filmes. Ou a análise crítica de uma força demoníaca que em determinado local, atua sobre determinadas pessoas, e como todo parasita pode estar adaptado a não destruir diretamente a pessoa. Causando danos emocionais ao grupo.

Uma série de besteiras de crianças poderiam ser explicadas pelo poltergeist (vide o filme), muito do que ficou do passado são memórias do que ocorrem nos ambientes, em que no habitat desse vampiro energético, ele causa distúrbios emocionais destrutíveis se as ações não forem cautelosas.

Aquele “delito” pontual, cometido como “gafe”, pode mascarar o verdadeiro vampiro por detrás de todos aqueles fenômenos que poluíram energeticamente aquele ambiente da Rua “X”.

Comparando o ambiente da Rua “X”, a faculdade, a repartição, etc... encontra-se uma rede de intrigas. Que também mascaram os reais problemas ou causas dos focos de problemas em cada localidade.

Consideram que todos eles estão interligados, é a mesma probabilidade de não terem relação alguma entre si. O vampiro age sobre aquele corpo, ele na tentativa de sangrar a mente de suas vítimas, ele tanto pode existir por si só, como ser parte doentia do talvez inconsciente pertencente aos desconhecidos criminosos.

É setembro, a primavera brilha nos campos, deseja-se um aos outros uma nova energia de florescer. A alegria renasce, a vida se multiplica e que essa energia ajude a libertar essa vítima do que pode ser um vampiro atuando como parasita sobre sua personalidade. Como o concreto e o abstrato, só convêm sobre o que se vê... (mas os objetos não estão voando por aí)



SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Foto: Flavio na Niteroiense de Letras

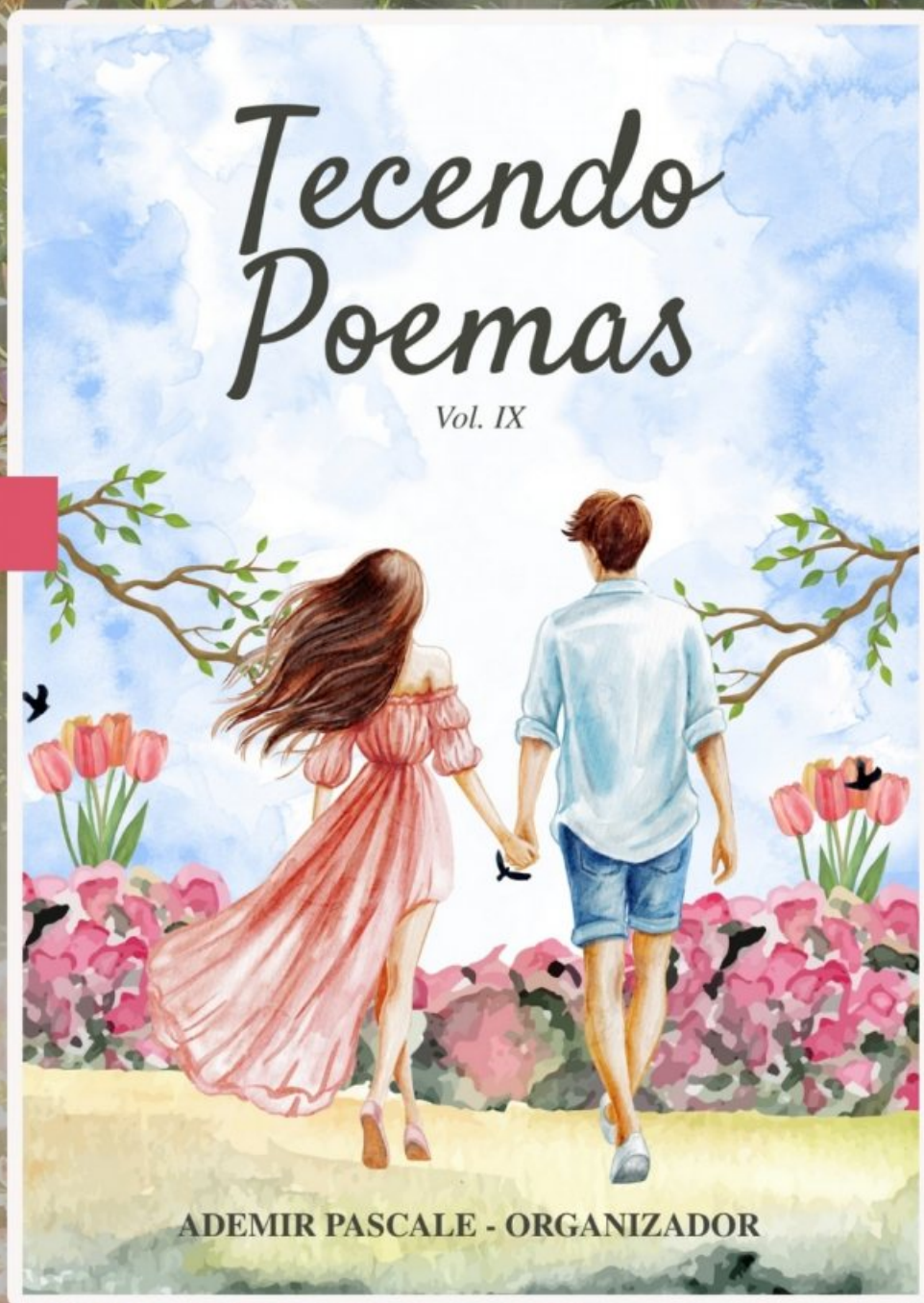


PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TECENDO POEMAS

VOL. IX

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

Fagulha

POR IVANA T. SOUZA



Fagulha Divina
Adormeceu no mineral.
E, na paisagem silenciosa
Da Terra ancestral, revelou-se
Em ouro e prata, diamante e
Turmalina. Foi pedra preciosa
No palco do Concerto
Universal.

No vegetal, movimentou-se e, na
Ária da Criação, inundada pelo
Sol, Figurou-se em campos
floridos de Rara beleza.
Embalada pelo Vento, aspergiu
doce perfume e, Majestosa, nos
jardins do
Criador, bailou.

No animal, o instinto aflorou
Como inspiração adormecida.
Na ovelha dócil, foi mansidão; na
fera, Força e astúcia. Fez morada em
ninhos E, na elegância de um pavão,
na Imponência de uma águia e na
beleza Do rouxinol, voou e cantou.

No hominal, a razão despertou.
Conheceu o Bem e o Mal. Amou e
Sentiu dor. Extasiada, com místico
Brilho no olhar, espelho da Alma,
Contemplou, com esplendor, as
Estrelas, o Sol e o Luar, que são os
Astros na ópera do Criador.

No angelical, hoje é Luz.
Conquistou atributos Divinos e
Habita na mansão do Infinito.
É chama flamejante que não
se Apaga. É como uma nota
da Partitura da Sinfonia
Celestial.

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Sua atividade literária teve início na maturidade. Atualmente escreve contos, microcontos e poemas; também participa de concursos literários.

Contato:

Instagram: @Ivana_souzat

Revista Conexão Literatura

A Hora da Estrela Clarice Lispector



“Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho.”

Clarice Lispector A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Entrevista exclusiva com Andrea dos Santos

POR ADEMIR PASCALE



Andrea dos Santos - Foto Divulgação

Andrea dos Santos, 45 anos, é jornalista, redatora e escritora carioca. Casada há quase três décadas e mãe de dois filhos, considera a família sua maior realização. Ao longo da carreira, dedicou-se à escrita, atuando na criação de conteúdos para empresas, projetos editoriais e publicações digitais.

Revista Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Andrea dos Santos: Estou no meu primeiro livro, *Filhos do Silêncio*. Sempre gostei de ler – a leitura começou a me

acompanhar na adolescência –, mas nunca havia escrito um livro antes. Comecei como um diário, para não esquecer momentos importantes, e escrever foi uma maneira de desabafar. Foram três anos escrevendo, refletindo sobre minhas experiências, registrando momentos marcantes e compartilhando minhas emoções e pensamentos. Além disso, já tenho projetos em andamento para outros livros.

Revista Conexão Literatura: Você é autora do livro "*Filhos do Silêncio*", poderia comentar?

Andrea dos Santos: Sim, sou a autora. Foram três anos escrevendo memórias,

registrando uma série de descobertas que estavam acontecendo na minha vida. Para não esquecer e poder revisitar esses momentos, comecei a escrever o que hoje se tornou o livro *Filhos do Silêncio*.

Revista Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Andrea dos Santos: Meu processo de criação é muito pessoal e reflexivo. Geralmente começo escrevendo sobre minhas próprias experiências, sentimentos e memórias, como uma forma de desabafar e organizar minhas ideias.

Quanto às inspirações, para *Filhos do Silêncio* vieram principalmente da minha vida e das pessoas ao meu redor. Quis registrar momentos importantes, aprendizados e descobertas, transformando tudo em uma narrativa sincera que, de certa forma, também possa ajudar quem está lendo, compartilhando o que passei e vivi.

Revista Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Andrea dos Santos: "Cresci vendo minha mãe se equilibrar precariamente entre a dor lancinante e um fio tênue de esperança, como



uma equilibrista em um arame farpado. Eu não sabia, na minha inocência infantil, que aqueles olhos cansados — profundos como poços — guardavam não apenas o peso do dia a dia, a luta constante pela sobrevivência, mas também um segredo avassalador: a verdade sobre outros cinco filhos, frutos de um passado que ela, com uma determinação quase sobre-humana, nunca deixou transparecer — um passado enterrado nas profundezas de sua alma.

Esta história, portanto, não é apenas sobre ela — sobre a trajetória de uma mulher marcada por segredos e

sofrimentos. É, acima de tudo, sobre o impacto visceral, como um terremoto emocional, que a descoberta dessa verdade, guardada a sete chaves, teve em mim, em minha própria identidade."

Revista Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Andrea dos Santos: Se quiser adquirir o livro, ele está sendo divulgado em pré-venda pela Opera Editorial. Para conhecer um pouco mais do meu trabalho, você pode me acompanhar no Instagram: @andreasantos.escritora

Revista Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Andrea dos Santos: Por mais que a leitura esteja crescendo no Brasil, ainda enfrentamos muitos desafios. É muito importante que os pais incentivem esse hábito desde cedo, pois a leitura transforma a forma como vemos o mundo, nos faz refletir e ainda inspira a criar, imaginar e sonhar. Além disso, parcerias governamentais e projetos educativos que promovam o acesso a livros e incentivo à leitura são fundamentais

para que mais pessoas possam ter contato com o universo literário.

Revista Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Andrea dos Santos: Sim! Estou terminando de escrever este próximo livro e estou muito animada para compartilhá-lo. Diferente de Filhos do Silêncio, ele não é biográfico, mas traz uma narrativa romântica e é também uma forma de agradecer pelas experiências e pessoas que fizeram parte da minha vida. Espero que essa história consiga tocar e emocionar quem a ler.

Perguntas rápidas:

Um livro:) "Presos que menstruam", da autora Nana Queiroz

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Cidade de Deus, Vitória

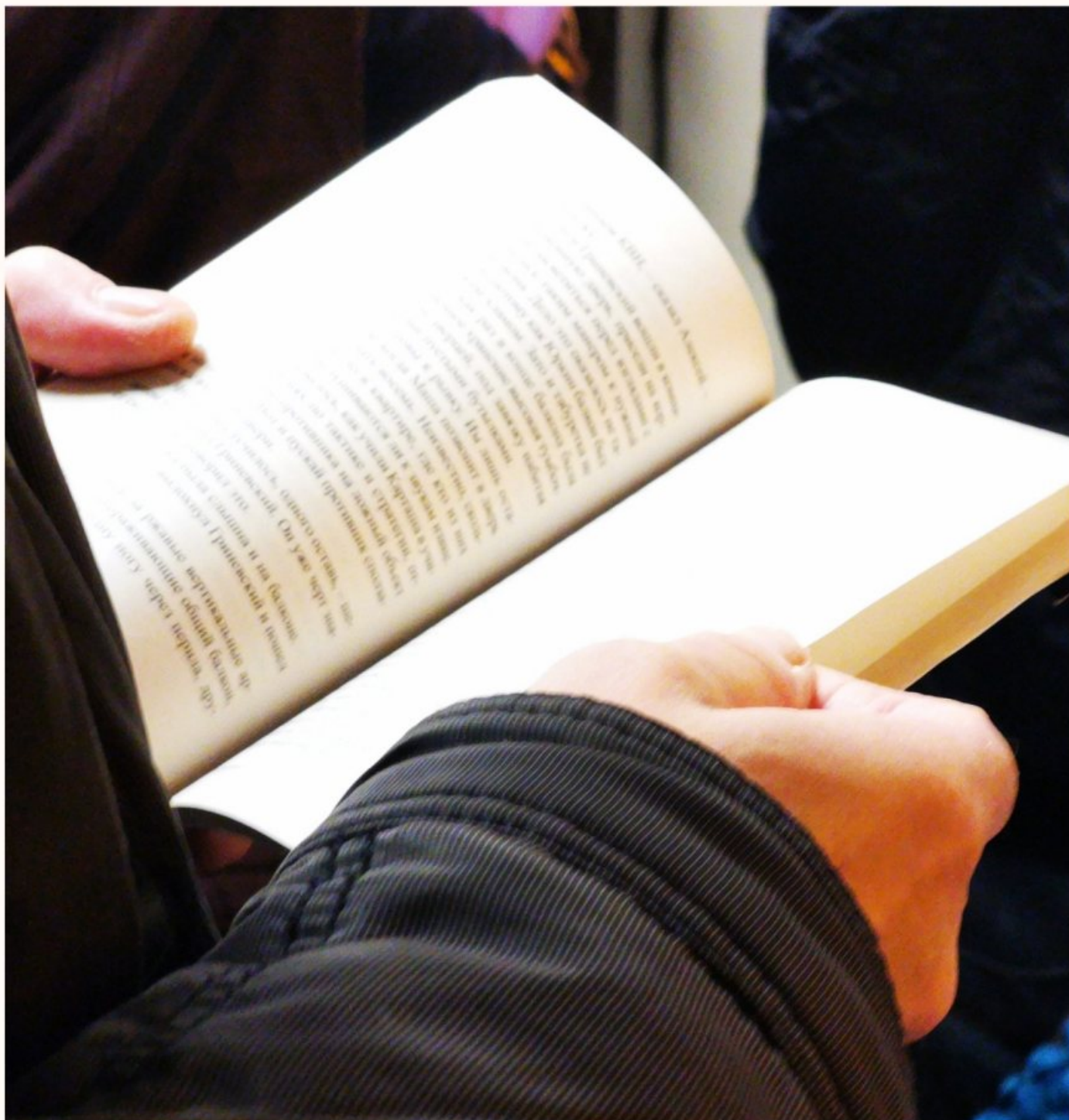
Um hobby: Ler

Um dia especial: Eu não tenho um dia especial em específico, mas estar com meus filhos e meu marido são meus dias especiais.

Revista Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Andrea dos Santos: Escrever Filhos do Silêncio não foi fácil. Por mais que seja meu primeiro livro, ser escritor no Brasil não é uma tarefa simples.

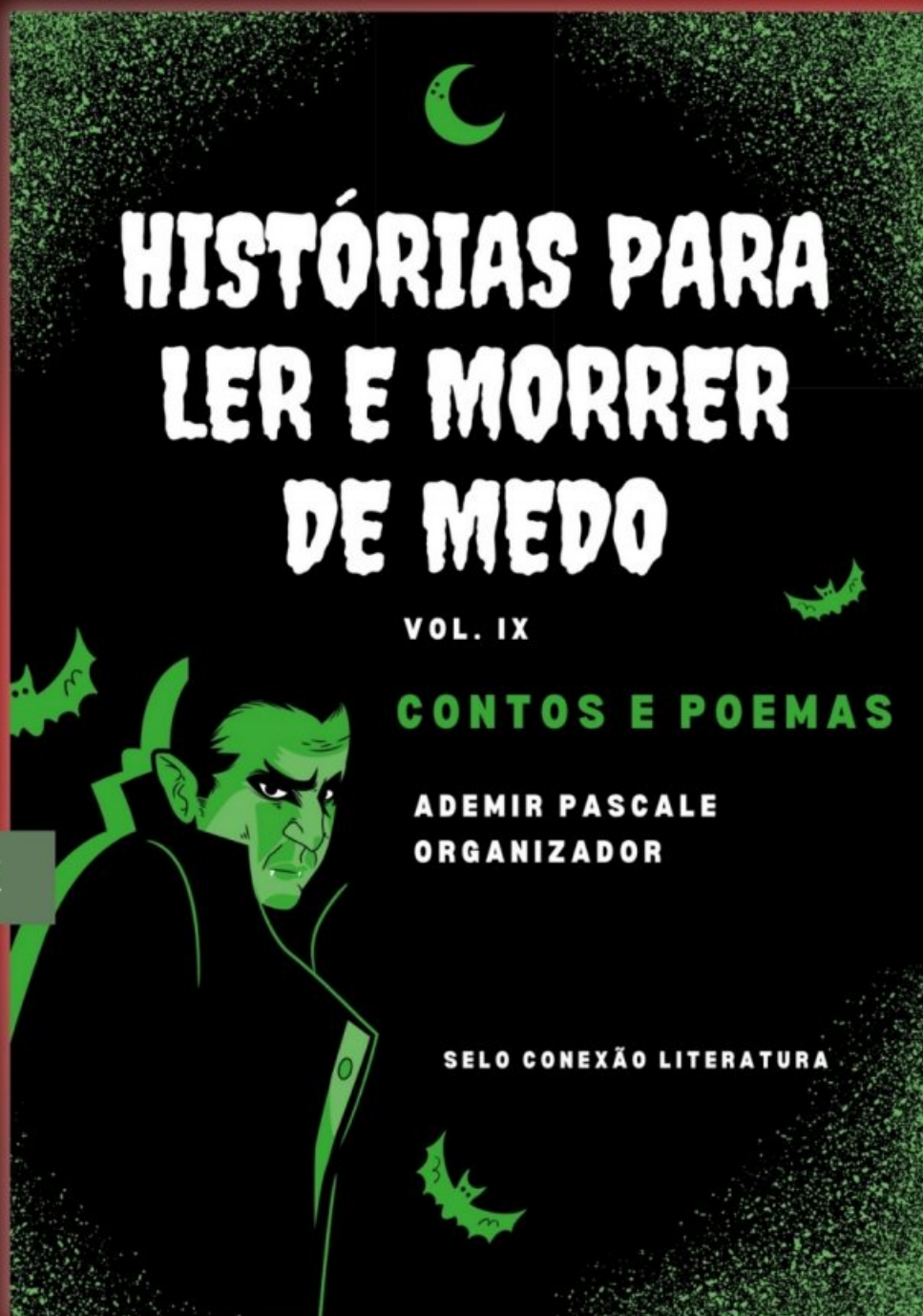
Foram três anos de dedicação, reflexão e muita emoção, transformando memórias, sentimentos e experiências em palavras. Cada página é um pedaço da minha história, e compartilhar isso com os leitores é, para mim, um gesto de coragem e de esperança. Espero que, ao ler, cada um possa se conectar com essas experiências, se emocionar e, de alguma forma, se sentir acolhido. Agradeço muito pela oportunidade de conceder esta entrevista e de poder falar sobre meu trabalho e minha trajetória.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

VOL. IX



E-BOOK

saiba mais: clique aqui

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

Entrevista exclusiva com Flávia Fernandes

POR ADEMIR PASCALE

Flávia Fernandes - Foto divulgação



Flávia Fernandes do Nascimento nasceu em Campinas em 29/05/1973. É casada e mãe de uma filha, e vive com duas gatas e uma cachorra que completam sua família amorosa. Graduada em Tecnologia da Gestão Ambiental e pós-graduada em Biotecnologia Ambiental.

Como escritora, Flávia é apaixonada por contar histórias que tocam corações de todas as idades. Escreveu a encantadora estória infantil “Natal Ecológico”, que trata de meio ambiente e ecologia, incentivando o cuidado com a natureza, o livro “Vacilo do Coração”, uma obra que explora temas profundos e reflexivos sobre a experiência feminina e escreveu um livro infantojuvenil “Miscelânea Animal” que fala sobre amizade. E contribuiu também com suas obras em Antologias.

Revista Conexão Literatura: Flávia, sua estreia literária foi com Natal Ecológico, uma obra voltada ao público infantil que aborda temas como sustentabilidade e ecologia. Como surgiu a ideia de transformar um tema tão importante em uma narrativa lúdica e acessível às crianças?

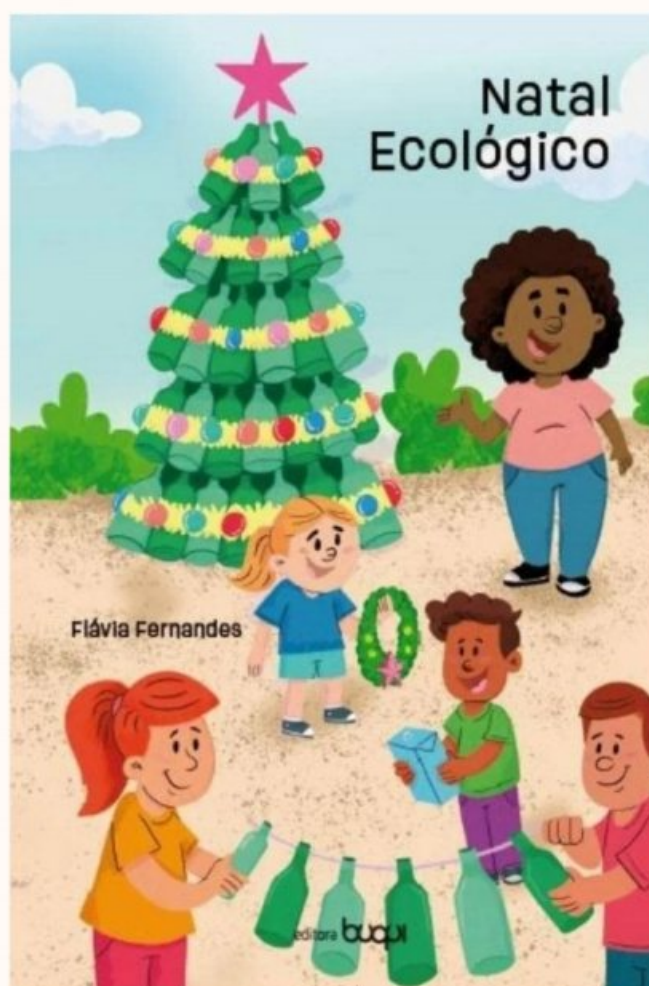
Flávia Fèrnandes: Após me formar em Biotecnologia Ambiental, surgiu a ideia de escrever um livro para as crianças sobre meio ambiente e sustentabilidade, pois o intuito que as crianças elas aprendem fácil, absorvem toda a informação, podendo ensinar seus familiares, amigos e vizinhos.

Revista Conexão Literatura: Vacilo do Coração marca uma virada em sua escrita, voltada ao público adulto, com uma narrativa intensa e reflexiva sobre relacionamentos e desafios emocionais. Quais foram suas principais inspirações para escrever esse livro?

Flávia Fèrnandes: Tudo que está no livro foram inspirados em vidas reais, aconteceu de fato com amigas e conhecidas o que me deu à luz para escrever sobre os relacionamentos tóxicos.

Revista Conexão Literatura: Em Miscelânea Animal, você optou por personagens animais com comportamentos humanos para discutir questões universais. De onde veio essa escolha criativa e que mensagem principal você gostaria que o leitor levasse dessa obra?

Flávia Fèrnandes: Essa obra também contém histórias reais que de fato aconteceram, mas para ficar mais



divertido pensei nos personagens animais. E a mensagem que fica que apesar de uma comunidade que passa por conturbações e traições no final a amizade vence.

Revista Conexão Literatura: Seus três livros transitam entre diferentes gêneros e públicos (infantil, adulto e juvenil). Como é para você adaptar sua linguagem e estilo a cada público-alvo? Existe um deles em que você se sente mais à vontade?

Flávia Fèrnandes: O público infantil sempre me deixa mais à vontade, mas escrevo de acordo com minha



inspiração então não é difícil adaptar a linguagem.

Revista Conexão Literatura: O livro Natal Ecológico tem forte relação com sua formação em Gestão e Biotecnologia Ambiental. De que forma sua carreira acadêmica e profissional influencia sua escrita literária?

Flávia Fèrnandes: Através do conhecimento elaborei uma estória infantil que acredito ser mais eficiente no aprendizado do que fazer um livro técnico tentando abranger os adultos, sendo mais difícil. Vamos deixar as crianças ensinar e educar os adultos.

Revista Conexão Literatura: Já em Vacilo do Coração, você trata de temas delicados como traições, decepções, violência e renascimento. Como foi o processo emocional de escrever esse livro, e como os leitores têm reagido a essa narrativa tão intensa?

Flávia Fèrnandes: Foi um processo intenso o qual tive que rememorar estórias que me foram contadas e eu fiz uma junção de todas as informações resultando num livro marcante.

Alguns gostam do livro outras acham o livro quente, pois escrevo as paixões ardentes, mas o foco é falar dos relacionamentos fadados ao fracasso (tóxicos).

Revista Conexão Literatura: Em Miscelânea Animal, há humor, drama e reflexões profundas sobre a natureza humana. Como foi criar essa floresta tão viva e cheia de significados? Algum personagem em especial tem um pouco de você ou de alguém próximo?

Flávia Fèrnandes: Sim, me diverti muito ao escrevê-la, tem um pouco de cada pessoa que conheci na minha jornada e um pouco de mim.

Revista Conexão Literatura: Você sempre sonhou em ser bióloga ou escritora. Hoje, ao ver seus livros publicados, qual é a sensação de realizar esse sonho da infância?

Flávia Fèrnandes: Quando criança queria ser bióloga, mas me lembro quando disse para minha mãe que seria escritora. É claro minha mãe não levou a sério eu tinha 7 anos. Hoje vendo que publiquei 3 livros é a realização de um sonho, o qual pretendo publicar mais estórias.

Revista Conexão Literatura: Como escritora e leitora, quais autores ou obras mais influenciaram sua escrita e visão de mundo?

Flávia Fèrnandes: Clarice Lispector e Paulo Coelho. Gosto de escrever com um pouco de reflexão e fantasia.

Revista Conexão Literatura: Para os leitores que desejam conhecer mais sobre você ou adquirir seus livros, quais canais ou formas de contato você indicaria?

Flávia Fèrnandes: Os livros estão à venda na Amazon e meu Instagram: @flavia.fernandes.escritora

Revista Conexão Literatura: Para finalizar, quais são seus próximos projetos literários? Podemos esperar novas histórias infantis, juvenis ou adultas – ou talvez até uma surpresa misturando esses universos?

Flávia Fèrnandes: Tenho estórias infantis para publicar, inclusive uma estória infantojuvenil sobre

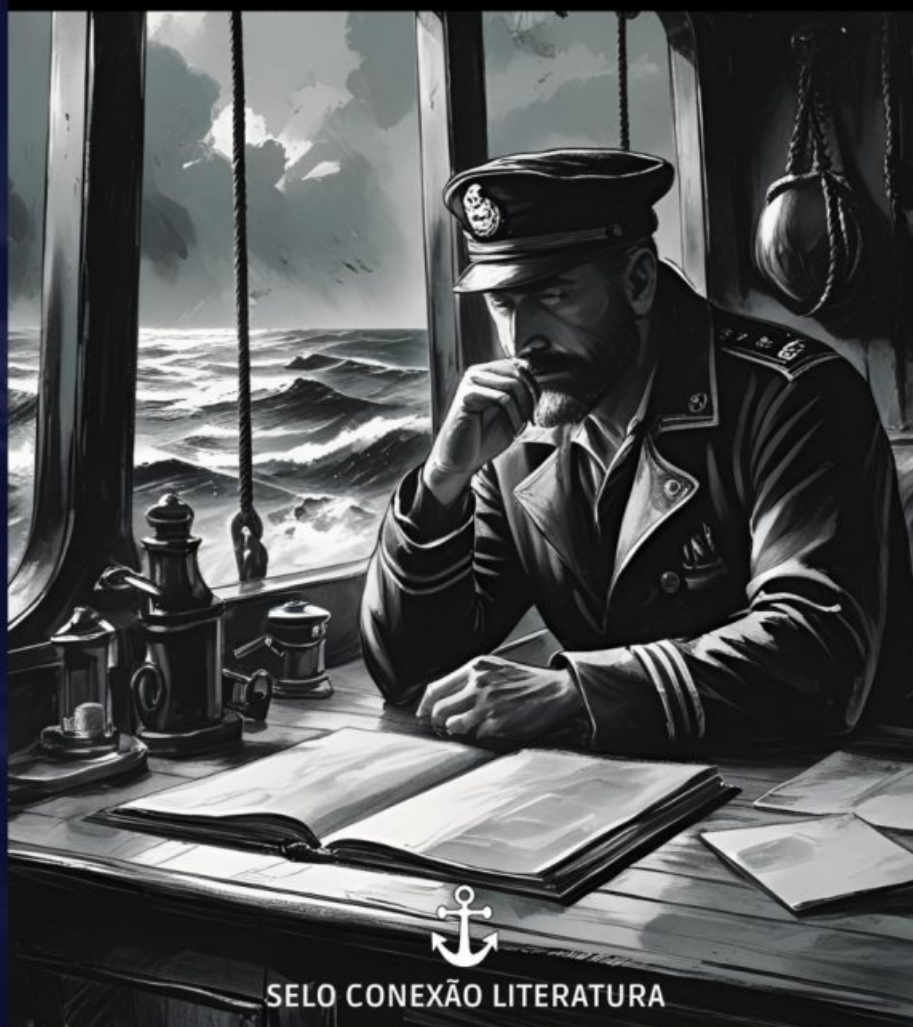


desmatamento e queimadas e uma obra mítica que está em produção.



A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



A VOZ DO OCEANO POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saía cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!

DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)

Entrevista exclusiva com Roberto Schima

POR ADEMIR PASCALE



Roberto Schima - Foto Divulgação

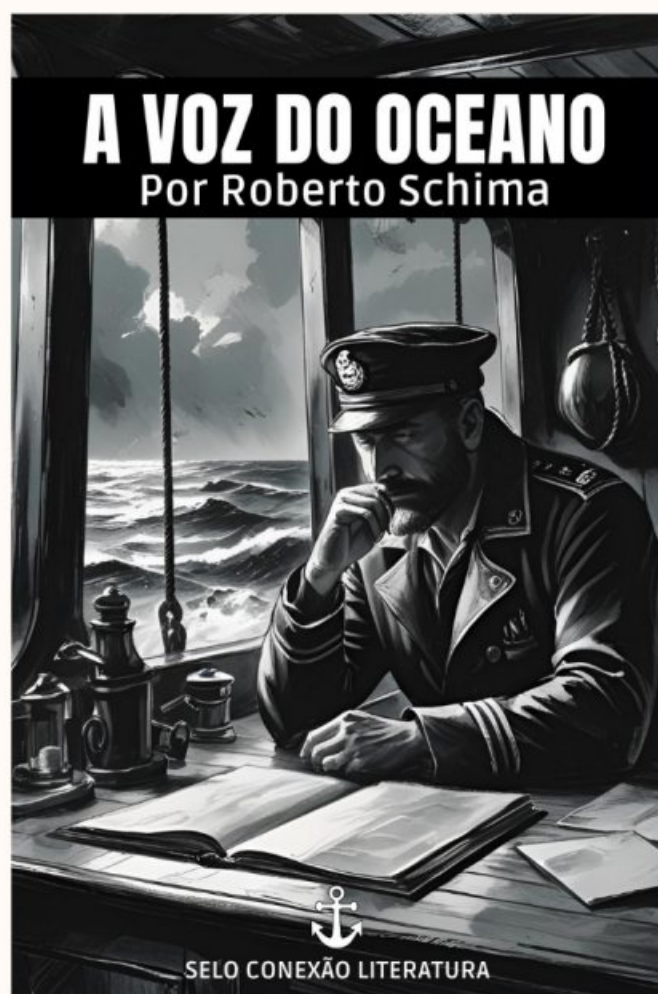
Hoje conversamos com Roberto Schima, autor paulistano, neto de japoneses, apaixonado por monstros, ficção e pelo mar. Schima é presença constante na Revista Conexão Literatura e já participou de impressionantes 392 antologias, sendo um dos nomes mais prolíficos do cenário literário brasileiro. Nesta entrevista, ele fala sobre sua mais nova obra, *A Voz do Oceano*, e relembra parte de sua trajetória marcada pela imaginação e pelo encanto da narrativa fantástica.

Revista Conexão Literatura: Roberto, para começar, conte aos nossos leitores como nasceu a ideia para *A Voz do Oceano* e o que o motivou a escrever essa história tão carregada de memórias e simbolismo.

Roberto Schima: Nos meus tempos de criança — Quantas vidas atrás? —, lá pelos anos 60, eu descia a serra com a família da capital paulista para o litoral a exemplo de milhares de outras. A ansiedade na véspera da viagem era de tirar o sono! Quem não se sentiu assim? Penso que o primeiro contato com a praia foi crucial: a areia fina, seca ou molhada, a água a lambar os pés, os filhotes de caranguejo, a imensidão do mar e do céu... Ah, se toda essa experiência deixar uma marca positiva na mente

infantil, ela gostará do mar por toda a vida! A partir de então, pensar nele ou estar diante de uma foto ou vídeo do oceano sempre despertará uma sensação boa, um misto de saudade, bem-estar e liberdade. Na adolescência, entre outros documentários, assisti a série O Mundo Submarino de Jacques Cousteau. Sob a influência de histórias de piratas, imaginei quão incrível seria se, ao caminhar pela orla, de repente encontrasse um dobrão espanhol. Sonhava em, um dia, residir no litoral, todavia, preso ao cotidiano atribulado de São Paulo, julgava algo impossível. No entanto, aos trinta e três anos, a oportunidade surgiu, e tive o privilégio de vir para a praia. A Voz do Oceano traz a experiência de se caminhar junto à rebentação de manhã, sentir a brisa no rosto e o odor da maresia, fazer parte da vastidão, apanhar conchas e perceber que o mundo é muito maior, mais belo e significativo do que qualquer quatro paredes. A história é um eco tanto da criança que eu fui quanto do adulto que me tornei e do velho que hoje sou. Por fim, é mais do que relevante mencionar — e agradecer — que, não fosse pela amizade e generosidade de Ademir Pascale, o presente e-book não teria vindo à luz. Obrigado!

Revista Conexão Literatura: O personagem Ratinho é cativante e muito vívido. Há elementos



autobiográficos nele ou em sua relação com o mar?

Roberto Schima: A personagem em si meio que foi inspirada na memória de uma antiga leitura do livro Capitães da Areia, de Jorge Amado. Mas as suas atitudes em relação ao mar têm tudo a ver comigo: o caminhar pela praia a observar os arredores — inclusive após uma tempestade — e xeretar os "tesouros" trazidos pela maré. Eu tive uma coleção de conchas marinhas quando garoto, mas, infelizmente, se perdeu. Porém, passei a catar muitas outras depois de velho para a inquietação da esposa diante de tantos "cacarecos". Escutar o "mar" no



interior de uma concha continua a ser uma experiência gratificante — a voz do oceano está lá —; e a visão das águas a se perder no horizonte, uma fonte inesgotável de fascínio. Quem já observou o nascer do Sol na praia ou o luar refletido no mar sabe do que estou falando...

Revista Conexão Literatura: O mar, na sua narrativa, é quase um personagem vivo. Como foi o processo de pesquisa ou de construção desse ambiente tão imersivo?

Roberto Schima: Já fiz leituras de livros e artigos de revistas abordando o mar e a vida marinha, também assisti a inúmeros documentários e

filmes instigantes como O Segredo do Abismo, de James Cameron. Todavia, não cheguei a efetuar pesquisas específicas para a composição da história, ao menos não que eu me recorde. Muito da história baseou-se em minhas impressões juvenis e caminhadas pela orla em épocas mais recentes: a visão de gaivotas, quero-queros, siris, garças, corujas-buraqueiras, marias-farinhas, moluscos, o quebrar das ondas, os barcos pesqueiros, os detritos etc. Tudo faz parte do que vivi e, claro, também fruto da imaginação.

Revista Conexão Literatura: A sinopse menciona uma “criatura misteriosa e viva” encontrada após a tempestade. Sem dar spoilers, o que pode nos adiantar sobre a importância dessa descoberta na trama?

Roberto Schima: Talvez seja relevante mencionar que o esboço da história surgiu em meados de 2019, pouco depois de outro rascunho com um enredo na mesma linha. Esse último veio a se tornar o conto O Trovão e as Ondas, publicado na edição nº 49 da Conexão Literatura. A princípio, A Voz do Oceano seria bem diferente daquilo que se tornou. O protagonista apareceria predominantemente na fase adulta e ver-se-ia envolvido não só com uma criatura misteriosa, mas várias delas a atacar seu navio. Teria um tom mais aventureiro e menos nostálgico. Em dado momento, tudo

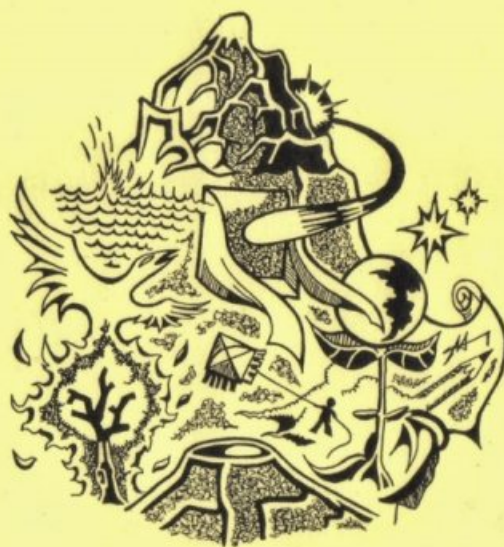
mudou. Quanto à criatura em si, ela simboliza o desconhecido, o encanto e o temor que as profundezas frias e escuras do oceano evocam no ser humano, desde que se aventurou a singrar por suas águas. Também representa o próprio oceano e nossa atitude perante ele, mormente face à poluição e à pesca predatória. E, por fim, reflete aquele toque de mistério em face do que poderia surgir das ondas encrespadas após uma tempestade.

Revista Conexão Literatura: Você tem uma ligação muito forte com elementos fantásticos e criaturas desde a infância. Como essas influências, que vêm de gibis, filmes e seriados, se refletiram em A Voz do Oceano?

Roberto Schima: Como costumo dizer, eu sou da geração TV. Assisti National Kid a enfrentar os seres abissais, Moby Dick da Hanna-Barbera, Namor, o Príncipe Submarino, Ultraman e Ultraseven a derrotar os monstros gigantes que vinham do oceano para destruir Tóquio e, claro, havia o rabugento Almirante Nelson em Viagem ao Fundo do Mar. Ah, longe da TV e nos gibis da Disney, até o Pato Donald e sobrinhos viveram suas estrepolias sob às águas! De certa maneira, foi inevitável introduzir um elemento fantástico em A Voz do Oceano. Na realidade, conforme

Pequenas Portas do Eu

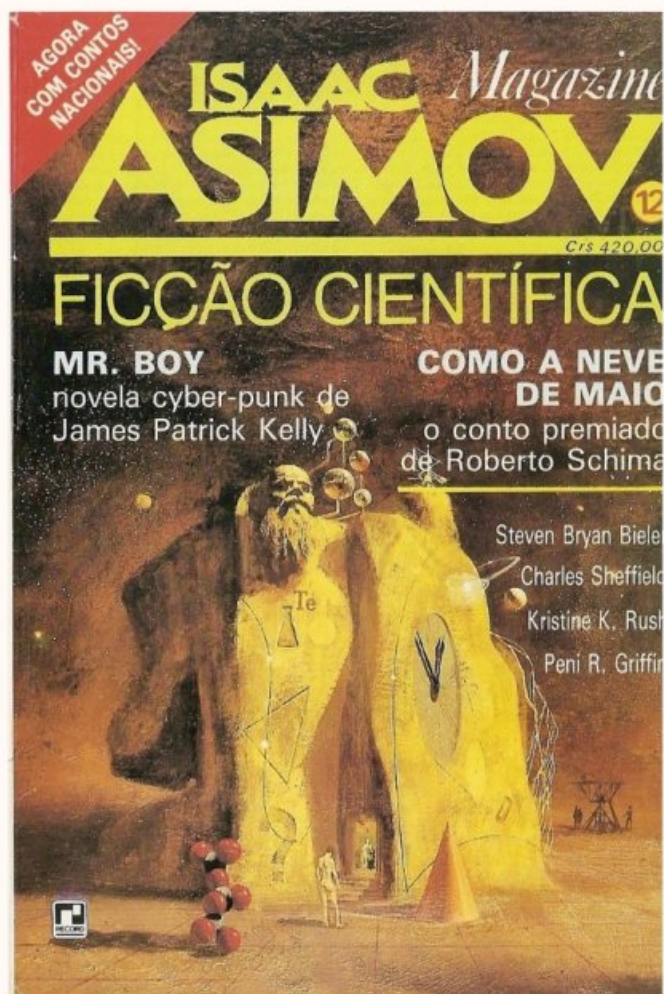
Roberto Schima



mentionei na resposta anterior, o enredo original basear-se-ia nisso, mas acabei atenuando na versão final em favor dos elementos nostálgicos.

Revista Conexão Literatura: Você já participou de nada menos que 392 antologias. Como vê a importância dessas coletâneas para um autor e para o fortalecimento da literatura nacional?

Roberto Schima: Descobri as antologias no começo da pandemia, o que foi providencial, pois pude, assim, ocupar o tempo durante o confinamento inscrevendo-me em



tantas quanto fosse possível. Não só me manteve ocupado como deu a oportunidade para eu exercitar a escrita. A meu ver, a importância das antologias reside no fato de ser uma oportunidade maravilhosa para o autor amador ter o seu texto publicado em um livro (físico ou e-book), e o incentivo que isso representa. Sou de um tempo em que só havia duas maneiras de divulgar os trabalhos: através de fanzines de fundo de quintal (toscos e de circulação mínima) ou por meio de produção independente no qual o autor precisava dispor de uma pequena fortuna a fim de custear uma edição de 250 a 500 exemplares (e se

virar depois para vendê-los). Hoje, a um custo mínimo, posso ter meus contos publicados em obras cujo acabamento nada fica a dever para aquelas lançadas através de grandes editoras. Posso também ter acesso àquilo que foi escrito por outros autores e, quem sabe, fomentar a troca de ideias. Os participantes das antologias vêm de todos os cantos do país. Então, em tese, pelo menos eles adquirirão os livros. Isso significa que, em diferentes regiões do Brasil há uma obra contendo a nossa história a qual poderá ser apreciada pelo leitor. Quão diferente é essa realidade daquela de há trinta anos...

Revista Conexão Literatura: Sua presença constante na Revista Conexão Literatura nos alegra imensamente. O que significa para você contribuir com publicações periódicas como esta?

Roberto Schima: Em 1987 lancei por produção independente o livro *Pequenas Portas do Eu* e, no ano seguinte, tornei-me membro do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), em cujo fanzine, *Somnium*, passei a colaborar com contos e, principalmente, desenhos. Em 02/04/1991 fui contemplado com o Prêmio Jerônimo Monteiro pela Isaac Asimov Magazine (Editora Record) com a história *Como a Neve de Maio*, publicada na edição nº 12, o que representou um estímulo fabuloso. Todavia, com o passar do tempo, o

ânimo feneceu e as ideias minguaram, fui absorvido por problemas cotidianos, mudei de cidade e, quando me dei conta, havia deixado de escrever por mais de duas décadas. Mas a sementinha teimosa hibernou e persistiu. Até o momento em que, em meados de 2018, vi o anúncio de um concurso de contos de ficção científica, intitulado Os Viajantes do Tempo, promovido pela revista digital Conexão Literatura e resolvi participar. Não estava inspirado a compor algo novo, contudo, tinha uma história engavetada, chamada Abismo do Tempo, que, talvez, pudesse se encaixar no tema. Reli, dei uma cinzelada, enviei... e esqueci. Continuei a tocar a vida, mas não é que, pouco tempo depois, soube que, ao lado da autora Maria Mattos, vencera o concurso? Isso representou um baita incentivo, um verdadeiro chacoalhão, uma ducha de água fria! Abismo do Tempo foi publicada na edição nº 37 da revista e, desde então, colaboro ininterruptamente com a mesma. A alegria em participar é minha, pois — digo e repito — se voltei a escrever, foi por causa da mesma e de seu editor, Ademir Pascale, pelo que sempre serei grato. Atualmente, além da Conexão Literatura, colaboro com a revista digital LiteraLivre, de Ana Rosenrot (e de uma ou outra de modo esparso). Como ambas são disponibilizadas de graça pela Internet, contribuir com elas, além da

satisfação de ver os textos em suas páginas, significa a possibilidade de tê-los divulgados de uma maneira muito mais ampla do que a oferecida pelas antologias em livro físico. Ademais, há a certeza de fazer parte de projetos culturais os quais engrandecem o país.

Revista Conexão Literatura: Em sua carreira, há prêmios importantes e obras variadas, como Pequenas Portas do Eu e Imerso nas Sombras. Poderia comentar?

Roberto Schima: Não sei bem se posso chamar de "carreira", pois escrever é para mim, antes de tudo, um prazer. Nessa altura da vida, não nutro expectativas maiores além disso, o que, aliás, no mundo onde vivemos, chega a ser um luxo... Com relação aos prêmios, acabei discorrendo sobre eles na resposta anterior. Embora possa surpreender, eu não sou fã de concursos, e, claro, já fui reprovado em alguns deles. No entanto, sou o primeiro a reconhecer a relevância deles enquanto estímulo ao vencedor. É como o espinafre para o Popeye (A "criançada" não sabe quem é? Consultem o Google!). Mas, igualmente, se perder, pode significar uma frustração que eu, dentro de minha insegurança, prefiro evitar. Pequenas Portas do Eu foi o livro primogênito, lançado numa época em que a informática engatinhava e a

Internet sequer existia. Tem inúmeras falhas de conteúdo, incluindo gramaticais, e, apesar de hoje vê-lo com reservas, há também um apelo sentimental bastante forte. A seu tempo foi muito importante para mim e, na verdade, sempre será. Em 2013, descobri as plataformas de autopublicação Agbook e Clube de Autores e, por meio deles, lancei o livro Limbographia. A ele seguiram-se: O Olhar de Hirosaki, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono e Vozes e Ecos. Algumas noveletas como Os Fantasmas de Vênus, O Maníaco da Zona Leste, A Solidão de uma Rainha, Caçada no Planeta Duplo e Tio Vampiro tiveram edições próprias (ainda que constassem nas antologias anteriores), a maioria na forma de livro de bolso. E lancei três antologias temáticas: Através do Abismo (contos de ficção científica), Imerso nas Sombras e Profundo, Frio e Escuro (estes dois últimos de contos sobrenaturais). Também tive lançamentos em outras plataformas: UICLAP, PerSe e Amazon. O maior atrativo delas, é o ônus zero para o autor. Infelizmente, no meu caso, por se tratarem de lançamentos solos – e eu precisei ser autor, diagramador, revisor, ilustrador e capista, com tudo o que de bom e mal há nisso –, despertaram pouco interesse. Melhor resultado obtive com as antologias no sentido de divulgar as histórias e –

Ulalá! – até ser lido.

Revista Conexão Literatura: Considerando seu contato com tantas formas de narrativa – contos, romances, antologias – qual formato você acha que mais potencializa sua criatividade?

Roberto Schima: Sem dúvida dou-me melhor com os contos, e é assim que me defino, um contista, na falta de algo melhor e por mais que eu deteste rótulos. Reluto e não me vejo com o título de "escritor" o qual eu reservo para os medalhões na área. Já escrevi um romance – O Olhar de Hirosaki –, algumas noveletas, crônicas e até compus uns versinhos (sem nunca me achar um poeta). Prefiro dizer que sou apenas um cara que gosta de escrever. Ah, aproveitando a deixa, cito alguns contos que escrevi que também abordam o mar e foram publicados na revista Conexão Literatura[1]: Onde o Tempo Deixou de Existir (edição 57), A Melodia das Marés (58), De Volta para Casa (75), Das Profundezas do Mar (82), Núcleo Incandescente (85), O Faroleiro (114) e Aquela Noite Entre o Mar e as Estrelas (121). Teve ainda a crônica Antes do Sol Raiar, na antologia Poemas Marítimos[2], Selo Conexão Literatura.

[1]

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista/>

[2] <https://www.divulgalivros.org/>

Revista Conexão Literatura: Para encerrar, que mensagem você gostaria que o leitor levasse consigo após ler as páginas de A Voz do Oceano?

Roberto Schima: Usando um clichê pra lá de batido, os oceanos são, literalmente, o berço da vida. Foi deles que ela surgiu. Alimentamo-nos de seus frutos. Vivemos graças ao oxigênio neles produzido. Através deles viajamos e extraímos recursos. São fontes imorredouras de prazer, fascínio e conhecimento. Entretanto, ao contrário do que antigamente se dizia, não são inesgotáveis, tampouco invulneráveis. Que ao término da leitura de A Voz do Oceano, as pessoas possam compartilhar de meu apreço por esse maravilhoso universo que é o reino das águas, e que possamos tratá-lo com respeito, humildade e admiração. Apenas parem e ouçam o eterno marulhar, o grasnar das gaivotas, o farfalhar dos coqueiros e o reverberar no interior das conchas. Vejam a pescaria paciente das garças, o Sol dourar o horizonte, a coragem indignada dos siris, o nascer silencioso das estrelas e a Lua refletir prata na inquieta superfície. Sintam a areia macia escoar entre os dedos, a espuma gelada lamber os seus pés e o fustigar do vento vindo de longe. Deixem-se, assim, seduzir pela voz do oceano e, diante do seu embalo, torná-la parte de si, senão de verdade, ao menos em seus sonhos.



Chieko Schima e Roberto Schima



Citações de Grandes Autores

A person in a dark hoodie and pants walks away from the viewer down a wet, reflective city street at dusk. The street is lined with buildings, some with glowing signs, and the wet pavement reflects the ambient light and the person walking. The overall mood is contemplative and urban.

“A coisa mais importante
que aprendi na escola é o
fato de que as coisas
mais importantes não
podem ser aprendidas na
escola.”
- Haruki Murakami

An artistic illustration of a young woman with dark hair tied in a bun, sitting in a field. She is looking upwards with a serene expression, her hands held out in front of her. Several orange and black monarch butterflies are flying around her. The background is a soft, hazy landscape with green grass and a blue sky with white clouds. A black rectangular box with white text is overlaid on the lower part of the image.

“Existir é isso, um
sobressalto de alegria,
uma pontada de dor, um
prazer intenso, veias que
pulsam sob a pele, não há
mais nada de verdadeiro
para contar.”
- Elena Ferrante



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



O ÚLTIMO GUARDIAO DO TEMPO

POR JOÃO GOMES

No seu 57º aniversário, Elias acordou com uma sensação estranha: uma voz antiga o chamava do fundo da mente. Não era sonho, nem delírio. *Era um chamado.*

Na noite anterior, havia sonhado que atravessava desertos, cidades em ruínas, bibliotecas incendiadas e até constelações cintilantes... Cada lugar mostrava os algarismos: 57.

Ao abrir os olhos, percebeu algo gravado em sua mesa de cabeceira, como se alguém tivesse escrito:

“A cada 57, a balança do tempo se inclina. Tu és o guardião escolhido.”

Confuso, saiu de casa e, ao andar pela cidade, começou a ver sombras sobrepostas à realidade — colunas de templos romanos entre arranha-céus, monges budistas cruzando avenidas, guerreiros persas lutando em silêncio nas praças.

De repente, tudo se rasgou como véu, e Elias se viu diante de uma figura encapuzada. Ela falou com voz de todas as eras:

— Elias, desde 6000 a.C., quando o trigo começou a brotar nos vales, a cada ano terminado em 57, algo mudou o destino da humanidade. Tu viste.

— Vi! — murmurou ele.

— Sim. Pois tu caminhaste por todas as épocas sem saber.

A entidade então abriu um livro imenso, cujas páginas eram cobertas por diagramas e estrelas. Ao folheá-lo, Elias viu:

Em 1957, o Sputnik erguendo-se ao céu.

Em 1857, uma revolta na Índia incendiando impérios.

Em 657, a batalha que dividiu os filhos do Profeta.

Em 57 a.C., César na Gália.

Cada página pulsava como se o sangue do mundo corresse nelas.

— E agora!? — perguntou Elias, com medo e fascínio.

A figura estendeu-lhe uma chave feita de bronze e jade.

— Agora é o teu turno. O ano é de ação. No teu 57º aniversário, és convocado.

O chão tremeu. Elias viu flashes do futuro: cidades flutuantes em 2057, máquinas e homens lutando sob céus de fogo, uma criança segurando uma tocha de cristal.

— O que devo fazer? — ele implorou.

A entidade sorriu, mas o rosto permaneceu oculto.

— Deves guardar o equilíbrio. A cada 57, forças adversas tentam inclinar o mundo para a ruína. Tu serás a balança.

— Mas como? Eu sou apenas um homem...

— Todos os guardiões disseram o mesmo.

Então o livro de estrelas se fechou. Elias voltou a si, no seu quarto, ao lado do bolo de aniversário ainda intacto.

No entanto, em sua mesa, repousava a chave dourada, fria ao toque.

Elias entendeu: sua vida comum havia acabado. A cada batida do coração, o peso dos séculos de 57 pulsava nele.

O mistério era absoluto. Mas a missão era clara:

guardar a balança da história no ponto onde o tempo se decide.

E assim começou sua jornada.



JOÃO GOMES. Nasceu em 1967, na cidade de Alto Piquiri, PR. Colaborador de Revista Conexão Literatura desde 2019; Membro e colaborador do Clube de Leitores de Ficção Científica – CLFC (2008); Parecerista da Revista de Ficção Científica Somnium desde 2020; Membro da Academia de Letra de Rondônia; Membro da Union of Concerned Scientists (UCS/US). Membro do Coletivo de Escritores Teoficção. Escreveu: O vingador do sangue (2016, Romance); A ária das Górgones (Contos, 2022). Disponível em: <https://www.amazon.com.br/>



Quando abro um
livro, também abro
minha mente.

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A black line drawing of a plant with several small, daisy-like flowers and leaves, located in the bottom right corner of the page.



POR IDICAMPOS

FORA DA LEI

No embolo do destino, até a natureza está de saco cheio. As catástrofes naturais avançam numa velocidade estonteante: haja vista esta noite de inverno com chuva de verão.

Os fatos envergonham a civilização. Os predadores retroagem o ser aos descabros dos sentimentos primitivos dos homens das cavernas. O ego empurra, de cabeça no buraco, a raça humana. O lucro compulsivo encaminha para a destruição, com mísseis, porta-aviões, armas químicas e afins. Um arsenal precipitando o fim no estalo da bomba atômica.

Perdido no reboço da incompetência de administrar o planeta, o futuro afunda no imprevisto... Em meio ao caos, vem Aladino, conservando o espírito leal, o pertencimento à dor do semelhante, a consciência de que o direito termina no início do dever.

Aladino era um cidadão genial. Desenrolava os papiros da resenha pautado nas leis da natureza. Acariciava as flores com a sutileza dos versos esculpidos em homenagem à criação do universo. Residia nele a infantilidade da barroquice. Os parceiros de copo tentavam, em vão, esburgar do poeta a ilusão de transformar o mundo.

O politicamente correto, a equação da felicidade, o amor ao próximo, o conhecimento da metafísica, o avanço da medicina quântica, eram vastas as utopias. Aladino torcia mesmo pela possibilidade de realizar o sonho da eternidade inventada pelos antigos egípcios.

As ideias absurdas consumiam as entranhas do desajustado. Ele insistia em negar o contexto das redes sociais, a inflação aliada ao dólar, o colonialismo cultural. Chegava à sandice de repudiar o complexo de vira-lata do brasileiro. Achava, nesses delírios de bom samaritano, que conseguiria travar a neurose da dominação, a especulação das bolsas de valores, a escalada armamentista rumo ao apocalipse.

Aladino casou-se três vezes à procura do amor, mas só encontrou a dor... No primeiro laço, perdeu a única casa que tinha: uma meia água no Morro da Cocada. Na segunda união, esbarrou com o vizinho deitado no colchão ainda dependurado na última prestação. Na terceira tentativa, deu entrada na UPA da Areia Branca — envenenado por chumbinho — consequência do olho grande da esposa no extrato do FGTS.

As experiências anteriores de aprendizagem ressabiaram o infeliz, titubeava diante as discontinuidades das relações sociais. Passou a beber sozinho, falava pouco, evitava namorar pelado, vivia um completo ostracismo. Desaparecia do cotidiano, por um tempão, sem deixar rastro.

Sobraram-lhe, depois de tanta frustração, a prima feia apaixonada pelo primo triste, o sorriso do dono do botequim, os interesseiros, os esmoleiros, o carinho das mulheres da vida e a amizade do pastor ávido pelos dez por cento do salário do vendedor de seguros.

Aladino chegava cedo na seguradora. Cumpria jornada de oito horas com um falso sorriso de felicidade, engabelava a freguesia, limpava o chão, desentupia a privada, lambia o sapato do patrão.

Segurava a barra da demanda. Assegurou, por 20 anos, os peitinhos durinhos da dona Filomena. Por 10 anos, garantiu a prótese erétil do tio Brochano. Afiançou, por 30 anos, o silicone da âncora do Jornal Principal. Vendeu apólice a todo mundo temeroso de um amanhã incerto.

A figura correta jamais correspondia à selva de pedra. Considerava-se incapaz de dar o troco, respondia ao descaso com ética. Naquela alma residia uma lamparina capaz de acender o mistério da vida na gente...

No entanto, a introspecção invadiu as ondas dos pensamentos do visionário. Desapareceu da plateia. Fechou a cortina. Abandonou a bilheteria. Ninguém sabia o paradeiro do sonhador.

Noutro parágrafo, revoltado com a história recente, visivelmente perturbado, olhou de lado a realidade e acelerou os passos. Parecia flutuar sobre a calçada, de tão rápido que andava. Dobrou a esquina, deu de cara com o letreiro almejado: “54º Delegacia de Polícia Civil do Rio de Janeiro”.

Entrou munido da certeza de que era o melhor a fazer. Dirigiu-se ao balcão de atendimento e garantiu uma audiência com a autoridade policial. Passado um catatau de tempo, finalmente presenciava a face do chefe da delegacia.

Humildemente, abriu a boca:

— Doutor delegado, venho aqui confessar um crime.

O policial mirou o confessor com um olhar inquisidor:

— Atento ao seu perfil de meliante, posso imaginar tratar-se do golpe aplicado à balzaquiana no portal de relacionamento. Tentava adivinhar a transgressão.

— Não, senhor!

— Por caso, trapaceou no recital de poesia? O agente encontrou de imediato evidência de cabeça no mundo da Lua, coisa de poeta.

— Não, senhor!

— Plagiou o romance de alguém? O delegado continuava na linha de investigação, porque só um escritor idiota entregaria a autoria de um crime na delegacia.

— Não, senhor!

— Claro, como não pensei nisso... Você violou o menor na Praça da Liberdade?

— Não, senhor!

— Muito bem. Está envolvido no golpe do INSS? Rouba os velhinhos há quase uma década?

— Não, senhor!

— Praticou racismo no supermercado?

— Não, senhor!

— Vandalizou o Relógio da Central? O representante da lei, guiado pela pressa de revelar o enigma, concluía está prestes a ouvir a confissão de um rebelde perdido na causa.

— Não, senhor!

— Agrediu alguém no Bar 24 Horas?

— Não, senhor!

— Usou inteligência artificial para detonar a imagem pública de alguém?

— Não, senhor!

— Produz coquetel molotov em casa, visando ações terroristas?

— Não, senhor!

— Desembucha, homem! Qual o crime que cometeste? O delegado impunha ao delator acertar as contas com as leis do Estado.

— Matei, com requintes de crueldade, um gigantesco afeto. Atitude translocada que me fez perder pra morte...

— E a quem assassinastes? Destemperado, visivelmente contrariado, o doutor delegado avançou na goela de Aladino.

Acuado, ele destravou a consciência e completou:

— Exterminei, após relutar bastante... a criança que existia dentro de mim.

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

DIVULGUE PARA

MAIS DE

1

MILHÃO DE

SEGUIDORES

APENAS

R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br





POR IVANA T. SOUZA

ARAPUCA E MACHADINHA

Era primavera, estação mais bela e agradável do ano. Corria o mês de outubro do ano de 1972. Naquele tempo, o pequeno distrito Barro Branco, no Sul de Santa Catarina, um dos redutos do carvão mineral do Estado, já se encontrava bem estruturado; e sua colonização era praticamente toda de descendentes italianos.

O distrito contava com uma igreja (Capela Santa Bárbara), padroeira dos mineiros; uma praça com figueira — por sinal, muito bonita; dois clubes; um cinema; uma escola (Prof.^a Emília Mamedes Soares); delegacia; cartório; postinho de correio; uma fábrica de móveis (Serralheria e Fábrica de Móveis Santa Bárbara); cemitério (São Sebastião); campo de futebol; uma raia em Barro Branco Velho, também chamada de grotta, onde aconteciam as corridas de cavalo; uma farmácia; benzedeira que benzia arca caída; duas vendas; bares; algumas lojinhas; dois táxis; um ponto de ônibus; sapateiro; um fotógrafo e outros... Enfim, pequeno, mas simpático, palco de muitas histórias e estórias.

Ramon (Pingo), menino de cabelos e olhos escuros, e Alcimar (Tito), de cabelos e olhos claros, tinham ambos doze anos e estudavam na escola local no período vespertino. A escola, de cores branca e amarelo meio escuro, não era grande, mas atendia alunos desde o primário até o ginásio. Tito e Pingo moravam na grotta, em Barro Branco Velho.

Numa sexta-feira, Maria, mãe de Tito, descia a rua que dava acesso a Barro Branco Velho. Vinha da farmácia e, aproximando-se da casa de Pedra, sua irmã, mãe de Pingo, parou no portão para conversarem.

— Bom dia, comadre! Estou vindo da farmácia, meu pequeno está doentinho.

— O que será que ele tem? Não há de ser nada grave. Os meus, quando ficam assim, faço um chazinho e logo melhoram. Comadre, hoje tirei o dia para secar pó de café. Estou juntando para fazer os tapetes de rua da procissão de Corpus Christi do ano que vem.

— Faz bem, comadre, hoje não chove. À tarde, vou lá na mãe, quero cortar um pouco de radiche. Hoje à noite vou fazer uma polenta com talha de queijo pra janta. Tenho um queijo serrano muito bom.

— Se a comadre quiser, pode cortar aqui do meu quintal. Tá bem viçosa. Tem couve também. Ontem fiz umas covas perto da cerca de arame e semeei feijão de corda. Eu, hoje, pra janta, vou fazer uma minestra. Ainda tenho um pouco daquele feijão novo que a mãe colheu noutro dia.

— Tá bem, comadre, mas vou descer a grotta. A comadre Tona tá bordando um enxoval para uma noiva lá de Lauro Müller. Quero ver os bordados, são tão bonitos.

— Verdade, a comadre Tona borda muito lindo. Nasceu com o dom. Amanhã cedo vou na Farroupilha fazer o rancho.

— A comadre vai lá por cima pela praça ou vai aqui por baixo pela estrada do eucalipto?

— Ainda não sei. Vou levar uma das meninas comigo. *Ma per che* a comadre pergunta?

— Sabe, comadre, tem um boato por aí... Que a alma penada daquele coitado que foi morto por um tal de Machadinho, na estrada da Farroupilha, na curva onde tem a cruz, vagueia por lá assustando o povo que passa na encruza. Ouvi na farmácia do seu Chico.

— Bobagem, comadre. Esse povo tem muita imaginação.

— Sei não... A gente ouve cada coisa que dá até *paura*. Cruz! Credo! *Dio Santo* nos defende de alma penada. Vou indo, comadre. Ainda tenho que fazer o almoço e mandar as crianças pra escola.

As casas ficavam muito próximas, separadas apenas pela rua e por um gramado onde as crianças brincavam.

Depois do almoço, Tito e Ramon foram para a escola, mas não pela praça. Pegaram uma rua chamada Estrada de Baixo, isolada por eucaliptos, e que era o caminho mais curto entre as casas e a escola.

As aulas começaram. Logo mais, bateu o sinal do recreio.

— Trim, trim, trim, im, im! Hora do recreio!

— Vem, Tito, vamos pegar a merenda e sentar no banco perto da biblioteca. Olha as bolinhas de gude novinhas que eu ganhei! Agora é só fazer as buricas e jogar.

— E eu ganhei um pião. Gira muito e tá novinho também. Pingo, amanhã é sábado... depois do almoço, vamos caçar passarinho?

— Combinado! Vamos pela raia, subimos o morro. Quero cortar varinhas pro meu bodoque. As flechas voam bem longe.

— Pingo, quero te perguntar uma coisa.

— Pergunta.

— Tu acredita em lobisomem?

— Eu? Eu não. Nunca vi um.

— Claro que tu nunca viu. Lobisomem só aparece à meia-noite, na lua cheia. Nessa hora, tu tá sempre dormindo. Vai ver como?

— Verdade... Que *paura*! Ainda bem que estou sempre dormindo. Tu viu? O Rubinho foi levado pro gabinete da diretora. Bem que mereceu também. Não quer estudar... Assim não vai passar de ano.

— É mesmo. Que vergonha...

Final de tarde. Por volta das quatro e meia, as aulas acabaram e os meninos voltaram para casa pela mesma rua, na companhia de outras crianças.

O dia foi findando. As andorinhas, em revoada, buscaram seus ninhos e, ao cair da noite, tudo foi silenciando naquela grot, sob a claridade da lua branda e das estrelas que guardam os sonhos.

O dia amanheceu e deu curso à rotina do povoado.

— Mãe, depois do almoço combinei com o Pingo pra gente caçar passarinho. Vamos lá pela raia.

Na casa de Pingo, a conversa era a mesma.

— Mãe, hoje eu e o Tito, depois do almoço, vamos caçar passarinho e apanhar cortiça.

— Tá bem. Agora vai na venda comprar pão pra mãe.

— Vou, mãe. E vou comprar dois chicletes — um pra mim e outro pro Tito.

Ramon foi à venda num pé e voltou noutro, como se diz. Logo procurou Tito.

— Tito, pega um chiclete pra ti. Não esquece: depois do almoço vamos caçar, mas antes vamos na vó Teresa apanhar ameixa amarela. Tá bem madurinha.

— Tá bem. Depois te chamo.

Por volta das duas horas, Tito já estava no portão chamando Ramon.

— Vamos, Pingo! Tô pronto!

— Já vou, Tito!

— Pegou a funda e as pedrinhas?

— Peguei. Vamos lá na vó apanhar ameixa.

A casa da vó Teresa ficava bem abaixo de uma ribanceira e era isolada por um pequeno riacho e por uma cerca-viva de gravatá-do-cerrado. A casa de madeira, o terreiro e o quintal eram grandes. A horta, a ameixeira, a goiabeira, o limoeiro e as laranjeiras ficavam na frente da casa e na lateral esquerda do terreiro.

A roça se localizava numa elevação do terreno, onde cultivavam-se feijão, milho e aipim. Um bonito jardim na lateral direita da casa — com roseiras, onze-horas, cravos, lírios, copos-de-leite, crisântemos, palmas, dalias, hortênsias e margaridas — embelezava a paisagem, único luxo da casa naquela grot funda, tão querida por todos.

Os meninos apanharam as ameixas, sentaram-se na grama, saboreando e apreciando a delícia que é comer frutas colhidas no pé.

— Pingo, noutro dia vamos tomar banho no rio Cará? Lá tem bastante cachoeira.

— É mesmo, vamos sim.

— Pingo, vamos apostar corrida até a raia?

— Vamos! Quem chegar por último é filho de padre. Um... dois... três... e já!

— Ganhei, ganhei! Filho de padre... filho de padre...

— Não tem graça, Tito. Noutro dia eu vou ganhar!

Já lá na raia, seguiram por uma picada em direção a um morro lindamente florido. Aliás, a exuberância das floradas de manacá-da-serra e de outras flores silvestres naqueles morros, picadas e barrancos era de uma beleza que, mesclada à simplicidade da vida rural, tornava aquela grota pitoresca num lugar único.

Foram subindo, mirando passarinhos e procurando cortiça. Subitamente, foram tomados por um grande susto e, em pânico, voltaram em disparada para a casa da vó.

Chegando lá, encontraram tia Tona e a filha no portão.

— Que correria é essa, meninos?

— Tia, tia, a gente viu!

— Viu o quê, menino?

— Um disco voador! Tava parado no céu, lá no morro. Era grandão, redondo, tinha uma luz forte. Deu muito medo. Fugimos!

— Que disco voador, que nada! O que viram era um avião ou helicóptero. Pegaram muito sol na cabeça, é nisso que dá...

— A gente jura, tia Toninha! Ai, que sede!

— Vão entrando, vão beber água fresca pra esfriar a cabeça e as ideias.

— Primo, era mesmo um disco voador?

— Era sim, né, Tito? Ainda tô tremendo...

— *Ma dai! Io penso che non...*

— Pode acreditar, prima... E brilhava muito! Fiquei com as pernas moles.

— Então vai ver que era mesmo. Se até as gambas tremeram! E se o disco voador carrega vocês? Ninguém ia ficar sabendo. Tu sabia que eles são de outro mundo? Dizem que são ETs!

— Ainda bem que a gente se salvou, né, Tito?

— *Meno male*, Pingo... Queria tanto comer uma rolinha assada na brasa. *Che sfiga!*

— Que azar, que nada, Tito. Vamos assar milho!

— Tia, apanha milho pra gente assar?

— Hoje não, Pingo. Amanhã a tia vai colher milho pra fazer pamonha, aí a tia apanha pra vocês também.

— Tia, apanha espiga de milho de pipoca também?

— Cadê a vó Teresa?

— Vó tá na roça, fazendo as covas pras ramas de aipim e colhendo pé de feijão pra gente debulhar.

— Tia, nós também vamos ajudar a debulhar feijão.

— A vó disse que, quando a ninhada de pintinho nascer, vai dar dois pintinhos — um pra mim e outro pro Pingo.

— Vai demorar pra nascer, tia Toninha?

— Vai, Tito. Tem que esperar a lua boa.

— A gente já vai pra casa, tia.

— Antes, vão apanhar tangerina. Vou pegar o balaio das laranjas e ajudar vocês.

Colheram um cesto de laranjas. Depois, sentaram-se na calçada de madeira da cozinha, conversando e rindo. O susto já tinha passado.

— Tamo indo, tia!

— Isso, e vão direto pra casa. Nada de parar pelos barrancos, nem em beira de estrada pegando coisa pelo mato. O sol tá muito quente. Um disco voador! *Dio Santo!*

— É verdade! A gente viu.

E contaram para todo mundo que tinham visto disco voador — e ninguém acreditou.

Os dias passavam tranquilos. A rotina dos meninos era sempre a mesma: escola, casa, passarinho. Quando saíam para caçar, os alvos eram sempre rolinhas, joão-de-barro e sabiás. Os demais, tais como tico-tico, tiê, bem-te-vi, curruira, cuitelinho, canarinho, azulão, tizil e outros — esses não lhes interessavam. Estavam a salvo dos estilingues.

E a vida seguia, marcando os dias com tranquilidade.

Numa segunda-feira, depois que retornaram da escola, sentaram-se no gramado de frente às suas casas para combinar o que fazer na terça-feira pela manhã, e Tito falou:

— Pingo, amanhã cedo vamos na vó pra cavar e catar minhocas pras arapucas? A gente pode armar no morro perto de casa, antes de ir pra escola. Na quarta-feira de manhã, eu e minha irmã vamos buscar lenha no morro. Aí tu vai junto, e a gente vê se caiu rolinha na armadilha.

— Combinado. Agora vamos pra casa. Amanhã cedo te chamo.

O sol, aos pouquinhos, foi caindo no poente. Os moradores se recolheram, fechando suas casas, porque a lida era cansativa e o corpo reclama sono e repouso.

E a noite foi tranquila.

Pela manhã, bem cedinho, Pingo chamou Tito:

— Oi, Tito! Já tomei café. Vamos lá na vó?

— Vamos.

Cavaram numa terra fofa, pegaram as iscas, as arapucas e subiram o morro conversando.

— Pingo, quando eu crescer quero ser jogador de futebol, igualzinho ao da TV. E tu?

— Ainda não sei... Só sei que, quando eu for pra oitava série, quero tocar tambor no desfile de Sete de Setembro. Isso eu quero! Tu sabia que o Hino Nacional do Brasil é o mais bonito do mundo?

— É sim, Pingo.

— Tito, já consertei a rodinha da carretilha. No sábado, a gente brinca e solta pipa também. Pingo, no domingo tem cinema. Vai passar o filme do Mazzarópi. Vamos?

— Se a mãe deixar, vamos.

Armaram as arapucas e logo desceram o morro. Depois do almoço, foram para a escola.

Maria fez um bolo e, depois de arrumar a cozinha e deixar tudo em ordem, pegou o filho pequeno e foi à casa de Pedra.

Pedra cuidava do canteiro de flores junto a um pé de camélia rosa — todo florido — flor bastante rara naquela região e de amplo significado, que varia segundo a cultura de cada povo e que, no Brasil, é chamada de “Flor da Liberdade”, símbolo do Movimento Abolicionista.

— Oi, comadre Pedra! Que calor... e ainda não é verão. Hoje vai dar temporal.

— É mesmo, comadre. Pode preparar a lamparina pra noite. Se der temporal, vai faltar luz, na certa. Hoje a novena é na casa da Sofia do Bento.

— Acho que não vou à novena, comadre. A chuva pode chegar na boca da noite. Comadre, semana que vem vamos mandar as meninas no Engenho da Baixadinha pra comprar massa de cuscuz?

— Pode ser, comadre. Noite passada tive um sonho ruim... Era uma coisa parada, cercada não sei pelo quê. Acordei até mal.

— Foi só um sonho, comadre. Não pensa bobagem. Os meninos, hoje de manhã, armaram as arapucas no morro aqui perto de casa. Tão sempre atrás de passarinho e armando arapuca em todo lugar.

— Deixa eles, comadre. São crianças, têm que brincar. Não dão trabalho e vão bem na escola. A gente não tem do que se queixar. É até um pecado. Deus abençoe esses meninos.

— Vou indo, comadre. Tenho que encaminhar a janta. Logo chegam da escola.

Fim de tarde. As vacas, bois e cavalos procuraram as estrebarias mais cedo do que de costume. Os passarinhos hibernaram-se nos ninhos, e as andorinhas também voltaram mais cedo. Era o prenúncio da tempestade que se avizinhava — e de algo que mudaria a vida das duas famílias.

À noite, a chuva chegou com fortes ventos, relâmpagos, raios e trovões. E choveu muito. Causou danos.

Após a tempestade noturna, a quarta-feira amanheceu com um lindo céu azul, limpíssimo, e uma agradável brisa de primavera.

Tito e Ramon acordaram bem cedo. Estavam preocupados com as arapucas.

— Mãe, vou tomar café e chamar o Tito. A gente vai subir o morro buscar lenha e ver as arapucas. A prima vai junto.

— Certo, mas se cuidem por aí.

— Acabei o café, mãe. Já vou na tia Maria. Tô indo, tchau, mãe!

— Tchau, meu filho, te cuida!

— Bom dia, tia Maria! O Tito já tomou café?

— Oi, Pingo! Já sim, mas a prima não vai com vocês. A tia tem muita roupa pra lavar.

— Tá bem, tia.

— Oi, Tito! Tô pronto. Acho que o temporal desarmou as arapucas.

Pegaram as fundas, a sacolinha de pedrinhas, e Tito falou:

— Mãe, vamos levar a machadinha. É boa pra cortar o cipó e amarrar os feixes de graveto.

— A gente já vai subir o morro. Já são oito horas.

— Se cuidem por aí, filho.

— Pode deixar, mãe. Tamo indo. Tchau, mãe!

— Tchau, tia Maria!

E foram ver as arapucas e catar lenha.

Na Mina Nova, localidade próxima da grotá, seu Mandioca e a esposa também saíram de casa por volta das oito da manhã, com destino à casa de Rosa, sua filha, comadre de Maria, que também morava na grotá.

Por volta das dez horas, Maria pendurava a roupa na cerca de arame para secar. Olhando para o morro, avistou muita gente reunida. Sem entender o motivo daquela aglomeração, viu um vizinho descer a rua visivelmente alterado, gritando:

— Morreram! Morreram duas crianças no morro, no fio de alta tensão!

Maria ouviu e ficou desesperada. Os vizinhos ficaram em polvorosa. Pedra, mais serena, tentou acalmar:

— Não pode ser verdade. Não acredito. Meu menino tá caçando passarinho.

— Mas é verdade, dona. O temporal da noite passada derrubou os fios de alta tensão lá no morro.

E Pedra questionou:

— Avisaram na rádio sobre fio caído no chão, alertando o povo do perigo?

— Não, dona.

— Então não pode ser verdade. Imagina, alguém deixar até essas horas fio de alta tensão ligado e caído no chão. Isso é caso de emergência! E além disso, quando as crianças subiram o morro, já era oito da manhã, o sol tava alto.

Em meio à confusão, Rosa, filha de seu Mandioca, chegou ofegante e disse:

— Maria! Maria! Vim te avisar! Há pouco, o pai e a mãe passaram pelo morro, sentiram cheiro de coisa queimada, pularam a cerca de arame e viram algo caído no chão. Era um menino. Tava sem vida. Mais adiante, outro menino, com a perna queimada, ainda tava com vida. Deram água, mas ele não aguentou. Morreu também.

— Vou lá! Quero ver meu filho!

— Não vai, Maria. Já tomaram as providências. Não adianta mais... Os meninos morreram.

Maria insistiu. E antes que conseguisse subir o morro, foi impedida por uma vizinha e pelo cunhado, que descia em prantos e lhe disse:

— Comadre, roubaram nossos filhos, roubaram nossos meninos!

E mostrou à esposa e à cunhada o lenço que trazia nas mãos, com os dedos do filho. Pedra, diante da prova sinistra daquela tragédia, acreditou — e chorou.

Alcimar e Ramon morreram eletrocutados, supliciados e mutilados. A notícia se espalhou como pólvora. O povo, então, tomou consciência do perigo ao qual estivera exposto e questionou:

“A rede só foi desligada porque alguém comunicou a tragédia?”

E se não tivesse acontecido a tragédia?

Estaríamos todos ainda correndo perigo, sabe-se lá até que horas?

Morreram dois. Poderia ter sido três. E se... e se...?

Por que a demora para desativar a rede?

Por que o atraso?

Por que o descaso com a vida dos moradores?

O que aconteceu?”

Eram muitas as perguntas — e muitas as profecias.

Pedra e Maria, com os corações dilacerados e esfacelados pela dor pungente de suas perdas irreparáveis, em prantos, concluíram:

— Sabe, Maria... a vida também tem suas arapucas. A arapuca do destino, a arapuca da fatalidade... e agora, mais essa: a arapuca do descaso.

— É verdade, comadre. E ainda disseram que as crianças são culpadas, que mexeram nos fios caídos usando a machadinha — por isso morreram.

— Mas isso é um absurdo, comadre Maria! Ninguém resiste a uma carga elétrica de 400.000 volts, mesmo estando apenas por perto! Essas crianças nem tiveram tempo de pensar em mexer em fio de alta tensão. Essa gente... tá é doida.

— É mesmo, comadre Pedra. Nossos filhos foram vítimas da arapuca do descaso. Por isso os responsáveis pela rede querem pagar todas as despesas do funeral. *Dio, che tormento!*

— Então é isso que a vida vale, comadre Maria? Dois caixões? Vão pagar todas as despesas e fica tudo certo? Agora a culpa é das crianças, e a machadinha é a ferramenta que alivia a consciência de alguns? Pois que fiquem sabendo: aqui ninguém vai pedir reparação. A vida não tem preço. Nada vai trazer os meninos de volta.

— E este povo todo, comadre! Não cabe na casa da gente, não tem jeito. Este velório tinha que ser na igreja de Santa Bárbara...

Abraçaram-se em lágrimas. E cada uma ficou à espera dos trâmites para velar em casa os seus filhos muito amados. Porque, além da dor da perda, a dor da saudade já começava a nascer no coração.

A arapuca do descaso — os Responsáveis Legais pelo desligamento da rede — logo percebeu que a tragédia a comprometia. E, com muita astúcia, eximiu-se da responsabilidade, declarou-se inocente e acusou a machadinha — as vítimas — colocando-a no banco dos réus:

— Levaram a machadinha!

— A machadinha estava lá!

A machadinha não se defendeu, se calou. E ficou no aguardo do esclarecimento sobre a demora no desligamento geral da rede de alta tensão.

Fora transformada em ré, ao mesmo tempo em que era usada como ferramenta a serviço da arapuca.

O dia foi longo — e a noite, mais ainda.

Os rosários se revezaram.

E naquela madrugada, os galos cantaram e soluçaram, como a expressar toda a dor e tristeza que inundava a gruta, antes tão alegre, cheia de vida... e agora tão vazia e triste.

As aulas foram suspensas naquela semana.

Na quinta-feira pela manhã, moradores de várias localidades próximas e todas as professoras com seus alunos uniformizados acompanharam o sepultamento, prestando suas homenagens a Ramon e Alcimar.

O enterro foi realizado no cemitério São Sebastião. Dois primos, dois caixões — e uma só sepultura, pois foram sepultados no mesmo jazigo. Quis o destino que Tito e Pingo, mesmo na hora da morte, permanecessem juntos.

A tristeza tomou conta da gruta.

E, de tão triste aquela tristeza, as famílias — marcadas por dores inenarráveis — permaneceram de luto por longo tempo.

A tragédia marcou profundamente a história de Barro Branco Velho, causando comoção e indignação. A verdade, tão digna de louvor, foi profanada e silenciada, pois nunca foi esclarecido o motivo da demora no desligamento da rede de alta tensão.

O povo, indignado, à sua maneira, fez justiça: inocentou a machadinha, fincou duas cruzes no local da tragédia e, com muita propriedade, batizou aquele morro.

E assim, ele passou a ser chamado de: “O Morro dos Fios Assassinos.”

Passado meio século, a arapuca da negligência, sem razão, ainda acusa:

— Levaram a machadinha!

— A machadinha estava lá!

OBS.: ESTA É UMA HISTÓRIA VERÍDICA.

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Sua atividade literária teve início na maturidade. Atualmente escreve contos, microcontos e poemas; também participa de concursos literários.
Contato: Instagram @Ivana_souzat

@CONEXAONERD

Conheça o Canal

CONEXÃO
NERD



INSCREVA-SE

APRESENTADO
POR
ADEMIR PASCALE





A ROSA AMARELA

POR LÚCIANA SIMON DE PAULA LEITE

Janice olhou-se no espelho alongado, daqueles de corpo inteiro, cuja moldura era patinada, num tom manchado que reunia tons em branco e bege. Não resistia a móveis no estilo provençal. Talvez porque lhe lembrasse a mobília antiga da casa da avó Maria, mãe de sua mãe, Laura. Eram memórias antigas que vinham entremeadas com sons arquivados em sua mente, meio abafados, acompanhados de flashes de imagens rápidas. Quase podia sentir o sabor e a textura do bolo de fubá com goiabada que sua avó lhe oferecia, meio que escondido, pois era um tanto roliça aos nove anos. Ela dizia:

— Psiu.... — colocava o dedo indicador sobre a boca, pedindo silêncio e atenção — sua mãe não pode saber, tá? Mas é um exagero dela, criança tem que comer para crescer forte e saudável!...

Entre a vaidade que já se anunciava e a gula, Janice não resistia ao quitute e ria, satisfeita, com o grande delito que ambas cometiam na cozinha ampla de Dona Mariazinha, como a chamavam na vizinhança. Mulher forte, generosa, séria e trabalhadora. Ela era assim. Mas que saudade daqueles tempos!

Arrumou o blazer de linho, cru, vestindo uma blusa clara por baixo, sem estampas. A saia mídi era do mesmo tom e tecido. Mas faltava alguma coisa para completar o visual... sim, cabelos presos num rabo de cavalo, brincos de pérolas grandes, maquiagem sóbria e delicada. Meias sintéticas de tessitura suave e transparente. Sapatos de pelica bege. O que estaria faltando? Tinha de se apressar pois iria dar uma palestra às 20:00 horas, no salão nobre da universidade na qual lecionava filosofia e já eram 18:45 horas.

Após se olhar sob ângulos diversos no espelho do quarto, como num lampejo se recordou do broche de rosa amarela, confeccionado em material muito delicado, que lembrava seda, o qual havia ganhado em seu aniversário de tia Amelia, sua querida madrinha. Janice era assim: independentemente do valor do presente, afeiçoava-se ou não ao objeto dependendo de quem lhe houvesse transmitido o regalo. Presentes de pessoas que lhe devotavam afeto sempre eram valiosos. Não sabia o valor do broche, mas inexistiam dúvidas, era lindo.

Retirou com cuidado a bijuteria elegante, que se encontrava guardada em uma caixa branca de material sintético na gaveta do armário, colocando-a com muito cuidado na lapela do blazer. Após mirar de modo fixo em direção ao espelho, sorriu sem exageros, aprovando-se em voz alta:

— Agora, sim! Perfeito!

Apressou-se, borrifando um perfume suave, cítrico, no pescoço, atrás das orelhas e nos pulsos. Saiu de modo acelerado pois, mesmo morando perto da universidade, com o trânsito da grande cidade em balbúrdia não podia esperar menos do que trinta minutos para fazer um trajeto de cerca de quatro quilômetros de carro.

Janice não via a quão vaidosa havia se tornado. Não a vaidade física, material, a de se vestir bem, sentir-se bonita esteticamente. Sempre havia apregoado que sua grande missão na vida era a de transmitir conhecimentos aos alunos, concorrer para a evolução

intelectual e conquista de sabedoria, por assim dizer, pelo próximo. Seu desejo era realmente sincero. Mas ele não andava sozinho. Caminhava de mãos dadas com a vaidade intelectual no sentido de ser uma profissional influente, reconhecida no meio acadêmico, produtora de artigos técnicos e livros filosóficos para o grande público, livros esses que já ocupavam o quarto lugar no ranking de vendas num site muito popular e de grande utilização pelo público consumidor.

Adentrou o salão nobre da universidade com seu passo rápido, no auge de seus 45 anos. Tinha estatura mediana, cabelos acastanhados, era magra. Estava satisfeita com sua aparência e sucesso profissional. Tão inflada e segura de si que não se apercebeu da presença de Denise, a qual atuou como professora assistente em suas turmas, por não menos do que cinco anos consecutivamente. Não houve desentendimento entre ambas. Janice apenas deixou de atentar à existência da colega, que era detentora de diversos títulos universitários, solicitando, em um evento multidisciplinar, que aquela permanecesse na mesa frontal e externa ao auditório como recepcionista, quando poderia se valer da colaboração de voluntários não tão gabaritados para a função. Mas não fez de propósito. Foram apenas a sua atroz vaidade e egocentrismo, que vedaram seus olhos para as outras pessoas que a cercavam.

Janice seguiu reto, olvidando a ex-colaboradora, da qual, ademais, ainda se ressentiu por se abster de colaborar como professora assistente em suas aulas, usando sua influência para afastar a presença da ex-colega em eventos profissionais, como aquele em que iria discorrer sobre filósofos e, pior, isolando-a em relação à companhia de outras professoras, às quais tinha acesso e que a admiravam. Não podiam preferir a companhia da professora assistente, por evidência....

E lá foi ela, trajada conforme última tendência da moda, cega quanto à vaidade extrema que desenvolveu, deixando de ser a menina doce e tranquila que sua avó, Dona Mariazinha, alimentou furtivamente com pedaços fartos de bolo de fubá e goiabada...

Denise, por sua vez, não conseguia deixar de se espantar com o comportamento daquela que julgou, erroneamente, se tratar de uma pessoa plena de virtudes, capaz de orientá-la nos caminhos profissionais e estimulá-la nos estudos. Mas não havia incidido em erro, pois possuía a convicção de sua honestidade e inteireza. A seriedade de seus propósitos. Isso bastava, na essência. As frases que a seguir ouviu de Janice não deixaram de lhe transmitir uma inegável ironia.

Janice dirigiu-se à plateia do auditório nobre, absolutamente repleto.

— Boa noite! É uma honra e um prazer incomensurável estar aqui com uma plateia seleta e tão qualificada! Gostaria de hoje conversar com vocês sobre o filósofo grego Epicuro. Já ouviram falar dele?

Poucas pessoas levantaram a mão, circunstância que não deixou de provocar na oradora certa irritação, expressada com um esgar de perplexidade.

— Não tem problema, gente! Estamos aqui para trocar ideias, não é mesmo? Então, Epicuro nasceu em 341 a.c. e pertenceu a era da filosofia helenística. O filósofo

possuía diversos pensamentos sobre o bem-estar, a plenitude alcançada com bons hábitos, simplicidade, prazeres moderados. Mas o que impressiona é o quão atuais são as suas colocações sobre nossos objetivos de vida, a tão sonhada felicidade, onde estaria e como poderia ser atingida. Vou ler para vocês uma frase que acho especial.

A plateia ouvia atentamente. Denise contemplou os rostos com ares cansados, mas ainda assim, despertos, revelando o grande esforço de alguns, após jornadas extenuantes de trabalho, para adquirir conhecimentos. Identificar o interesse legítimo de alunos era algo que motivava Denise, inexistiam dúvidas a propósito.

Janice continuou, após breves instantes de silêncio, interrompidos pelo som de respiração profunda da oradora.

— “O homem nobre está preocupado principalmente com sabedoria e amizade; destes, o primeiro é um bem mortal, o último é imortal”.

A plateia refletia após a interrupção da voz de Janice.

— Então? Alguém se arrisca a comentar o teor da frase? Não fiquem encabulados, estamos desenvolvendo juntos o raciocínio. Não? Ninguém?

Embora os assistentes estivessem concentrados na palestra, permaneciam silentes, talvez por insegurança e timidez.

— Acredito que para o filósofo, o homem nobre, mesmo mortal, se preocupa com bens perenes, a sabedoria e a amizade. E justamente por assim fazer é que revela sua nobreza, pelos valores que cultiva. Vejam, para Epicuro a alma era algo material e não subsistia à morte do corpo. O conceito de vida após a morte não era peculiar ao seu pensamento. Mas o bem viver, o prestígio às boas posturas para a tranquilidade mental e saúde orgânica correspondiam ao foco de suas observações. Não falamos disso até hoje?

Denise remoía, não sem pesar, como Janice era envolvente em sua fala, expressando-se com clareza, sem tampouco deixar de manter conexão com a plateia. Mas ouvir dela, a qual se comportava de modo egocêntrico e sem qualquer autocrítica, que a amizade era a preciosidade a ser reconhecida e cultivada por todos, mensagem que transmitia a partir da visão epicurista, findava por incomodá-la no âmago de seu ser, vez que não foi isso que as atitudes concretas de Janice refletiram.

— Então, posso compartilhar com vocês que me identifico muito com o pensamento filosófico de Epicuro pois a felicidade, o bem-estar, estão situados mais no que somos no que aquilo que temos, sem qualquer demagogia. São nossos laços afetivos, os bons companheiros de jornada, a qualidade de nossos sentimentos, o fato de nos realizarmos em nossos projetos naquilo que depende de nós que findarão por nos trazer satisfação – acrescentou a oradora.

Denise, bastante compenetrada, olhava para a imagem elegante de Janice, em pé sobre o tablado, acima do nível da plateia onde se situavam as poltronas enfileiradas e atrás da mesa em que se sentaram os palestrantes. Destacava-se no blazer cru um broche, de dimensão não exagerada e material delicado, simulando uma rosa amarela. Ela não era

real, uma réplica, talvez de custo elevado, já que passava a impressão de bijuteria refinada. Tão bela, a rosa amarela. Mas infelizmente, era simples imitação da natureza.

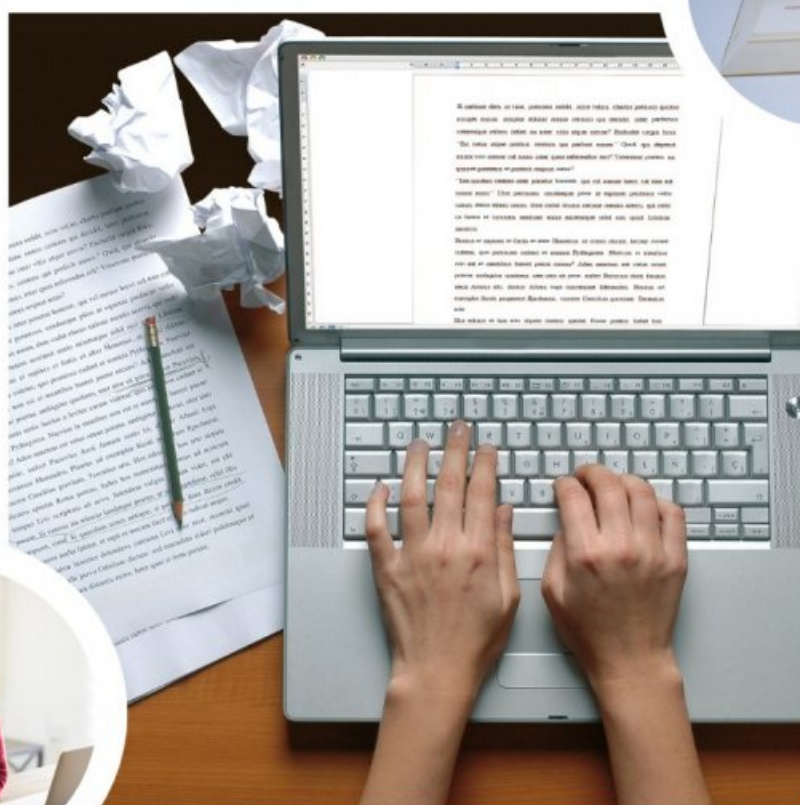


Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br



SNIFE - UMA HISTÓRIA

POR JOÃO MAURÍCIO RICCI

I.

Rafael adentra o flat acompanhado por Sniff. Sentindo-se cansado pelo longo dia de trabalho, ele coloca bebop para tocar, enquanto prepara um Tom Collins, drink que conheceu lendo Hemingway. Já na varanda, ele bate as cinzas de seu cigarro em um enorme cinzeiro dourado e observa a região. Carro sobre carro, obra sobre obra. Enquanto as vendas de Rafael crescem, a cidade também.

O jovem se lembra do dia em que ganhou Sniff. Ele estava na fazenda de seu tio, um policial federal que mais contrabandeia que apreende, porém, escrevia as mais belas poesias que Rafael já havia lido. Em volta da piscina, ficando dourado pelos raios solares, sua visão foi surpreendida por uma pequena bola de pelos. O cachorro sem pensar duas vezes, correu para cima de Rafael pulando em cima dele:

— Pegou outro cachorro, tio? — Pergunta o jovem, acariciando a cabeça do pequeno animal.

— Esse aí é pra você — O homem responde, soltando fumaça de um Cohiba. — É filhote do melhor farejador da PF.

— Você tem certeza? Mal consigo cuidar de mim.

— Cuide dele, que ele cuidará de você — Com a poética do contrabandista, Rafael enxerga os dois olhinhos pretos, tendo a certeza do que fazer.

No bebop, uma sequência de notas fora do tom fazem o jovem retornar do devaneio. Ele entra na sala e assobia, um sinal para Sniff. O cachorro corre e se esfrega nas pernas de seu dono como um enorme gato. O jovem, acariciando entre as orelhas de seu amigo, diz:

— Vamos trabalhar?

Sniff profissionalmente fica aguardando, porém contagiantemente abana seu longo rabo preto. Abrindo uma sacola, o jovem coloca os produtos em uma mesa de mármore, sobre um tapete de plumas vermelho. Cocaína, MDMA, ketamina e armas comuns nas ruas de São Paulo, Glock G22, pistola e revólver Taurus.

Quando Rafael parte para as vendas ele sempre leva seu cão, por isso Sniff precisa identificar todo o necessário para a transação fluir bem.

No Brasil é comum as drogas serem adulteradas, para serem vendidas em grandes quantidades e em um valor mais acessível. Porém, Rafael trabalha com ricos, ele sabe a importância de servir uma droga de qualidade, dar uma brisa boa para os viciados voltarem.

Ele vende para empresários, esses bacanas de camisa social da zona oeste que traem a esposa duas vezes por semana em orgias satânicas. Donos de bares que cheiram com os clientes para aguentar a madrugada inteira e universitários filhinhos de papai que não conseguem se divertir sem um estímulo químico.

Sniff foi treinado para sentir o cheiro de produtos de adulteração, como creatina, talco, farinha e cacos de vidro. Quando a droga é pura ele late, quando é ruim ele dá giros em volta de si mesmo.

Rafael faz diversas carreiras na mesa. Sniff lentamente anda em volta dos produtos, colocando o focinho para cima, e sentindo o odor dos químicos na sua frente. Um sommelier de drogas. O jovem atentamente observa os movimentos de seu cão. Sniff, feliz como se as carreiras fossem belos filés, late sem parar, comprovando a autenticidade.

Como recompensa, ele recebe diversos petiscos e carinhos na barriga.

Com as armas é um pouco mais complicado, o cachorro precisa sentir o cheiro dos materiais que constituem o armamento. As Taurus são lubrificadas com um óleo específico, a Glock possui polímeros diferenciados em seu aço. Sniff reconhece cada aroma como um padeiro conhece cada massa.

Após o treinamento, Rafael serve comida de qualidade para ambos. De barriga cheia, o jovem aconchega-se em seu sofá. O cachorro deita ao seu lado e põe o focinho na coxa do dono, esperando carinho na parte de trás da orelha. Rafael olha no celular o trajeto que fará amanhã.

Primeiro passará em uma Startup na Vila Madalena. O CEO, que já foi capa de tudo que é revista de empresários, casará na semana que vem e precisa de trinta gramas de cocaína. A festa se resumirá em champanhe, canapés e pó. Rafael foi convidado, mas após se envolver com a filha de um juiz, prefere manter distância de clientes.

Depois seguirá normalmente com clientes conhecidos, até chegar em uma novidade. Uma casa de repouso.

A ideia de vender drogas em um asilo o deixa desconfortável.

Sua família abandonou sua avó.

Ele era o único a visitá-la.

Quanto mais o tempo passava, mais Rafael via ela se degradar no ambiente. A feição da senhora perdeu todo o sopro de vida que restava. Virou uma obra de Vik Muniz, feita de lixo. No final, forneceram altas doses de medicação a sua avó, levando-a ao falecimento.

Para Rafael, é mais justo matar um recém nascido do que deixar um idoso para apodrecer em um asilo. Para o bebe que morre sufocado em uma privada, a única vida que existiu é o sofrimento. Toda sua existência foi de dor. Por isso, a morte é um alívio.

Porém, para um idoso que viveu tudo da vida, o café passado de manhã, um pôr do sol que aconchega a alma, ceias de natal fartas com as pessoas mais importantes, o pior que pode acontecer, é o abandono. Ver seus familiares lhe deixarem em um local com cheiro de desinfetante, televisões com volumes abismais e comida requentada, é mais cruel do que a morte.

O rapaz estremece, mas ao colocar um filme e dar o último gole no Tom Collins, o conforto retorna. O esperado carinho de Sniff faz o cão dormir.

II.

O sol reflete os óculos escuros e o pelo brilhante de Sniff. Ambos caminham lado a lado, descontraídos. Rafael nunca foi abordado pela polícia andando dessa forma.

Ele utiliza camisa, calça preta e uma mochila de universitário. Os policiais sempre o cumprimentam com leves movimentos de cabeça, como se ele fosse o orgulho da elite paulistana. Branco, alto, bonito, nunca fará mal a ninguém.

O jovem se camufla entre os funcionários de grandes empresas. Os bonitinhos de São Paulo. Rafael nunca conseguiu os entender. Viagens para a Disney, pinturas do Romero Britto. Promoção para atualizar o LinkedIn, um Golden Retriever para postar em rede social. Tudo é muito absurdo para ele, mas são seus clientes.

Caminhando entre os grandes arranha-céus de vidro da Faria Lima, que refletem o trânsito invadindo o céu como pinturas expressionistas, com pinceladas precisas e confusas, Rafael lembra de quando era mais jovem e seu sonho era ser dono de uma bela sala, no topo de um daqueles prédios. Não se tratava de uma questão empresarial, ele apenas queria fazer amor olhando São Paulo e toda a extensão de seu poder.

De certa forma, ele já realizou esse sonho.

Em uma de suas viagens para o Rio de Janeiro (abastecimento), Rafael foi até o Morro Dona Marta, em Botafogo. O chefe da época, conhecido como o Último Bom Malandro, forneceu a melhor casa da favela para ele passar a noite com a namorada da época.

Como toda boa noite recheada de Bossa Nova e vinho acaba em amor, não podia ser diferente para o casal paulista. Eles transaram na laje, com uma vista formidável para o Pão de Açúcar, a Baía de Guanabara e a Praia de Botafogo.

Porém, o que mais marcou a cabeça do jovem, foi quando sua mulher fez todo o trabalho enquanto ele estava sentado. E, ali, prestes a gozar em cima de tudo e todos, Rafael viu Cristo de braços abertos, abençoando a cidade do narcotráfico.

O devaneio acaba quando o jovem se aproxima da casa de repouso.

A casa fica na frente de uma praça bem localizada, próxima a escolas, cafés e pequenas livrarias de bairro. Crianças se divertem no parquinho da praça, fazendo o jovem pensar em como tudo começa e termina ali, a infância e a velhice.

A casa é bonita, mas possui muros altos e câmeras de segurança. Uma prisão socialmente aceita, onde os presos não cometeram nenhum crime, apenas envelheceram. Entrando no ambiente com Sniff, uma recepcionista mais feliz do que realmente deveria estar, diz:

— Olá! — Ela mexe nos óculos. — Infelizmente cachorros não podem entrar.

— Oi, Mariana — Rafael responde, lendo o crachá. — Eu entendo, mas ele é meu cão de assistência — O rapaz passa um documento para a recepcionista.

— Você tem epilepsia? Temos especialistas na casa — Mariana força uma risada estranha, novamente mais feliz do que o necessário.

— Vou lembrar disso — O rapaz responde — Preciso ir no 22B, pode me ajudar?

— Claro! Pegue o elevador da direita, segundo andar. Pode seguir com o cão.

— Obrigado.

— Qual o nome dele?

— Sniff.

A dupla segue. As unhas de Sniff emitem barulhos no corredor, chamando a atenção dos idosos mais próximos. Alguns delicadamente levantam os finos braços e sorriem. Outros se contorcem, como se estivessem vendo o próprio cão bíblico.

Entrando no 22B, o cheiro é de cadáver abafado por quantidades exageradas de produtos de limpeza. O cheiro vem da única cama do quarto, o corpo está coberto por um fino lençol. Apenas os pés brancos e cheios de veia a amostra. Rafael imediatamente lembra de sua avó, já no estado de lixo. Ao lado do idoso, uma mulher com cabelos encaracolados passando de seu ombro, um traje formal e inesperadamente, um tapa olho.

Sniff late três vezes, Rafael sabe que trata-se de uma glock.

— Finalmente — Ela fala, acariciando a cabeça do corpo ao seu lado.

— Uma glock?

— Me falaram que o cara do cachorro é meio mágico — Seu único olho observa Sniff — E você, porta o que?

— Só ele — O rapaz faz carinhos na cabeça do cão.

— Muito bonito, não quer me vender? Pode ser útil.

Alguns segundos de silêncio no quarto.

— Você também sente esse cheiro? — Pergunta Rafael, ignorando o comentário.

— O cheiro da limpeza impecável? — Ela responde, olhando para o corpo e sorrindo.

— É. Isso — Rafael serra os punhos, Sniff fica atento.

— Trouxe o que eu pedi?

— Uhum.

— Tá demorando por que? Passa logo pra cá.

— Só acho estranho uma segurança de asilo ter dinheiro pra tanta droga.

— Como eu ganho meu dinheiro não interessa pra você, moleque — Ela o encara com seu único olho.

— Esse aí do seu lado, ta aqui a quanto tempo?

— A muito tempo — Ela sorri.

— Não entra mais em contato comigo — O jovem diz, passando as sacolas com droga. — Você é podre, como esse cadáver.

— Só tô trabalhando, igual você. Cada um tem seu ganha pão, moleque.

— Moleque é o caralho.

III.

Sniff caminha elegante entre as ruas, desavenças nunca o abalam, ele sabe o seu valor. Porém, Rafael está atordoado. A mulher. O corpo. Por que ela guarda corpos?

Memórias.

Sua avó.

Lixo.

Subindo uma rua próxima de seu flat, Rafael caminha distraído quando, ao seu lado, ouve um latido potente. Do inferno. Ele e Sniff se assustam. Mas virando o rosto para a casa, não há cachorro. É uma linda mulher olhando para ele. Nas grades enferrujadas de sua casa, uma placa “Cave Canem”. Rafael só havia visto essa inscrição uma vez, anos atrás, na casa de seu tio, o poeta trágico.

Ela veste uma bandana com as cores da bandeira da Romênia, usa um rímel forte ao redor de seus olhos. A sua beleza transmite uma energia feroz, como uma pintura de Goya. Com a voz entrecortada, Rafael diz:

- Olá.
- Oi — Seu olhar é penetrante.
- Seu cachorro me assustou.
- Eu não tenho cachorro — Ela inclina levemente a cabeça para o lado.
- Mas eu escutei, muito alto.
- Desculpa — Um meio sorriso se abre — Acho que fui eu.

O rapaz fica confuso, Sniff senta ao seu lado, hipnotizado.

- Qual seu nome? — Ele pergunta.
- Pilar.
- Sou Rafael, esse Sniff. — O cão abana o rabo.
- Ele é lindo — Ela diz — Vocês querem entrar? Meu marido está preparando um chá.
- Tenho algo importante para resolver, não posso — Sniff olha para ele, como se ansiasse por entrar — Mas eu sempre passo aqui na frente.
- Tudo bem.

O rapaz segue seu rumo, mas ela diz:

- Tome cuidado.
- Por quê? — Ele se vira
- Não sei dizer, mas algo acontecerá com ele — Ela aponta para Sniff, no seu dedo, um delicado esmalte vermelho.

Rafael parte, mais desconcertado do que já estava.

Chegando no flat, Sniff rapidamente vai para seu pote de água, Rafael prepara um Tom Collins. Querendo investigar a vida da segurança, ele liga para Pedro, um parceiro de confiança.

Eles se conheceram na época de faculdade, quando Rafael começou a vender as melhores flores de maconha da região. Pedro, de comprador, passou a ser amigo.

Ele já foi um paladino lendário, responsável pela expulsão da horda de Kowskis invasores do reino de Diomedus. Um bruxo necromante, que expandiu seus domínios pela torre subterrânea de Palahniuks. E um explorador elfo, o grande ladrão das fortunas de Kerouac. Resumindo, ele fuma maconha para jogar RPG. Porém, é um hacker.

— Eai, Pedro. Preciso que você investigue uma pessoa.

— Quem é a sortuda da vez? — É possível escutar pelo celular as incessantes teclas do computador.

— Não vem me falar dessa porra de novo, mas é uma mulher.

— Você não para né? — Pedro libera uma risada rouca de catarro, talvez tenha caído um pouco na sua barriga.

— Não, é diferente. To com um mal pressentimento sobre uma mulher. Vendi droga pra ela em um asilo, puta depressão. Casa de repouso Rosas Brancas. Consegue arranjar umas informações?

— Você me conhece, ninguém escapa. Mas porque a preocupação?

— Tinha um cadáver no quarto. E sei lá... acho que pode acontecer alguma coisa com Sniff.

— Porra, vê se cuida bem desse cachorro, não consigo te imaginar sem ele. Quando eu souber de algo eu te aviso.

Rafael desliga, anestesiado.

Enquanto Sniff ronca, ele sonha.

Ou não.

São pesadelos.

Para ele não tem diferença.

É Pilar.

Ele enxerga Pilar.

IV.

Na metade das vendas do dia, a dupla senta em um café. Pensando em como ainda não teve notícias por Pedro, Rafael puxa um livro de sua mochila, “Meridiano de Sangue” de Cormac McCarthy. Ele respeita o personagem principal, mesmo sabendo que são diferentes em essência. O Kid nunca teve nada. Teve que lutar desde o nascimento para conquistar qualquer coisa. Rafael, ao contrário, teve ajuda desde cedo, seu tio, o contrabandista poeta, foi quem abriu as portas. Histórias diferentes. Progressos semelhantes. Um vendia escalpos. O outro, drogas.

Um jovem garçom se aproxima. Tatuagens coloridas nos dois braços, bonito cabelo em ondas e um pequeno brinco. Rafael sabe exatamente o tipo de drogas que ele consome. Porém, nada diz. Ele aprecia a discrição.

Na mesa é servido café preto, água com gás e uma porção de pães de queijo da serra da canastra. Fazer o quê, ele continua sendo um garoto da zona oeste. Para Sniff, uma tigela com água gelada e biscoitos.

Depois de matar a sede, Sniff coloca seu focinho entre as pernas de Rafael. Sinal de que quer sair. Além de sommelier de drogas, ele é um gentleman, nunca faria suas necessidades no chão de um café. Rafael, imerso na leitura, apenas assente com a cabeça, sem tirar os olhos das palavras que vão moldando um mundo dentro de si. Sniff parte, contente.

Passados dez minutos, o garçom pergunta:

— Vai querer mais alguma coisa?

— Não, muito obrigado.

Rafael abaixa a mão para acariciar Sniff. Não encontra nada.

O susto vem como uma pancada. Levanta de uma vez, tromba no garçom, sai para a rua. Corre de um lado para o outro, assobia, grita o nome do cão. O desespero começa a crescer. Sem Sniff, ele não consegue.

Ele para. Acende um cigarro com as mãos nervosas, quase derruba o fogo. Precisa pensar. Respirar. Quando olha para o asfalto, nota marcas frescas de pneu ainda soltando finas listras de fumaça. Fumaça branca de esperança.

Segue as marcas por alguns metros. E então, no chão, vê um pequeno cartão branco.

Asilo Rosas Brancas.

V.

Desamparo. Solidão.

Os últimos anos da vida de Rafael foram com Sniff.

E, só agora, percebeu que foram para o Sniff.

Amizade. Amor.

Rafael gostaria de entender como ele pode amar tanto um cachorro. Muito mais do que qualquer pessoa que conheceu.

Ele olha para o espelho.

Não vê nada.

O espelho se quebra.

Sua mão pinga.

Rafael quer arrancar seu coração fora.

Um corte no peito.

Segurar o coração.

Vê-lo.

Limpá-lo.

Entendê-lo.

Quer ver se na perda do amor, o coração seca, como um fruto que caiu no inverno.

Ou se enche por completo, com sangue escorrendo e bombando, incessantes ondas de sofrimento. Espuma vermelha.

Desamparo. Solidão.

Rafael percebe que ele não pode mais lutar por raiva.

É amor.

Ele deve lutar por Sniff.

VI.

Quando o sol está prestes a iluminar seu rosto, Rafael acorda. O jovem se sente disposto, certo do que precisa fazer. Ele substitui o Tom Collins por uma jarra de água gelada e se prepara para treinar. Flexões. Abdominais. Dez quilômetros de corrida. Ele precisa ficar com o corpo e a mente saudáveis. A fraqueza espiritual é sua inimiga. Ele consegue sentir cada mililitro de sangue passando por suas veias e artérias, lhe dando força, energia e foco.

Voltando para o apartamento, recebe uma mensagem de Pedro por um site criptografado.

“Saquei tudo da mulher. Ela lucra com os mortos. Dando altas doses de medicação, os velhos falecem. Com a falta de visitas, as altíssimas mensalidades continuam sendo pagas. Já trabalhou em diversos asilos. Um deles foi o Céu na Terra.”

Rafael olha para sua mão, agora enfaixada por causa do espelho. Finas listras de sangue percorrem o curativo, como lumbricinas achando espaço no subterrâneo. Céu na Terra.

Ele conhece essa casa de repouso.

Sua avó.

Lixo.

Altas doses de medicação.

VII.

Rafael avista a placa, “Cave Canem”. Por obra do destino, ou coincidência, o portão está aberto. Ele entra.

O quintal lhe proporciona conforto. Diversos vasos coloridos com plantas conhecidas e desconhecidas. Uma pequena janela aberta apresenta uma cozinha simples, como a de sua avó. Por um segundo o aroma de suas comidas penetram o seu nariz. Ele se lembra de Sniff, farejando.

A casa é quase toda de madeira, com grandes móveis, daqueles que são passados de geração em geração. Delicadas porcelanas, provavelmente pintadas à mão. Rafael, sem saber se deveria ter entrado ou não, se senta em uma poltrona de couro e coloca ambas as mãos na cabeça, perdido, sozinho. Prestes a chorar, ele escuta passos no corredor:

— Olá — É Pilar, vestindo um longo roupão vermelho.

— Oi.

A mulher se aproxima com passos silenciosos, elegantes, o observando.

— O que houve?

— Sniff.

Ela se abaixa, colocando ambas as mãos nos joelhos de Rafael.

— Não se preocupe, ele está vivo.

— Mas como você sabe?

— Não sei como eu sei — Os olhos de Pilar transmitem compaixão — Você quer ajuda?

— Por favor.

— Venha — Gentilmente ela dá sua mão para o jovem. Ambos caminham até o quarto.

No quarto, um homem. Peitos e ombros avantajados. Os cabelos pretos e lisos quase passam de sua barriga. Ele observa a janela, como Rafael faz em seu flat. Porém, ao contrário, quanto mais a cidade cresce, mais sua força reduz. Ele se vira.

— Muito prazer, sou Rafael — O jovem estica as mãos.

— O prazer é meu — Ele responde, cumprimentando com mãos fortes.

— Qual o seu nome?

— Ele não tem nome — Responde Pilar — É apenas Homem.

Rafael estremece.

— Você perdeu algo — O Homem diz.

— Sim.

— Perdeu o amor.

— Nós conseguimos sobreviver a todas as adversidades que o mundo proporciona, menos a falta de amor — Diz Pilar.

Rafael anda até a janela, acendendo um cigarro.

— Nós podemos te ajudar — A voz do Homem é potente.

— Por favor. O que eu mais quero é recuperar Sniff — Responde, com a voz triste.

— Sim, podemos te ajudar — Diz Pilar — Mas tudo na vida tem um preço.

— Eu sei. Sou traficante.

— Um traficante que perdeu o amor — Pilar levemente inclina o rosto, como na primeira vez que conheceu Rafael.

— Você busca vingança? — Pergunta o Homem.

— Não.

— Então o que busca?

— Amor.

Pilar e o Homem se entreolham. A mulher caminha pelo quarto, acendendo diversas velas espalhadas pelo cômodo. O Homem abre uma pequena gaveta, retirando

um enorme cachimbo feito de cerâmica e bambu. Rafael já consumiu todas as drogas possíveis, mas não reconhece a que o Homem segura.

— O que é isso?

— Ópio — Ele separa uma pequena bolinha grudenta, e posiciona no cachimbo

— Só assim podemos te ajudar. Conectando nossas almas, entendendo o passado.

O Homem acende o cachimbo, perfumando o quarto com aromas ancestrais. Rafael observa a fumaça subindo como uma dança satânica. O Homem se senta na cama, seu olhar começa a vagar. Pilar lentamente se aproxima dele, sentando em seu colo e enrolando o braço em sua nuca. Pegando o cachimbo, ela dá um longo trago. Agora a fumaça remete a um enorme dragão, saindo do quarto e voltando. Ela olha para Rafael com um olhar convidativo. O jovem se aproxima cautelosamente.

Ao dar um longo trago, ele cerra os olhos.

Novamente ele está na piscina de seu tio.

Seu tio escreve triste.

Uma pequena bolinha de pelos corre ao encontro de Rafael.

Ao segurá-la, a bolinha solta lágrimas.

Rafael sabe o que passa na cabeça de Sniff.

Como pode abandoná-lo?

Esquecê-lo.

Rafael escuta ao longe um uivo profundo.

Um chamado.

Luz artificial.

Ele caminha em um corredor branco.

Barulhos de máquinas que desafiam a natureza.

Ele entra no quarto.

Sua avó.

Ao olhá-lo, ela chora.

Seu neto.

Com toda a força do mundo, ela cobre os olhos.

Não deseja demonstrar fraqueza.

O jovem gentilmente segura suas mãos.

“Pode chorar, vó”.

Ele também chora.

“Comecei a juntar dinheiro, finalmente vou conseguir te tirar daqui”.

Ela sorri.

Sorriso infantil.

“Como, meu neto?”.

“O tio está me ajudando”.

Ela chora.

O ar é quente.

Ele está ao lado de uma mulher.

Sua namorada.

Ela não tem olhos.
 Ela não consegue chorar.
 Como eles podem ter feito tanto amor?
 Ele nem lembra a cor de seus olhos.
 Não era amor.
 Eles sobem o morro.
 Ele cumprimenta soldados.
 Escolta.
 Fuzis.
 Ele observa os pacotes.
 Manchas de sangue.
 Ele lembra de sua avó.
 Ela já morreu.
 Lágrimas.

Rafael desperta com um toque, um toque no peito. Pilar se aproxima, lhe beija. O jovem retribui o afeto. Um beijo melancólico. Beijo de amor. Ele abraça todo o corpo da mulher. Eles se unem. Pilar coloca a mão por dentro da camisa do jovem. Cheira seu pescoço. Seu cabelo. Seu corpo.

Ele a deita delicadamente, montando em cima de seu belo corpo.

Ele sente amor.

Ao abrir os olhos, ele observa as velas. Elas estão queimando de baixo para cima, do avesso. O espelho se quebra. A cama começa a tremer, como todas as paredes do quarto. A fumaça do ópio transita rapidamente. Um tornado de fumaça se forma no centro.

Rafael escuta passos no corredor.

— Tem mais alguém na casa? — Ele pergunta.

— Agora tem — Pilar responde, gemendo — Ele está vindo.

Rafael fecha os olhos, sentindo todo o corpo de Pilar. O Homem se levanta. Caminha até a porta, recebendo o novo visitante. O visitante entra. Ele começa a dançar junto com a fumaça. Ele vira a fumaça, e depois não vira. Ele se contorce. Emite sons pela boca. Rafael já escutou esses sons, mas não lembra de onde. Sons ancestrais. Rafael beija Pilar, com amor. Ao abrir os olhos ele observa o visitante, ainda dançando. Ele sente medo, mas depois não sente. O visitante começa a observá-lo. Ele estica o enorme pescoço, quase grudando sua face com a do jovem.

Rafael se levanta, indo de encontro ao visitante. Pilar o observa, ainda deitada.

O visitante o leva até a janela. Rafael observa a cidade. Todo o seu poder. Que poder? Então ele enxerga uma fumaça. Fumaça branca. Fumaça de esperança. Ao fundo, ele escuta um longo uivo. Um uivo melancólico, um chamado. Rafael sabe onde precisa ir, sabe onde Sniff está.

Ao virar para trás, o visitante sumiu, como a fumaça do ópio.

Pilar e o Homem estão abraçados.

VIII.

Rafael caminha sozinho, rumo à fumaça. Na sua mochila, armamento pesado. Ele chora. Desde que saiu da casa de Pilar, ele não conseguiu parar de chorar. Ele pensa em Sniff, em sua avó, no amor. Ele nunca conseguiu tirá-la do asilo. Ele fez tudo por ela, mas não foi o suficiente. Nunca é. Mas hoje tem que ser.

Ele fará qualquer coisa.

A fumaça o leva a um galpão. Um uivo. Ele reconhece o uivo. Ele está lá. No grande portão do armazém, dois seguranças. Ternos pretos e óculos escuros. Rafael se sente possuído, como se o visitante tivesse deixado a fumaça para penetrar o seu corpo.

Parando a alguns metros do galpão, ele se arma. Dois coldres, duas glocks. Na correia que passa no seu torso, uma FAL. Granadas. Ele caminha cego para tudo ao seu redor. Não é vingança. É amor.

Ele se agacha para atirar melhor. Fuzila os dois seguranças sem tempo de reação. Os tiros devem ter alertado a população, ele não liga. Um cadeado tranca o galpão. Um tiro e o cadeado cai. Ele não tem tempo. O uivo fica mais alto.

Dentro do galpão, carros de luxo e caixas, muitas caixas. Armas, drogas, relógios, perfumes. Ao redor dos carros, mais seguranças.

Eles estão atentos, escutaram os tiros.

Rafael utiliza um carro de escudo e analisa.

Dois acima dele. Dois na frente.

Tiros passam ao seu redor.

Ele respira e corre para outro carro, atirando nos seguranças de cima. Um cai para trás com dois tiros no peito. Rafael sente seu sangue circulando com o sangue do visitante. Ele pensa em Pilar e no Homem. Olhando para os dois seguranças que estavam embaixo, ele arremessa uma granada. Um carro explode com eles. Só falta o de cima.

O jovem arremessa a FAL para longe, acabaram as balas.

Rafael passa pela fumaça produzida pela explosão. O segurança erra os tiros. Ele se sente invencível, como se seus ancestrais o protegessem, sua avó. Ficando bem embaixo do segurança, ele descarrega dois pentes de glock para cima. Chove sangue em seu corpo.

A única porta o leva para um corredor, ao fundo, o uivo.

Ele caminha, uma glock em cada mão.

Ele abre a porta, Sniff está preso. Uma corrente.

Ao lado dele, a mulher de tapa-olho:

— Então quer dizer que você é capaz de matar um pelotão por esse cão.

Rafael dispara os dois pentes no corpo da mulher, sem tempo para perder. O corpo fica esticado no chão. Perfurado. Sangrando. O jovem corre para Sniff, se agachando, o abraçando. Sniff coloca suas duas patas dianteiras no ombro de Rafael e lambe seu rosto sem parar. O jovem começa a chorar, junto com seu cão.

— Me desculpa, Sniff.

Sniff não para de lambar. Rafael percebe que ele está magro. Seu pelo está com falhas, machucado. O corpo do cão não para de tremer. É amor.

— Nunca mais vou te perder de vista. Nunca mais vou te abandonar.

Rafael dá um tiro na corrente, Sniff está solto. Olhando para o lado, ele finalmente nota o corpo da mulher. Ele não liga. Não mais.

A dupla parte para o corredor, descontraída, feliz. Rafael sabe que se tiver alguém armado, Sniff o avisará, latirá, como ele sempre fez. Mas ele não late. Rafael leva três tiros na barriga. O jovem ri, delirando. Como ele pode ter esquecido? Então lembra do que Pilar disse, tudo tem um preço.

Sniff parte para cima do atirador. Rafael não consegue ver. Ele está fraco, sentindo o sangue deixar o seu corpo rapidamente. Mas ele está feliz. Ele conseguiu ajudar Sniff. Sua missão foi cumprida. Sua vida, no final, teve um propósito.

Uma longa rajada de tiros. Sniff volta mancando.

— Obrigado, Sniff.

Sniff começa a lambar os ferimentos de Rafael, mas o jovem não deixa.

— Para com isso, fuge daqui — Rafael vê o buraco de bala em seu cão, mas sabe que ele ainda consegue fugir.

Sniff virá seu rosto para o de Rafael, soltando pequenas lágrimas. Mordendo sua roupa, ele começa a mancar. Sniff usa a força que lhe resta para puxar Rafael para fora do armazém.

— Para Sniff, você não precisa fazer isso, eu já estou morto.

É a primeira vez na vida de Sniff que ele não obedece Rafael. Ele morde sua roupa ainda mais forte e segue em frente. O olhar embaçado do jovem é surpreendido pelo céu. Ele conseguiu.

Sniff manca lentamente para o lado de Rafael. Uma fina camada de sangue percorre sua pata traseira. Ele deita ao seu lado, enrolado, como um filhote. Rafael usa toda a força do mundo para movimentar seus braços e abraçar seu amigo. Ele escuta seu abafado choro.

— Não chore Sniff. Você conseguiu. Eu te amo — Sua voz está fraca.

Rafael enxerga o céu, sentindo o calor do corpo de Sniff. O sangue de ambos se mescla. Ele está feliz. Orgulhoso do que Sniff fez. Sabendo que se ele partir, Sniff saberá viver sozinho. Ele nunca conheceu alguém tão forte.

Cerrando os olhos, Rafael aceita a vida ou a morte.

Então, ao fundo, ele escuta sirenes. Passos rápidos. Vozes.
Com o amor que lhe resta, ele abraça Sniff, ainda mais forte.



João Maurício Ricci, 25 anos, nascido e criado em São Paulo.
Aficionado por literatura e cinema, começou a escrever suas próprias histórias.
Com um estilo pesado, a violência e os traumas moldam e ditam o rumo de seus personagens.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES



PRAIA DOS ANJOS

POR MÍ SANTIAGO

Devagarinho fui adentrando o que me pareceu uma miragem! Entre passos curtos e paradas, pude contemplar o belíssimo visual daquela praia que nunca havia estado e que tinha uma grandiosidade imensa de beleza indiscutível. O clima agradável, rochas, mar verdinho cujas ondas quebravam na areia bem branca e limpa, completavam o paradisíaco local.

Ao continuar a caminhada, passam por mim correndo três cachorros pastores-alemães capas-pretas. Observando com mais atenção, fiquei estarecida ao perceber que os pets nada mais nada menos eram os saudosos e amados bichinhos que tanta alegria me deram: Buck, Shiva e Safiri, gritei seus nomes chamando-os loucamente, tamanha a vontade de abraçá-los, tudo em vão, pois não me escutaram e na brincadeira foram para bem longe juntar-se a outros amiguinhos.

A praia, que me parecia inabitável, aos poucos foi revelando seus frequentadores...

— Não pode ser... mãe, pai, ei aqui... Falando alto acenei para eles, que não me viram, não me escutaram, apenas conversavam e riam felizes numa caminhada tranquila e de mãos dadas.

— Não compreendo, enxugando os olhos de lágrimas. Onde é aqui e quando é agora, disse eu e assim que terminei de mencionar, eis que vem depressa um homem em minha direção.

— Oi, disse-lhe, conheço o senhor?

— Não, mas serei seu anfitrião por aqui. Vim auxiliá-la.

— E onde é aqui e quando é agora? Questionei.

— Aqui é uma praia muito especial, e o agora é o seu tempo, respondeu.

— Sim, pude sentir, mas vi meus bichinhos, meus pais e não sou ouvida. A praia é tão perfeita quanto o quadro da Anita Catarina Malfatti, visitada em recente exposição.

Enquanto conversávamos, reconheci amigas queridas: de infância e de coração, ambas partiram pela mesma enfermidade; os colegas do serviço: o rapaz da Informática e o Batman da Estação de Esgoto, entre vários que se foram como o vento na terrível pandemia; as tias queridas, cada qual no seu tempo de partida, e todos contentes povoando a praia, que não mais me parecia só minha em meio a tantos que circulavam nas areias fofas.

— Em seu rosto vejo mil perguntas, disse-me o homem.

A quantidade de gente que vinha do nada, do vácuo, era tanta que mal conseguia apreciar o mar. De repente, passou ao meu lado o menino sírio de três anos Aylan, cujo corpo na praia chocou o mundo, tornando-se símbolo dos refugiados; nunca me esqueci daquela foto, mas ele estava bem e feliz.

E surgiram vários garotos e garotas, eram muitos, centenas, milhares... crianças sem rostos...

— Não consigo ver quem são, disse eu.

— São anjos, vítimas indefesas da violência em todo o mundo. Diariamente mais e mais eles sofrem violência doméstica, em guerras intermináveis e sem sentido, de inanição por falta de comida ou água, tentando receber alimento, em filas de espera por atendimento médico, por bombas... são tantos que já nem conseguimos mais ver seus rostos no total dessa maldade.

— Digo que seu tempo está se esgotando, pois como pode perceber, você, por enquanto, ainda não pertence a este lugar e precisa partir.

— Veja, e o homem apontou para um trem bem antigo, daqueles a carvão. É aquele que você terá que correr para pegá-lo.

— E se eu não conseguir? Indaguei.

— Você tem que conseguir, seu lugar não é aqui, tem que voltar, por isso ninguém consegue vê-la, já que aos olhos de todos você não existe. O seu tempo de retorno começará a contar em poucos minutos. Ao final da 12ª badalada do seu relógio, esse é seu tempo.

— Se for o relógio de parede, aquele pertencente a meu bisavô, impossível, pois encontra-se parado.

— Mas é esse mesmo, ele marcará a sua chegada. E veja que o maquinista e o ajudante já se instalaram, o ajudante está colocando o avental e as luvas, o trem já vai partir... Corre, grita.

E comecei a correr e correr... Me ajuda, vem comigo!

— Não posso, pois aguardo pelo veredito da ficha de minha vida, se fico nessa praia dos anjos ou se caminho em areias mais quentes. Só posso dar-lhe forças para você partir.

E o maquinista puxou a corda do apito, em meio a fumaça, o trem iniciou, bem lentamente, a se movimentar.

— Corre, vamos, mais depressa que já estás quase perto da locomotiva.

— Não aguento, estou me sentindo mal, não vou conseguir...

— Vai sim, e ele me deu um empurrão gritando pula e se segura em sua janela.

E assim me dependurei na janela com as mãos suadas e escorregadiças...

— Dá um salto para dentro da janela, grita o homem com seu bigodinho aparado e que emoldurava o rosto magro e aflito, num semblante doce e puro de quem tanto batalhou na vida dando tudo de si. Era uma boa pessoa, pensei eu, conseguindo adentrar ao assento do trem.

Olhei de relance e ele, já ao longe, ainda acenava para mim.

Esgotada e nervosa com medo do tempo, escutei o relógio, e lá se ia a sexta badalada. Podia ouvi-lo nitidamente como se estivesse ao meu lado.

— Maquinista, gritei levantando-se a falar-lhe: preciso chegar antes da 12ª badalada, mais rápido, vamos, precisa colocar mais lenha...

Assim como as crianças na praia, também o maquinista não tinha rosto, mas seus cabelos grisalhos e suas mãos calejadas pelo serviço determinavam a sua idade. Era alto, e sem me responder, abasteceu a fornalha com lenha e o trem começou a andar bem rápido.

Em determinado momento, me sentei e com os olhos fechados segurei firme quando a locomotiva rapidamente se curvou para descer, era como se estivesse em uma montanha russa, e descia rápido ao som das badaladas, que marcava a décima.

Ao bater a 12ª acordei.

Não conseguia mexer meu corpo deitado no sofá. Inclinando a cabeça pude ver o Chorão, o príncipe idoso dos gatinhos me olhando assustado; Menininha a gordinha do coração e a Mel, a Cinderela, juntas em outro canto da sala me observavam com olhos

arregalados. Comecei a levantar-me bem devagar. Olhei e vi as espadas templárias na mesinha rústica medieval, assim como a espada maior pendurada na parede. Pelo reflexo no espelho sobre a mesa, o relógio antigo de parede permanecia sem funcionamento.

— Ah, sabia que estava sem uso, que sonho maluco!!!

Após colocar ração aos amados pets peguei a toalha para um banho.

Tudo em sua normalidade, a rotina, os serviços de casa seguiam-se como de costume.

Horas mais tarde se encaminhando para a noite, percebi que a gatinha Mel levava em sua boca algo para guardar. Fui ver o que a fazia numa espécie de enterrar no chão do quarto, perto do tapete.

Afastei-a com cuidado e peguei o papel amassado em meio a rasgos da boca, era um bilhete de trem!



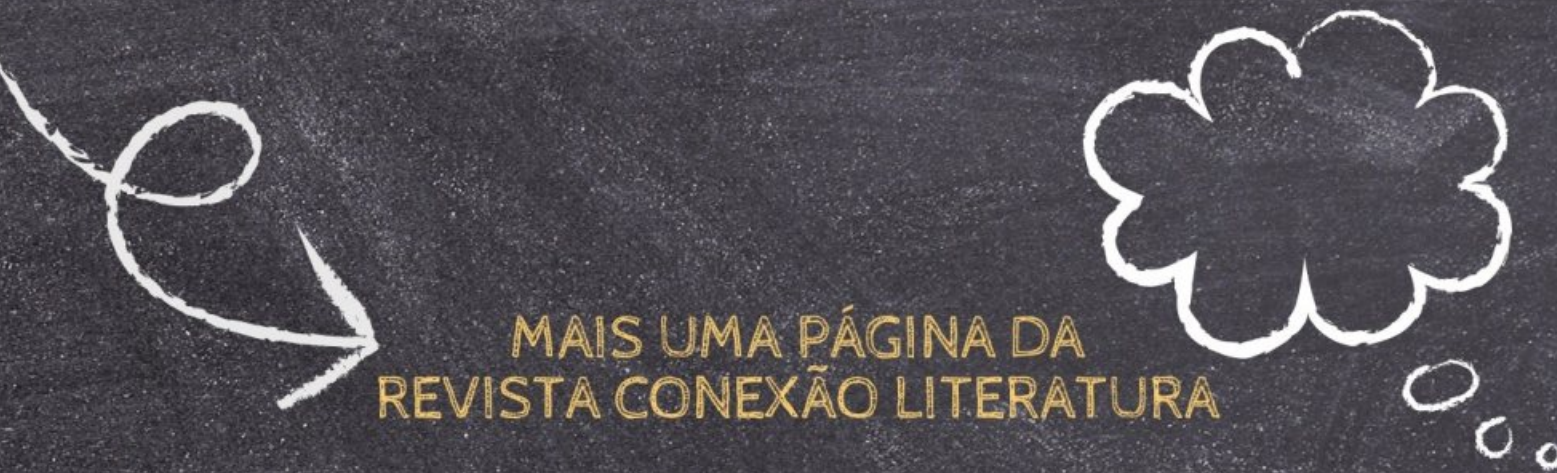
Mí (Míriam) Santiago: jornalista e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o *start* para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Recentemente no concurso Contemporânea de Literatura 2025, que lhe rendeu participação na antologia de crônicas e poesias, assim como no livro Momento do Autor VIII, promovido pela prefeitura de Santos. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura.

Contato: miriansssantos@gmail.com

<https://www.instagram.com/mirianmorganuns>

<https://www.facebook.com/miriam.santiago.372>

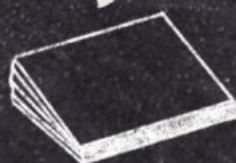
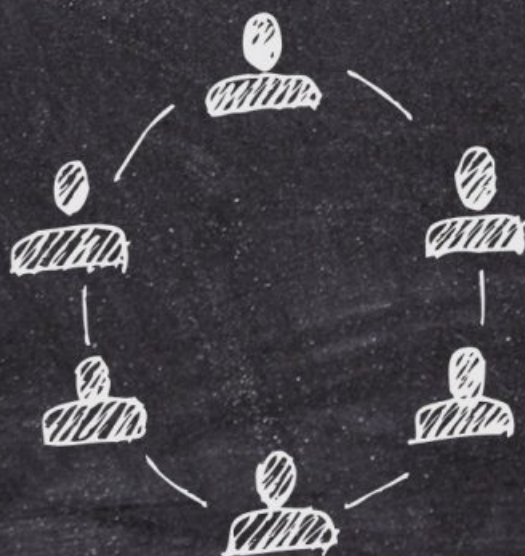
<https://miriammorganuns.blogspot.com>



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica



O SORRISO DA ZIBELINA ESCARLATE

POR NEY ALENCAR

O Sorriso da Zibelina Escarlata

“Sorrisos de zibelinas
São para serem admirados,
Não compreendidos!”

— Velho Adágio de Guay

O sorriso da zibelina escarlate é, ou era, naqueles tempos mais antigos, utilizado como remédio para o mal do amor e para o mal do coração seco, e se de outra forma tal não pudesse ser feito então não se poderia concretizar, porque não existiria outra forma de fazê-lo, nem nenhuma outra maneira era conhecida dos homens que habitam aqui e acolá por entre as terras que já não conhecemos mais! Nem mesmo o pó das penas do Pássaro das Plumas de Cristal parece surtir qualquer efeito sobre este mal! Cumpre dizer que as incomparáveis zibelinas vermelhas, também chamadas ocasionalmente de maneira arcana de palancas rubras, por aqueles caçadores mais idosos, que o foram desde a infância e nunca deixaram de sê-lo, e que lhes respeitavam a argucidade quase leniente e a agilidade elusiva, são tão raras hoje como há cem anos atrás o eram os unicórnios verdadeiros ou mesmo os grifos acumuladores de ouro!

Já houve, naquele período distante da história que hoje é tratado como era de ouro da mitologia clássica, uma época em que eram em tão grande número, espalhadas pelas terras contidas entre a charneca e o mar, que quase constituíram uma praga verdadeira, mas diminuíram excessivamente de lá para cá e foram rareando cada vez mais por causa da caça desenfreada que lhe davam os habitantes de Luce, Loom e Xitra. Habitam ou habitavam aquelas matas densas, dominadas por abetos, pinheiros, cedros e bétulas, naquelas regiões lendárias e mitológicas exatamente ao norte da não tão vasta, mas ainda continuamente fabulosa Charneca de Guay e em suas bordas mais setentrionais quase até as margens pretas do golfo de penumbra chamado de Oóth-Arnai, na antiga língua que os homens falavam na Lua antes que ela caísse na Terra e se tornasse lama.

Outrora eram maiores do que são hoje, diziam os antigos caçadores daquelas bandas que as palancas verdadeiras, de tamanho consideravelmente perigoso e comportamento agressivamente enfadonho, costumavam caçar lobos, ursos e até mesmo tigres, pois possuíam uma afiada inteligência quase humana, uma delicada esperteza aracnídea e unhas finamente amoladas capazes de rasgar uma armadura de cavaleiro como uma faca quente atravessa um naco de manteiga congelada, porém diminuíram de tamanho, assim dizem estes mesmos caçadores, e as que porventura existem por aquelas bandas esquecidas agora caçam arminhos, doninhas, lebréus e pequenos veados-almiscareiros.

Ocasionalmente se alimentam de peixes cegos que vem dar às margens pretas do golfo atraídos pelo brilho fantasmagórico do pó das estrelas cadentes de suas areias!

Foi buscando pelo sorriso de uma delas que Sir Ogaliw bateu certa vez na porta daquela casinha de tijolos vermelhos que existe quase à margem da fantástica charneca. Cumpre contar que fora levado até ali pelo amor incansável que devotava à certa dama tímida daquela cidade que ficava às margens da charneca. Conhecera-a certa vez em que se perdera depois de uma batalha contra os mouros e perambulava sem rumo ao crepúsculo por aquelas terras que já não conhecemos mais e por amor dela retornou

diversas vezes, e fixou sua residência na pensão próxima ao portão leste, de onde podia ver a torre solitária do castelo onde ela habitava. Não era um cavaleiro de grandes posses!

Estava passeando pela praça do mercado em um daqueles dias de feira quando um barulho qualquer de grito ou de buzina lhe chamou a atenção.

Quando olhou seus olhos se detiveram no rosto de uma mulher, estranhamente pitoresca, com grandes olhos verdes e lábios finos e bem delineados, os cabelos negros como azeviche estavam soltos pelos ombros desnudos e brancos e o vento que soprou sobre eles trouxe a fragrância de seu perfume almiscarado.

Num instante ela estava ali e no seguinte já não estava. O cavaleiro, assombrado por aquele rosto belo e fascinado por aquele perfume esotérico lutou durante dias até encontrar novamente a dona do rosto! Descobriu que não era outra senão a dama-viúva do baronete vítima de uma emboscada dos gnoles quando retornava daquelas montanhas altíssimas onde fora caçar grifos.

O cavaleiro a visitou naquele pequeno castelo solitário escondido entre jardins de rosas brancas e pomares de macieiras e pessegueiros à beira da muralha ocidental onde ela vivia sozinha com uma ama muito velha.

Viu-a diversas outras vezes, conversavam enquanto tomavam chá verde, ele lhe admirava os olhos daquele verde cristalino que por vezes os pescadores observavam com maravilhamento nas profundezas misteriosas do oceano antes de uma tempestade, até que com sofreguidão manifestou seu desejo de desposá-la, pois a amava ternamente.

Ela, porém, continuava tão inacessível e silenciosa que ele acabou por se amuar.

Ficou algum tempo sem visitá-la, ainda que ela lhe escrevesse pedindo para vê-lo.

Num daqueles dias de feira nos quais gostava de perambular por entre as barracas acabou por dar diante de uma tenda vermelha cheias de estrelas, a barraca de uma cartomante. Madame Zoriandra leu a sorte do cavaleiro, prestando mais atenção no tilintar das moedas do que nos arroubos do Destino!

— Ah, vejo que se enamorou de uma dama misteriosa! — riu ela talvez um pouco debochada — Para ganhar seu sorriso deverá capturar o sorriso de uma zibelina vermelha. Somente com ele poderá ter a felicidade que almeja junto à esta dama!

A predição foi fatal! O cavaleiro saiu da tenda arrasado.

Não sabia o que era uma zibelina vermelha, muito menos onde poderia conseguir capturar o sorriso aziago de uma delas. Cumpre dizer que não era um bom caçador! Não nutria nem a persistência nem o gosto pela coisa. Mas estava decidido a conseguir o amor daquela dama, estava perdidamente enlouquecido de amores por ela, e não pode desistir sem sequer tentar.

Para tanto procurou primeiro descobrir o que era a zibelina escarlate, o que fez dirigindo-se até um peleteiro que tinha uma das melhores e mais bem frequentadas barracas da feira do mercado.

O velho homem, também um caçador por profissão, contou-lhe tudo aquilo que já lhes desvendei sobre a pequena criaturinha, mas acrescentou por sua conta e risco, que estavam extintas e que já não era vista nenhuma por aquelas bandas desde quase cem anos atrás, quando fora caçada a última.

O cavaleiro desesperou-se, pois amava ternamente a dama e queria fazê-la feliz!

Saiu desconsolado andando pelas ruelas cheias de barracas até que deu de encontro na fonte bem no meio do mercado.

Havia por ali diversas mesas desocupadas e sentou-se em uma delas para beber.

Não longe de si viu três matronas, velhas senhoras de rostos encarquilhados com vestidos espalhafatosos e coloridos, os cabelos brancos armados em coques e os olhos brilhantes e matreiros que corriam curiosos e famintos pela multidão que andava em torno no zunzum inquietante da feira. Mexericavam!

Uma delas, no entanto, maliciosamente maldosa, vendo que o cavaleiro lhes prestava atenção às palavras e sabendo bem quem ele era e o que estava atrás tratou de engambelá-lo com palavras torpes.

— Ora, não ficaram sabendo que as zibelinas vermelhas tornaram a surgir nas margens do golfo penumbrento de Oóth-Arnai? — riu-se ela, sarcástica, prestando atenção cuidadosa no rosto do cavaleiro com o canto do olho.

— Não diga? — exclamaram as duas outras por entre sorrisos maliciosos.

— Digo sim, e digo mais... — arremedou a primeira com um grasnido sardônico — Dizem que somente a Velha Cinzenta que mora naquela casinha de tijolos vermelhos na beira da trilha que circunda a charneca sabe como capturar o sorriso de uma delas!

Riram sardonicamente as três velhas mexeriqueiras!

O cavaleiro, sem sequer terminar sua cerveja com especiarias, levantou-se e saindo da cidade andou pela trilha que bordejava a fantástica charneca à procura daquela casinha.

Encontrou-a quase ao crepúsculo e bateu na porta com um barulho oco.

O vento do meio do verão serpenteava e redemoinhava lá pela charneca, curioso, não querendo afastar-se, pois queria saber que fim levaria aquela empreitada.

A porta abriu-se de supetão. A silhueta pequenina da Velha Cinzenta surgiu.

Conversaram, mas o vento não conseguiu ouvir aquilo que diziam, nem mesmo tentou se aproximar para descobrir, pois sabia muito bem que não era de bom tom nem mesmo salubre imiscuir-se nos assuntos da Velha Cinzenta.

Tratou de serpentear e redemoinhar por entre as urzes, por vezes se aproximando perigosamente das janelas naquela tentativa vã de descobrir o que ocorria lá dentro.

Não descobriu! Nem mesmo nós conseguimos saber o que foi que o cavaleiro conversou com a Velha Cinzenta, se ela sabia como capturar o elusivo sorriso de uma zibelina vermelha ou mesmo se o ensinou ao cavaleiro para que ele pudesse curar-se do mal de amor ou para que pudesse engendrar amor no coração seco de sua bela dama, como agora ainda não podemos sabe-lo! Nem o preço que cobrou para fazê-lo!

Dizem as velhas senhoras mexeriqueiras na praça do mercado em dias de feira, nas sextas-feiras, que ele realmente foi até aquelas terras por onde os homens não andam, ao norte da fabulosa Charneca de Guay e por suas bordas mais setentrionais até as margens pretas do golfo de penumbra chamado de Oóth-Arnai e caçou uma zibelina vermelha.

Dizem também as mesmas velhas mexeriqueiras que ele trouxe consigo o incomparável sorriso, mas demorou demais na viagem e na própria caçada, levado talvez por algum gênio obtuso e trigueiro das matas e quando retornou a bela dama havia morrido, contraído um terrível resfriado logo após o baile de verão ao fim do qual caíra grande tempestade porque havia conhecido um belo duque de pele cor de azeviche e olhos brilhantes e amendoados que lhe ganhara o coração, vindo de um daqueles

misteriosos países orientais e havia resolvido retornar para casa a pé, junto com o desconhecido quando a chuva torrencial caíra e os deixara ensopados até os ossos. Apanhara um resfriado que três dias depois a levava para o túmulo, suspirando apaixonadamente pelo duque desconhecido, que na manhã seguinte ao baile desaparecera sem deixar vestígios.

O cavaleiro ao saber da notícia, deixou a pensão e retornou para as terras de onde viera e não sabemos mais dele nesta história, diz-se, porém, que antes de partir deixou o pequeno e belo sorriso da zibelina escarlata como prenda sobre o túmulo da amada!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



**Gente
que ama
livros de
terror.**

www.reviistaconexaoliteratura.com.br



LINHA RETA

POR ROBERTO SCHIMA



Era fim de verão.

Os dias já não eram tão longos; e as noites, mais frias. A tarde caminhava para a noite, e o céu cinzento trazia a promessa de chuva. Eu podia senti-la no ar: um odor distante carregado de umidade, frescor e vagas indefiníveis de recordações. O passado tornara-se por demais presente em meus pensamentos. A inenarrável nostalgia que me despertava ao ouvir as canções homônimas "*Forever Young*" de Joan Baez e de Alphaville. Um misto de aperto no coração e voo da alma. Um rótulo antigo diria: "coisa de velho!" Quem seria eu para negar? Afinal de contas, aos sessenta e dois anos, juvenzinho é que não era! Dobrara o cabo da boa esperança havia bastante tempo. Poder-se-ia comparar a vida como o galgar de uma montanha: passamos a juventude a escalá-la. Subimos, subimos e subimos. A chegada ofegante ao topo seria o nosso apogeu. Recobramos o fôlego, acalmamos o coração. Em dado momento, dar-nos-íamos conta: a partir daí só restaria a ribanceira para todos os lados. Ah, já fazia décadas que eu rolava morro abaixo!

Eu tropeçava tanto para a terceira idade quanto pela calçada do bairro que, em criança, brincara de pega-pega, pião, esconde-esconde, mana-mula, bolinha de gude, amarelinha, estilingue e empinar pipas. Deus meu, havia quantos séculos e quantas vidas em uma única vida? Barbaridade, dava um nó na cabeça! Nas tripas também... E lá estava eu de volta.

Meu nome? Leocádio.

É, eu sei, eu sei... Um nome tão antiquado quanto eu me sentia, gozando de um tempo que não mais pertencia a mim, em um mundo que não mais era o meu: enorme, incompreensível, absurdo, frio e solitário. Feito o sopro da chuva que estava por vir. Nome de velho...

Quase tudo o que certa vez fora-me familiar e precioso desaparecera no ralo do passado, e as sobras se resumiam à tenuidade das poucas lembranças enxergadas esparsas através da bruma.

Dias antes, ao me ver de malas prontas, Ivan — um vizinho do sul — indagara:

— Pra onde tu vais, Leo?

— Vou pra casa.

Ele ficara confuso:

— Estas a me gozar? Tu moras ali! — apontou para a minha pequena residência.
— Bebeste cachaça em vez de café ou estas feito Pedro?

Pedro era um amigo comum, vítima de Alzheimer, sempre a choramingar pela mãe, falecida meio século atrás, ou desejoso de voltar para casa, sem saber sequer a qual casa se referia.

Não me dera ao trabalho de explicar, limitando-me a acenar um tchau.

— Doido! — sentenciara Ivan entre resmungos. — Leo doidão.

Apenas eu o sabia e somente a mim interessava.

Era a minha síndrome de salmão.

Sim. Fora o nome que dera e isso o que me motivara a viajar centenas de quilômetros até minha terra natal e hospedar-me num pequeno hotel. Um breve retorno às raízes. O impulso de voltar ao lugar onde nascera e passara os primeiros anos de vida. Tantas imagens, tantos sons, tantos odores e tantos sentimentos, todos indistintos como

retratos antigos ou um manuscrito transformado em borrões quase ininteligíveis pela ação da chuva. Páginas aleatórias nas quais fragmentos de parágrafos, orações ou palavras fizeram-se visíveis através da névoa, diluindo-se e tornando-se parte dela. E, não obstante, compuseram a redação de minha essência, alicerces sobre os quais todos os anos de existência, bem ou mal, se assentaram.

Se o destino tem uma personalidade, posso dizer que ela é bem marota, ardilosa até, mas não necessariamente ruim. Imagino-o um titereiro brincando de manipular os cordões e a ficar de tocaia, desfrutando o resultado. Talvez esboce um sorriso. Talvez se sinta indiferente. Talvez — e esse é um grande talvez — de vez em quando fique até surpreso. Possui seu jeito peculiar de escrever as histórias de cada um. Nem sempre — ou quase nunca — tais histórias corresponderam aos anseios das crianças que um dia fomos.

Comigo não fora diferente.

Quando menino, sonhos grandiosos trafegaram por minha cabeça... Queria viajar por terras distantes, cruzar oceanos, conhecer países exóticos, até explorar outros planetas! Queria viver aventuras parecidas às que lia e via nos gibis, livros infantis, desenhos animados e seriados. Era jovem demais para pensar em termos de sucesso profissional, dinheiro ou riqueza material. Crianças não sonhavam com iates, mansões ou limusines, mas em ter asas para voar! Fosse como fosse, não enriqueci, mas tive uma casa com um mínimo de conforto. Jamais viajei para o exterior ou experimentei aventuras dignas de *Indiana Jones* ou *Jornada nas Estrelas*, limitado ao dia a dia na labuta em empregos que me consumiram e nada representaram além de um meio de sustento. Nessa área, a minha maior realização foi a de ter conseguido, enfim, aposentar — um luxo perante as frequentes mudanças na legislação previdenciária.

Amigos — poucos, a bem da verdade — vieram e se foram. Anos transformaram-se em décadas e o vigor da juventude feneceu feito as folhas das árvores ao findar do verão, tal qual as poucas árvores na calçada de meu antigo bairro, dispostas a intervalos regulares, cujos galhos raquíticos lutavam para sobreviver em meio ao concreto, à fumaça e ao asfalto.

Afogado em recordações, tentei reconhecer silhuetas do passado. A vila em geral sofrera incontáveis alterações. Raras foram as casas de minha época que sobreviveram — a maior parte demolida para ceder espaço a construções modernas — e, ainda assim, sujeitas a várias reformas. Custou-me reconhecer, foi doloroso até: o passado que eu procurava não mais existia, exceto dentro de mim, em minhas recordações e em meu coração. Piegas, bem sei, mas quão verdadeiro! Tamanha conclusão trouxe-me um gosto amargo na boca, e uma tristeza que só fez aumentar o sentimento de ser um náufrago na vastidão do oceano a mercê das águas escuras, frias e profundas. Assim caminhava pela calçada, cabisbaixo, quando ergui o rosto e, lá adiante, avistei.

— Não pode ser!

Vinha em minha direção.

Emergia de um passado distante.

Através do nevoeiro e do odor de chuva.

Através do final de tarde e de um céu cinzento.

Era ela:

Elisabeth!

Fiquei gelado.

Agora, ela deveria beirar os oitenta anos, corpo recurvado sob o peso da idade, juventude diluída em um oceano de rugas, a flacidez ocupando o lugar da tez lisa, morna e macia de outrora. Roupas pesadas e largas substituíram as calças *jeans* justas e as camisetas apertadas. O brilho no olhar tornara-se opaco. A ansiedade da libido aquietara-se num remanso. Apesar de todas as mudanças — das quais, certamente, eu compartilhava —, a reconheci. Claro que, em meus tempos de criança, ela não era Elisabeth, mas Dona Beth. Era assim que, no alto dos meus onze anos eu a chamava, embora ela tivesse apenas vinte e oito ou vinte e nove anos na época. A idosa andava de mãos dadas com um homem tão velho quanto ela cuja recordação custou-me mais a chegar: seu marido. Minha surpresa aumentou, bem como o embaraço. Ao mesmo tempo em que procurara algo de familiar naquele lugar, agora, desejava me afundar sob o concreto. Cogitei dar meia volta ou atravessar a rua, contudo, temi chamar a atenção dos dois. Ademais, ficara sem ação. Assim, forcei-me a prosseguir em frente, ajeitando os óculos mais para cima do nariz, deixando os cabelos ralos caírem sobre a testa. Cada metro a menos da distância entre nós, as lembranças vinham e vinham sem bater à porta: desordenadas, petulantes e indestrutíveis.

Elisabeth era moradora tão antiga no bairro quanto a minha falecida mãe. Na verdade, ambas cresceram por lá e, apesar de minha mãe ter sido quase cinco anos mais velha, chegaram até a brincar juntas quando meninas. Ambas se originavam de famílias pobres, mas Elisabeth vivera em situação mais precária e isso não se alterara com o tempo. Já na idade adulta, ativara-se como doméstica em nossa casa enquanto o marido passava a maior parte do tempo ausente devido ao emprego de motorista de caminhão. Meus pais trabalhavam fora, assim, ela meio que assumira também as funções de *babysitter*, cuidando de mim até o fim de tarde.

Não sei ao certo quando ou como acontecera, o início de tudo. Parte dela tinha uma natureza moleca. Lembro-me de que, por alguma razão, brincáramos de perseguir um ao outro.

— Corre, Leo! Pego você.

— Num vai não!

— Peguei!

De repente, ela me prendera junto à porta da cozinha, de costas para mim, corpo arqueado, nádegas pressionando meu estômago: firmes, curvilíneas e carnudas. Ficara extasiado. Nunca sentira algo assim. Veja bem, eu tinha somente onze anos, hormônios prestes a se manifestarem. Ela esfregara-se em mim de uma maneira felina e, suponho, algo dentro dela também apreciara o contato. Dona Beth era casada, mãe de três filhos, a mais velha da minha idade. Seria imaginar o inimaginável. Todavia, as brincadeiras tornaram-se frequentes, bem como os contatos físicos. A curiosidade fora despertada dentro de mim sobre os mistérios do corpo feminino.

Então, houvera aquele início de tarde.

Ela tomara banho e saíra enrolada em uma toalha.

Pensando sobre isso agora, não posso deixar de achar estranho. Se soubra na época a razão dela ter se lavado àquele horário em minha casa, em vez de ir na sua

própria residência, ficara para trás. Teria se cansado e suado tanto a ponto de sentir tal necessidade? Estaria com falta d'água na sua casa?

Fosse o motivo que fosse, a visão de seu corpo — pernas e ombros expostos, a pele úmida, gotículas brilhando — atingira-me feito uma descarga elétrica. Correria para ela, querendo brincar, rosto corado, numa ansiedade crescente de algo que não saberia dizer o que. Ela se refugiara em meu quarto, mas eu a alcançara. Agarrara-me a sua cintura, fizera-lhe cócegas, pulara, rira até ela se sentar no chão. Então, o silêncio pairara, quebrado por respirações descompassadas. Em um misto de birra, desejo e curiosidade, eu puxara a toalha. A princípio resistira, mas, depois, cederia e soltara-se de Dona Beth, revelando seu corpo perante meus olhos. Céus! Como expor em palavras a confusão de sentimentos ao afundar minhas mãozinhas nos seios dela? Voltara a ser um bebê em corpo de garoto e, em paradoxo, um garoto ávido por crescer. Deslizara meus dedos pela maciez daquela carne, sentira os mamilos enrijecerem entre o indicador e o polegar. Provocada a libido, Dona Beth cerrara as pálpebras e passara a murmurar frases entrecortadas. Uma perna se esfregou contra a outra, o tronco se contorceu, os braços serpentearam. Tomou minhas mãos, e elas foram guiadas por seu corpo a semelhança de patinadores de gelo. Mas, em vez de deslizarem na rigidez e no frio, encontraram a textura da seda e o calor por ela emanado.

— Leo... — Dona Beth gemia. — Leo...

Pele alva e macia.

Os olhos cerrados.

Os lábios nos meus.

Murmúrios lascivos.

Eu me via levado por um redemoinho: medo, curiosidade, preocupação, fascínio. Não entendia quase nada de sexualidade, embora já tivesse observado cachorros grudados na rua e convencido uma prima a comparar nossas diferenças. Durante o banho, o jato da mangueira do chuveiro sobre a glândula provocara sensações crescentes de prazer. Também reparara na transformação nas meninas de doze ou treze anos, por mais que fingisse não perceber: o brotar dos seios, o modo ensaiado como ajeitavam as mechas de cabelos sobre os ombros, o acentuar das curvaturas dos quadris e das nádegas, o olhar faceiro, a maneira como os trejeitos casuais se transformavam em modos mais sutis, carregados de significados. Uma de minhas mãos descera do colo de Dona Beth, passara pelo ventre até se perder no vão entre as pernas que, lentamente, se abriram. Eu percebera a alteração da textura da pele lisa para a aspereza da penugem, e, não obstante o calor corpóreo, havia a umidade...

— Oh, Leozinho... Que gostoso!

Minhas emoções conflitantes entraram em ebulição. Quando dera por mim, meu pequeno corpo fora sacudido por espasmos incontrolláveis. Sim! Dona Beth fora a primeira pessoa com a qual eu tivera um orgasmo. Não, não fora através de uma relação — nunca chegamos a tanto —, porém, ocorrera diante da excitação crescente, a imaginação, os murmúrios em meus ouvidos, meus dedos dentro dela: liso, quente e molhado.

Ocasões semelhantes se repetiram, até o dia em que eu e meus pais nos mudamos para uma casa em um bairro mais distante, e Dona Beth deixara de trabalhar para nós.

Fora abrupto assim. Não mais me recordo do quanto senti falta dela. Sei apenas que aqueles momentos permearam as minhas recordações na adolescência e em anos posteriores, senão com a nitidez de uma película cinematográfica ao menos como fragmentos de imagens vistas através da bruma.

Cerca de dois anos depois dela deixar de trabalhar em casa, eu assistira ao filme *"Houve uma vez um verão"*. Vi alguma similaridade no relacionamento das personagens Dorothy e Hermie, ou, pelo menos, fora o modo pelo qual eu preferira me lembrar.

Então, meio século depois, lá estávamos nós na mesma calçada, um seguindo na direção do outro em linha reta, árvore raquítica após árvore raquítica, sob os caprichos do titereiro.

Devíamos estar a cerca de vinte metros um do outro quando a idosa ergueu a cabeça e me avistou. A princípio, não demonstrou a menor reação. Fui inundado por uma maré de alívio. Afinal, desde a criança que fora até o sexagenário que me tornei, as mudanças foram mais acentuadas do que aquelas esculpidas pelo tempo no corpo dela: o grisalho dos cabelos, as rugas pelo rosto, os óculos de tartaruga, a barba por fazer, o corpo alquebrado pelo cigarro. Sim, seria impossível a qualquer um daquele lugar saber quem eu era. Entretanto, eu bem mencionei, o destino guardava suas marotices. Dei-me conta pelo estreitar dos olhos dela, a diminuição do ritmo dos passos de devagar para quase parando, o enrijecer dos ombros caídos, o tremor súbito do corpo, o semblante pasmo como se visse uma assombração: ela também se lembrou de mim!

Apesar da idade.

Apesar da vista fraca.

Apesar do finzinho de tarde.

Apesar da vontade ditar o contrário.

O homem ao seu lado estranhou a parada.

— O que foi, mulher? Tudo bem com você, Beth?

Ela se limitou a acenar um "sim" e a retomar a caminhada.

Se para mim, aqueles momentos de curiosidade, sigilo e descoberta tiveram uma têmpera infantil, óbvio se fazia que, para ela, podiam ter sido de escuridão, medo, lágrimas e arrependimento. Ainda na época dos meus onze anos, soubera através de um amigo de brincadeiras que Dona Beth mantivera um caso com o pai dele. Talvez tivesse tido outros amantes, enquanto o marido viajava. O que ia em seu coração naqueles dias remotos apenas ela poderia responder. Talvez fosse uma momentânea satisfação física e, depois, o esquecimento. Quem poderia decifrar o mistério de sua alma? Para a criança que eu fora, pedofilia, adultério e ninfomania eram palavras desconhecidas, e, caso eu escutasse, complicadas demais para se pronunciar e, mais ainda, para entender seus significados e implicações. De qualquer forma, eu já tinha alguma noção do perigo, pois nunca traí nosso segredo. Embora ignorasse a profundidade dos impulsos e das carências que a dominavam e, decerto, os conflitos tempestuosos em sua mente e coração, o cônjuge continuou ao seu lado. Tive piedade por ele, todavia, minha hipocrisia não foi tanta a ponto de não despertar o erotismo daquelas recordações. Embaraço e volúpia misturaram-se em meus pensamentos. Bem sei que, decorridos mais de dois mil anos, não faltarão críticos ansiosos por atirar a primeira pedra. O que nunca faltou ao mundo foi gente sentada sobre traseiros flácidos a falar mal de traseiro alheio.

Agora, estávamos praticamente face a face.

O marido de Elisabeth reparou em minha presença e, numa cortesia antiga, balançou a cabeça e me cumprimentou:

— Boa tarde.

Respondi:

— Boa tarde.

Não houve o menor sinal de reconhecimento por parte dele.

Elisabeth nada falou, petrificada, mas, por um segundo ou dois, nossos olhares se cruzaram. O assombro transformou-se em alívio. Baixei a cabeça como uma forma de aceno e, na página do meu rosto, escrevi o rascunho de um sorriso. A mulher retribuiu do mesmo modo, dentro da tênue conexão que se formara. Foi o epílogo da escrita de nossas vidas. Cada qual prosseguiu seu caminho até nos tornarmos pequenos demais para nos distinguirmos da paisagem. Andamos em linha reta sobre vidas tortas. Elisabeth fazia parte de uma página indelével da minha infância. A meninice, a adolescência e os anos maduros correram diante de meus olhos feito feixes de luz ou estrelas cadentes. E se apagaram. Da escuridão para a escuridão. Mas as cintilações que geraram, de tão fortes, não se deixaram esquecer no oceano do tempo.

Foi o que aconteceu.

Foi assim que a noite veio.

Dessa maneira, o verão terminou.

Ao retornar de viagem, lá estava meu conhecido, tomando conta da rua como sempre. Saudou-me:

— Ora, ora, quem está vivo um dia aparece.

— Olá, Ivan.

— Voltas de casa, Leo?

— Como assim? — Apontei para a modesta morada. — Minha casa está ali!

Mais uma vez confuso, o velho gaúcho resmungou:

— Continuas a me gozar? Leocádio doidão, doidão feito Pedro!

Não me dei ao trabalho de esticar conversa dado o cansaço.

O que mais posso dizer?

Transformei o pecado, a desilusão, o anseio, a frustração, o desejo e a melancolia em uma breve narrativa, não necessariamente lúcida, tampouco coerente. Nunca me coube julgar Elisabeth: não tinha e nem tenho cacife e, tampouco, moral para tanto. As amarguras e os sonhos não concretizados se prenderam ao crivo do tempo, permitindo passar apenas a neblina translúcida do lirismo. Como o torrencial da chuva que se seguiu àquele princípio de noite: alagaram, infiltraram nas profundidades escuras, mas, no final, uma fração retornara às alturas para compor as nuvens. Eu fora apanhado pelo temporal antes de atingir o hotel, envolvido pelo aroma de terra molhada, o frescor e as vagas de recordações. Em algum lugar dentro de mim, o velho de sessenta e dois anos terminara de correr o caminho de mãos dadas com a criança de onze anos. Presente e passado tornaram-se um só sob o alívio do aguaceiro.

Seus mistérios.

Seus silêncios.

Seus segredos.



SOBRE ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasma de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de trezentas e noventa e uma antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Você escreve?

Descubra chamadas para
publicação e concursos
literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



JAMES JOYCE



James Joyce foi um autor irlandês que viveu de 1882 a 1941. Ele é conhecido por seu estilo de escrita inovador e obras influentes como "Ulisses" e "Dubliners". Joyce explorou temas complexos de identidade, amor e a experiência humana. Sua escrita era experimental e rompia com as convenções literárias tradicionais. As obras de Joyce frequentemente retratavam pessoas comuns e capturavam a essência de Dublin, na Irlanda. Apesar da controvérsia inicial, seus livros tiveram um impacto significativo na literatura.

GEORGE ORWELL



George Orwell, nascido em 1903 como Eric Arthur Blair, foi um escritor inglês conhecido por seus romances perspicazes como "A Revolução dos Bichos" e "1984". Os livros de Orwell retratavam sociedades distópicas e criticavam o totalitarismo. Ele usou sua escrita para defender a justiça social e expor a corrupção política. As obras de Orwell exploravam temas como poder, propaganda e a importância da verdade. Seu estilo de escrita era claro e direto, tornando ideias complexas acessíveis aos leitores.



AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+804 MIL +267 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org

Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.10.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd